

Este exemplar corresponde
à redação final da Tese
defendida por Victor Tomelin,
e aprovada pelo Conselho Julgador,
em 07/11/84.

Comprei, 07/11/84
Vitor Tomelin

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

RELAÇÕES AUTORITÁRIAS EM EDUCAÇÃO - um estudo de caso

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação (Administração e Supervisão Educacional) à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Rubem Azevedo Alves.

VICTOR TOMELIN

Faculdade de Educação

1984

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Comissão Julgadora

[Handwritten signature]
[Handwritten signature]
[Handwritten signature]

Para pessoas muito especiais:

Zezê,

Careca e

Lê.

I N D I C E

INTRODUÇÃO	01
1. Este trabalho	01
2. Objetivos	04
3. Método	04
4. Contextuação da Pesquisa e do Autor	09
4.1. Antes do Mestrado	09
4.2. Mestrado	11
1a. PARTE - MEMÓRIA	
CAPÍTULO I - O Mundo da Minha Infância	15
1. O Lugar	15
2. Minha Família	19
3. Víctor	23
4. A Igreja	27
5. A Escola	31
6. O Lazer	37
CAPÍTULO II - O Mundo do Seminário	41
1. Rodeio	41
2. Rio Negro	53

3. Ascurra.....	59
4. São Manuel	63
5. Aparecidinha	74
6. Na Itália	79

2a. PARTE - ANÁLISE

CAPÍTULO I - O Projeto das Gerações Velhas: Manutenção do seu mundo	85
1. O Lugar da Saudade	85
2. O Projeto	87
3. A Aliança	91
4. A Identidade	93
5. Os Mecanismos de Intimidação	95
CAPÍTULO II - Diriti com'el Fil	113
1. O Lugar da Oração	113
2. O Projeto	125
3. A Aliança	131
4. A Identidade	140
5. Os Mecanismos de Intimidação	145
CONCLUSÃO	171
BIBLIOGRAFIA	177

I N T R O D U Ç Ã O

1. Este Trabalho

Freqüentemente são questões de ordem particular que colocam em evidência problemas gerais. O tema surgiu de uma experiência pessoal com a fala autoritária e o silêncio.

Eu, Víctor Tomelin, personalidade que se constituía pelos discursos de uma cidadezinha de imigrantes italianos, chegados a Santa Catarina há pouco mais de um século, constatei, a certa altura de minha vida, que preservava e repassava alguns aspectos negativos do meu passado, apesar do esforço em contrário.

Minha crescente dificuldade de afirmação pessoal, conseqüência da negação da palavra na infância através de um processo de educação autoritária, tornava cada vez mais complexo meu relacionamento com as pessoas. Foram os outros que me chamaram a atenção para minha maneira autoritária de ser.

A busca de clareza e liberdade esbarravam no conformismo e no medo de ter que mudar. Da falta de coragem de me apropriar do meu discurso decorriam a insegurança pessoal e, conseqüentemente, toda sorte de fracassos e humilhações, sem

pre minimizadas ante a perspectiva de ter que optar por mim mesmo.

Por que tanta resistência?

O mundo humano é constituído pela palavra. Sua aquisição é, portanto, uma das tarefas capitais para todo o indivíduo, porque, vir ao mundo é tomar a palavra.

Porém, para que ele a tome:

. É necessário que ela seja conquistada na relação com outrem.

. Esta aquisição (conquista) só se concretizará se propiciada pelo outro, não sem que ele a tenha conquistado antes.

. Ela deve ser adquirida numa determinada fase da vida.

Aquele que não se apropriou dela se caracteriza pelo silêncio e pela repetição. O silêncio implica em saber que ele compete dizer sempre a verdade: ser transparente, confessar tudo, agir constantemente sob o pensamento "Deus te vê"... e obedecer. Em outras palavras, o silenciado sabe que o poder não lhe pertence. Por isto, ele vive permanentemente sob o impacto do medo e da incapacidade de dizer-se, por não saber o que dizer por se haver esquecido de sua própria fala, pois tudo o que lhe resta é a fala do outro. Sua fala não tem o objetivo de revelar o seu desejo - ele não tem importância - mas de revelar-se para estar, assim, à disposição e sob o controle do outro. De tanto dizer o que é do outro e reprimir o que é seu, ele tem medo de ser ele mesmo. E, por haver aprendido só a fala que não faz lu

gar para o outro, este silêncio tende a re-produzir a fala auto
ritária.

Com a repetição ele quer dizer: eu nada tenho dentro de mim. Não conheço o meu desejo, porque ele foi encoberto com o desejo do outro. O meu eu não é o meu eu, mas o que me foi da
do pela educação. Daí a resistência para mudar, apesar do sofri
mento que a permanência neste estado implica.

Cabe a questão: através destas reflexões, qual é o problema que pretendo abordar?

O presente trabalho é fruto de dúvidas e questionamentos sobre os mecanismos através dos quais o autoritarismo, na e
ducação, se instaura e se re-produz pela negação da palavra. Ou seja: pretendo analisar o processo que gera pessoas incapazes de dizer a própria palavra e sua influência na formação da personalidade. Dizendo de outra forma: se o homem é essencialmente o ser da palavra, ainda muito mais o é o educador. Ora, ele só atingirá seu objetivo — formar pessoas capazes de afirmação pes
soal, isto é, habilitadas a assumir a própria palavra — se ele a tiver conquistado. Diante desta constatação, e premido por circunstâncias particulares de minha biografia, interessei-me em estudar como se geram pessoas silenciadas e repetitivas e re
fletir sobre as condições para o rompimento de sua perpetuação.

2. Objetivos

. Elucidar os mecanismos através dos quais o autoritarismo se instaura e se re-produz, na educação, pela negação da palavra.

. Explicitar as condições para o rompimento de sua perpetuação.

3. Método

Víctor era produto de uma fala que se impôs. Não são ele. Muitos meninos de sua localidade e de muitas outras, parecidas, espalhadas pelo mundo inteiro, passaram e passam pelo mesmo processo, numa grande conspiração silenciosa.

Voltei à minha cidadezinha e lá vi como se gera uma pessoa que tem medo de falar e habita o silêncio dos que sabem que não adianta dizer e daqueles que os outros não permitem que digam. E, junto com este silêncio, a fala obediente (filhos), a fala repetição (alunos), a fala reverente (padre), a fala monossêmica (sociedade) e o medo de dizer o meu mundo. Medo que sinto agora, tanto que tenho medo de escrever o que penso, procurando sempre mais fontes bibliográficas, preservando, assim, o mundo-prisão em que me encontro e a fala autoritária de meu pai, repetida em mim.

Esta viagem me permitiu ver como meus demônios lin
güísticos foram gerados, e, assim, chamá-los pelo nome e exor-
cizá-los. Por esta razão, o trabalho será composto de uma par
te descritiva e outra, analítica, conforme segue:

1a. Parte: MEMÓRIA

É a reconstrução do meu passado educacional, pela
memória, através de uma biografia literária. Consta de seis
capítulos:

- I . O mundo da Minha Infância
- II . O mundo do Seminário
- III . O mundo do Sacerdório
- IV . O mundo do Magistério
- V . O mundo da Empresa
- VI . O Meu mundo.

Todavia, para os efeitos deste trabalho — análise
de um projeto de educação —, considerarei só os dois primei
ros capítulos, pois eles contêm subsídios suficientes para a
consecução do objetivo deste estudo. Os demais quatro capítu
los serão objeto de estudo posterior.

Esta parte, também chamada biográfica, é essencialmen
te prática. Terei simplesmente de contar. Só contar, dizer o
que aconteceu, não de verdade, mas na minha fantasia, porque
foi assim que sofri. Não se trata de renegar o meu passado ,

nem de repudiá-lo, muito menos transformá-lo numa acusação co
lérica contra quem quer que seja. Mas de recuperá-lo, ver as
coisas com novos olhos, com meus próprios olhos, pinçando os
fatos significativos para o presente estudo.

2a. Parte: ANÁLISE

Pensar sobre o contado é a segunda parte, também cha
mada de ANalítica ou teórica, em dois capítulos:

I . O projeto das gerações velhas era a preservação do
seu mundo, criando filhos à sua imagem e semelhança através da
obediência, do ódio aos estranhos e do isolamento, fazendo-os
reviver o passado no presente.

II. O projeto do seminário e do convento era formar
homens e mulheres de oração, pela renúncia a Satanás — na ver
dade, renúncia ao próprio ser —, através da repressão do cor
po, do ódio ao *mundo* e o desdém ao casamento, convictos de
pertencerem à única e verdadeira Igreja de Jesus Cristo e apon
tando o inferno para todos os demais.

Estou interessado em compreender a fala autoritária,
na educação, que se manifesta e perpetua pelo silêncio. Em ou
tras palavras, pretendo:

A. Elucidar, pelo desvelamento da parte biográfica a
través de perspectivas sociológicas e psicológicas, o processo

pelo qual a negação da palavra gera o autoritarismo do pai, do padre, do professor, do marido, do cidadão e da sociedade, produzindo uma criança que, pela incapacidade congênita de falar, se vinga, tornando-se repressora, isto é, incapaz de assumir a própria palavra e, conseqüentemente, de abrir espaços para que outros a conquistem, realimentando, assim, incessantemente, o processo.

B. Explicitar as condições para o rompimento de sua perpetuação.

Como fazer para atingir estes objetivos?

Vou proceder como quem joga xadrez. Cada partida é uma coisa única. É por isto que os jogadores estudam e re-estudam as grandes partidas clássicas. Víctor, biografia, uma partida de xadrez. Única, nenhuma outra igual. Poderia valer como literatura, não como ciência.

Mas, por detrás desta partida e de todas as outras de meninos que passaram por um processo parecido, no mundo inteiro, onde havia comunidades semelhantes, a gente pode notar:

- a. Um objetivo comum: o xeque mate. Os adultos tentam preservar o seu mundo, através da fala autoritária.
- b. Os mesmos atores, as mesmas peças: reis, rainhas, bispos, torres, peões, cavalos = pais, mães, irmãos mais velhos, padres, freiras, professores, fiscais, presidentes, prefeitos e governadores.

c. Os mesmos movimentos de peças semelhantes. A fala autoritária (o silêncio e a repetição na família, na escola e na Igreja). A ameaça de punição (a reprovação no fim do ano ; o castigo divino, mesmo neste mundo; o inferno). A punição (palmatória). A educação tornou-se o processo pelo qual se instaura uma linguagem, colocando dentro o mundo definido por aqueles que estão fora, isto é, os poderosos.

Assim, se a vida do Vitor interessa pessoalmente a ele, para o propósito científico ela interessa como exemplo, entre outros, de uma trama que precisa ser desvendada. Trata-se de desvelar a contradição que envolve o homem, ser inconcluso e destinado à liberdade através da apropriação da palavra, mas que se condena à alienação quando incapaz ou impossibilitado de conquistá-la e assumí-la, porque ninguém tem liberdade para ser livre. É preciso conquistá-la para sê-lo.

Não se trata de uma acusação dos fracos contra os fortes, nem dos muitos contra os poucos, pois sabemos que nenhuma sociedade pode subsistir sem controle social e que queremos obedecer às regras, isto é, queremos os papéis que a sociedade nos atribuiu.

"É inteiramente correto dizer que a sociedade é um fato objetivo, que nos coage e até nos cria. No entanto, também é correto dizer que nossos próprios atos significativos ajudam a sustentar o edifício da sociedade e podem oportunamente ajudá-la a modificá-lo. Com efeito, as duas afirmativas encerram o paradoxo da existência humana: a sociedade nos define, mas é por sua vez definida por nós. Este paradoxo constitui aquilo a que já aludimos antes, em termos de conluio e colaboração com a sociedade". (1)

(1) BERGER, P. *Perspectivas sociológicas*, Vozes, 1980, p. 144.

O que está em jogo não é seu pai, mas o fato de ele ser um tipo semelhante a muitos outros que operavam e operam de forma parecida. Trata-se, enfim, de desvelar a trama deste "conluio e colaboração" pelo qual muitos de nós não sō aceitamos e aprovamos o silêncio imposto e o repassamos, às vezes com maior intensidade, bem como explicitar as condições para o rompimento desta perpetuação.

4. Contextuação da Pesquisa e do Autor

4.1. Antes do Mestrado

Blumenau (SC), até 1870, era formada na sua maioria por imigrantes protestantes alemães, de confissão luterana. As sucessivas divergências e atritos com a minoria católica — então a religião oficial, a única reconhecida —, chegaram aos ouvidos dos Conselheiros da Corte, no Rio de Janeiro, os quais, temendo um *quisto religioso* na colônia, induziram o Governo Imperial a cercã-la com imigrantes de acentuada convicção católica.

Para assisti-los veio José Maria Jacobs, alemão naturalizado americano, onde se formara padre da Congregação dos Pregadores Redentoristas, transferindo-se, depois, para o clero secular.

"De gênio severo, caráter ativo, excessivamente àspero no falar, intolerante e sobretudo autoritário, jamais admitia curvar-se a quem quer que fosse, se não à vontade de Deus. (...) ..., fora preparado para a pregação especialmente dirigida à refutação das doutrinas luteranas, para o que sentia-se preparado a combatê-las, não só por sua inteligência de escol e grande capacidade de argumentação, como também pelo seu entusiasmo e destemor. Pe. Jacobs era, assim, o elemento indicado para neutralizar o 'quisto religioso' que se estava formando na Colônia de Blumenau, vinda daí sua escolha, por parte do Governo Imperial e indicação do Papa Pio IX para primeiro vigário da então recém-criada Paróquia da Freguezia de São Paulo Apóstolo..."(2)

Estas circunstâncias explicam a chegada, a partir de 1875, de "elementos reconhecidamente católicos, recrutados no Tirol trentino, então sob a jurisdição da Áustria, mas de fala italiana..."(3). Um pequeno grupo deles foi alocado no município de Rodeio, no lugarejo que denominaram São Virgílio.

Foi aí que nasci em 1938. Minha família era semelhante em tudo às demais. Caracterizava-se pelo forte espírito religioso que se resumia no respeito, admiração e, sobretudo, obediência de todos ao padre, dos filhos aos pais e aos irmãos mais velhos, pelo ódio aos estranhos, pelo isolamento, pela conservação da língua de origem e das tradições e pela saudade da velha Itália, fazendo os filhos re-viver o passado no presente.

Ter filhos padres ou freiras era o grande sonho dos Velhos. Ir para o seminário ou para o convento era a ambição da maioria das crianças do lugar. Daí foi fácil transplantar para a família a disciplina do mosteiro. Conseqüentemente, a obediência tornou-se a virtude mais praticada no Cincoenta e o silên-

(2) FINARDI, E.J. *Colonização Italiana de Acurra - 1876-1976*, Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Blumenau, SC, 1978, p. 58.

(3) FINARDI, E.J. *Colonização Italiana de Acurra*, p. 22.

cio, isto é, a incapacidade de afirmação pessoal, sua marca registrada.

Esta deixou vestígios na maioria dos meus conterrâneos. A recuperação da palavra e da auto-afirmação, em muitos casos, como no meu, só aconteceu bem mais tarde. Foi lenta e dolorosa, cheia de avanços e recuos e nunca de modo definitivo. A concretização do desejo de meu pai, que no fundo era o meu também, me envolveu de tal forma que só consegui abandonar o sacerdócio três anos após sua morte, apesar das inúmeras tentativas anteriores, porém sem sucesso.

A nova vida não significou necessariamente vida nova. A incapacidade de auto-afirmação aliada à ruptura com o meu passado eram o pano de fundo de todas as minhas frustrações na vida profissional, familiar e social. Acreditava que o magistério superior seria a solução para o meu problema. Como ele exigia um curso de Mestrado, nunca me empenhei seriamente em fazê-lo.

4.2. Mestrado

A não ser, quando em março de 1982, resolvi agarrar com todas as forças a oportunidade de cursar o Mestrado, na UNICAMP, com uma bolsa de estudos da FURB - Fundação Educacional da Região de Blumenau, SC. Admirava a competência dos professores e invejava a tranquilidade dos colegas que expunham com facilidade seus pontos de vista, ora defendendo-os com entusiasmo, ora admitindo suas próprias limitações com naturalidade.

dade. Acreditava que o estudo, as leituras e o contato com o ambiente acadêmico me devolveriam a loquacidade que eu tanto admirava e ambicionava. Esperei em vão. Meu problema não era de conhecimento, mas da palavra.

Não sô não conseguia falar, apesar de muitas vezes também possuir contribuições a dar, bem como sentia-me impotente para concordar, discordar, complementar, refutar ou contestar suas colocações. Frustrava-me sobretudo, a constatação de que me deixava envolver totalmente pelo raciocínio dos outros, fazendo sempre minhas suas conclusões.

Os primeiros cursos — 'Evolução da Educação Brasileira', com o Prof. Saviani e 'Teoria das Organizações Educacionais', com o Prof. Tragtenberg, me ajudaram a ver a realidade sob nova luz, mas não resolviam o problema. Um novo horizonte começou a surgir com o Prof. Rezende, através do curso 'Fundamentos Filosóficos da Educação' e de contatos extra-classe. Nunca conseguia articular uma sô palavra na sua aula, mas as dele calavam fundo. O que mais me tocou foi quando ele disse que a descoberta do sentido que a nossa vida está tendo é o objeto da educação. Isto implica em participação. Tomar parte é viver hoje em continuação com o passado e para o futuro.

Daí a concluir que a história de cada um deve ser entendida como um continuum no interior do qual não se admite o desaparecimento da fase precedente e que o sentido da nossa vida estará truncado enquanto nos faltar o sentido global, foi um passo.

Comecei a pensar que a recuperação da palavra implicava necessariamente na reintegração do meu passado, pois uma pessoa truncada não fazia sentido. Muitas pessoas se esforçaram

para me ajudar. O apoio da Profa. Maria Amélia A. Goldberg se ja em aula, quanto em contatos informais, foi muito importante. Todavia, a maior lição veio do Prof. Paulo Freire pelo seu res peito ao ser humano e de modo particular, quando ele disse que o povo que não tiver sua história em suas mãos, nunca será li vre.

Daí, e estimulado pelo Prof. Rubem Alves, fiz uma viagem ao meu passado, reconstruindo-o pela memória. O início se deu de improviso e seu desenvolvimento de forma impensada. Em menos de três meses já tinha escrito mais de duzentas pági- nas. Sô fazia escrever. O processo era muito doloroso, envolven- te e compulsivo, ao mesmo tempo que sentia muita resistência ao começar novas etapas. Várias vezes pensei em parar. Sustentava- me a certeza de que aquele sofrimento era parte do preço da minha libertação. A primeira vez na vida em que eu acreditava que ele estivesse valendo para alguma coisa.

Estava finalmente com minha história em minhas mãos. Cheia de contradições e de dor. Havia alegrias também, e parti- cularmente um silêncio total. Sô então percebi o quanto minha vida era confusa. Comecei a organizá-la, ciente de que colocar as próprias idéias em ordem é pôr ordem na própria vida.

Impressionado com o espaço concedido ao silêncio im posto, na educação, e sua influência na formação da personali- dade, pensei em aproveitar parte daquele material para elucidar como o autoritarismo se instaura pela negação da palavra e se auto-perpetua através dos silenciados incapazes de assumi-la e, ao mesmo tempo, de abrirem espaços para que os outros a conquis tem, bem como explicitar as condições para o rompimento de sua perpetuação.

Nesta fase não posso deixar de citar o Prof. Guillermo Raul Ruben e a Profa. Eni Orlandi no que se refere, respectivamente, à Identidade das Comunidades e ao Discurso Autoritário, particularmente na escola. Ambos me atenderam com muita dedicação e leram tudo o que escrevi até agora, podendo afirmar o mesmo, em proporção menor, em relação ao Prof. Carlos R. Brandão e ao psicoterapeuta Luís Falivene.

Influência direta tiveram a psicoterapeuta Cláudia Ometto C.V. Vallin que me ajudou a reintegrar o meu passado, e o Prof. Rubem Alves, meu orientador principal que, com toda liberdade, me propiciou contactar profissionais das mais diferentes áreas. Sua competência e não diretividade faziam com que o duplo projeto — dissertação de Mestrado e minha recuperação de palavra —, chegasse a bom termo, porque *"Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo."*

() FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 10a. ed., 1981, p. 92.

1a. PARTE - M E M Ó R I A

CAPÍTULO I - O MUNDO DA MINHA INFÂNCIA

1. O Lugar

Quando meu avô Antonio Tomelin chegou da Itália, em 1875, juntamente com outros imigrantes italianos, dirigiu-se a Blumenau, na época, centro político da região, onde adquiriu seu lote ao longo da *Picada de Rodeio*. Fica a meio caminho entre aquela cidade e Rio do Sul, num desvio da estrada principal, entre Timbó e Ascurra. Lugar montanhoso, isolado e de difícil acesso, tendo como ponto dominante a igreja com sua torre e seu sino no alto do morro mais central e estratégico, do qual se divisavam as propriedades subjacentes. Cincoenta e/ou São Virgílio foi o nome dado ao lugar.

Nossos imigrantes eram provenientes do Tirol, no norte da Itália, então território austríaco. Aliciados pelos agentes de imigração do Governo Imperial do Brasil, na Europa, deixavam sua terra natal, não sem antes terem assistido à mis

sa e recebido uma bênção. Dois meses depois de terem embarcado em Gênova, desembarcavam no porto de Itajaí, em Santa Catarina, com o coração cheio de saudade, mas também com muita esperança num futuro melhor para si e seus filhos, fundamentados nas promessas feitas na Itália de que a igreja estaria pronta e que o padre e o médico os receberiam de braços abertos.

No lugar da cidade de Blumenau, encontraram alguns barracões e poucas casinhas de madeira. Abandonados à própria sorte, não lhes restava outra solução a não ser a solidariedade diante de tantas adversidades. O ambiente era hostil. Suas casas deviam ser construídas abrindo-se uma clareira na mata, enfrentando animais ferozes, mosquitos e cobras venenosas. Chuvas intensas provocavam enchentes periódicas do rio Itajaí Açu, isolando-os ainda mais das outras localidades e, provocando muitas vezes, a perda de suas colheitas. Não podemos esquecer as epidemias desconhecidas que dizimavam parte do gado e dos animais domésticos. Os gafanhotos que devastavam pastagens e lavouras. Os perigos da derrubada das matas para o preparo das primeiras roças, mas, sobretudo, os contínuos sobressaltos dos ataques dos Índios botocudos que desciam dos contrafortes da Serra do Mar em certas épocas do ano, quando seus alimentos preferidos como o pinhão e a caça minguayam. No início limitavam-se à pilhagem das roças e animais domésticos, especialmente cachorros. Posteriormente tornaram-se mais agressivos, atacando também pessoas, muitas vezes revidando os ataques dos colonos que se organizaram em bandos, chamados *bugreiros*. Tinham a finalidade de executar batidas periódicas nas matas vizinhas a fim de assustá-los e afugentá-los com detonações de armas de fogo, que os amedrontava muito.

Pietro Trentini, um dos pioneiros, referindo-se aos bugres, compôs o seguinte soneto:

AI BOTOCUDI

*Autentici selvaggi, oh botocudi
 Che andate errando nei vicini monti,
 Quanti potremo far strani confronti
 Fra noi, vestiti, e voi, selvaggi nudi!
 Sfruttati e sfruttatori, iloti e arconti,
 Traficante de donne a suon di scudi,
 Di Mercurio e di Marte sacri i ludi
 Questa la civiltã, in fin dei conti.*

*Qual vostra, non so. Ma fin che un giorno
 Giustizia e Liberta non sian palesi,
 Oh botocudi, non andate attorno.*

*Per questi civilissimí paesi,
 Dove la veritã non vale un corno,
 E dove impera sol la catechesi. (5)*

A locomoção para Blumenau, distante 45 quilômetros, era difícil e cheia de perigos. A estrada não passava de uma trilha, aberta a facão, no meio do mato, conhecida como *Picada de Rodeio*.

(5) Citado, sem tradução, por FINARDI, E.J., *Colonização Italiana de Acurra*, p. 130.

As propriedades eram relativamente grandes. A localização da casa estava sempre em função da lavoura. Os lotes do *plano* e, ao redor da igreja, foram comprados pelos de mais posses. Os outros se ajeitavam aos pés dos *morros*. Nestes últimos cultivava-se, sobretudo, milho, ao passo que nos primeiros mais arroz. Em ambos, porém, a colheita era diversificada, acontecendo o mesmo em relação à criação de animais domésticos.

Sua alimentação era farta e variada. Havia palmitos e frutas silvestres durante o ano inteiro. Antas, veados, capivaras, pacas, tatus, porcos do mato e outros animais forneciam carne abundante. Sem falar das traíras, jundiãs, cascudos, mandis e outros peixes, presas fáceis de covos e balaíos, feitos de taquaras e cipós. Nhambus, macucos, jacutingas, jacus, urus, tucanos, periquitos, papagaios e outros pássaros eram facilmente pegos em arapucas. As espingardas eram utilizadas só para a bater os animais maiores, economizando-se a munição para a defesa contra os ataques dos bugres.

O professor, também chamado de Maestro, um homem do lugar por eles mantido. Além de sua atividade normal, no período da tarde, era também o sacristão — cuidava da igreja —, e o professor de doutrina das crianças que iriam fazer a primeira comunhão. Ele ensinava na língua de todo mundo, o dialeto trentino. A escola era paroquial, isto é, da Igreja.

2. Minha Família

Sou o décimo primeiro de treze irmãos, de uma família que se assemelhava em tudo às demais. Às quatro e meia da matina a turma toda se levantava para tratar os animais, tirar o leite das vacas e encaminhar-se para o serviço, sem distinção de sexo e idade, exceção feita para as crianças pequenas e em idade escolar. Quem ficava arrumava a casa, olhava os pequenos e os que iam à escola, preparava o almoço e o levava aos demais, unindo-se a eles no trabalho, até o escurecer. Os pequenos, no período da tarde, ficavam sob a vigilância dos que voltavam da escola, que eram poupados da roça para estudar.

Ter uma família numerosa era considerado um dever e um orgulho. Estigmatizava-se o trabalho braçal como inferior, contraposto à atividade intelectual, destinada às pessoas inteligentes e superiores, no seminário, para os meninos e no convento para as meninas. A vida religiosa era apresentada como uma grande graça, a maior de todas, reservada a poucos, muito inteligentes. Era considerada como a antecipação do céu na terra e a garantia de escapar às durezas do trabalho na lavoura.

Os casamentos só podiam ser celebrados entre as pessoas do lugar, mesmo se fossem parentes próximos. Os filhos, geralmente os mais novos, sempre homens, sofriam as conseqüên-
cias. Eram raras as famílias livres de problemas desta natureza. Foi o que aconteceu na minha casa e na de duas irmãs de minha mãe, casadas com três irmãos, primos entre si.

Ele tinha que ser celebrado sempre fora do período quaresmal, aos sábados de manhã, com a participação de todos

e com a maior pompa possível. Os festejos, com muita fartura e alarido, se prolongavam até o fim da tarde de domingo. Era a única vez em que o baile era tolerado pelos zelosos padres que atendiam no lugar.

Sõ mais tarde entendi porque aquele da minha irmã Etelvina tinha sido feito com tanta discrição. Foi antecipado, devido ã mudança da família do noivo, caindo justamente nos fatídicos quarenta dias que antecediam a festa da Páscoa.

Os estranhos eram muito suspeitos e evitados quando atravessavam as terras. Os brasileiros eram apresentados a nõs, crianças, como pessoas sem amor ã família, ã agricultura e, geralmente, sem religião. Em suma, uma espécie de aventureiros, com os quais não nos era permitido falar sob pretexto algum. Os pretos, como bichos perigosos, dos quais fugíamos apavorados. Eles eram suspeitos e admirados. Primeiro por não pertencerem ao grupo. Segundo, por falarem fluentemente uma língua estrangeira, o português. Nõs sempre tivemos empregados em casa por que meus irmãos mais velhos, ao completarem dez anos, deixavam o lar. Meu pai, porém, sõ admitia trabalhadores de outras colônias italianas.

Em casa sõ se falava o dialeto trentino. Era assim em todas as casas, na igreja e na escola e nas demais dependências da localidade. Quem não o falasse era mal visto, olhado com reservas, quase um traidor, um renegador de seu passado e de seu grupo.

Lembro-me de comentários a respeito de um rapaz, balconista na *Sociedade* - o maior armazém local. Ele iniciava o diálogo em português, apesar de ser do lugar e conhecer todo

mundo. O fato gerou comentários desabonadores a seu respeito e a nós o conselho de "não dar confiança, contar logo o papo de le, conversando somente em trentino". Em outras palavras, não ceder. Ele tinha que voltar ao grupo, falar a língua de todo mundo, de novo.

A obediência era a virtude mais praticada nas famí-
lias do Cincoenta. Nós, filhos, éramos treinados para obedecer e respeitar os pais e os mais velhos. Os irmãos menores a faze-
rem o mesmo em relação aos maiores, que assumiam automaticamen-
te, na ausência dos pais. O uso da vara era admitido, tolerado e abusado. Não sō. O que eles tivessem ã mão servia para inti-
midar os pequenos.

Meu pai era tão obedecido que não precisava nem man-
dar. Seus desejos eram satisfeitos pelo simples barulho de seus
tamancos no soalho de madeira da sala de visitas, mesmo quando
este barulho era falso, imitado pela Etelvina, ou por um de
nós, menores, para acabar com uma discussão, briga ou exigir
o cumprimento de uma ordem que seria pacificamente executada ao
simples pensamento de sua presença.

Aos filhos nunca nos era concedida a palavra. Em
qualquer lugar onde adultos estivessem conversando, não era permitido
às crianças se aproximarem, muito menos interromper a conversa
ou dela participar. Era assim diante dos pais, dos mais velhos,
das visitas, na igreja e na escola. À noite, não era permitido
aos irmãos conversarem na cama. Deitou era para dormir e ponto
final.

As refeições eram feitas em silêncio. Nós, crianças,
na maioria das vezes, sentávamos no chão. Era-nos proibido con-

versar ou rir entre nós. Como costuma acontecer nestas ocasiões, qualquer coisa pode provocar um acesso de riso. Já cheguei a apanhar por causa disto.

A severidade de meu pai se aliava à sua falta de carinho. Dificilmente nos pegava no colo. Às vezes eu o disputava com minha irmã mais nova, a Ármide. Ao chegar da roça, ele sentava numa cadeira da cozinha, tirava as botas e, ela corria para ele. Eu fazia o mesmo. Ele brincava um pouco de cavalinho, balançando ora a perna direita, ora a esquerda, onde eu estava. Esta cansava logo. Me mandava descer, alegando que eu já era grande.

E ela ria para ele, agora de pé, sobre as duas pernas. Ele gostava dela. Dizia que ela se parecia com o Menino Jesus, apontando para um cartão postal dele, transformado em quadro e pendurado na parede da sala. Ela se assemelhava pelos olhos azuis, mas, especialmente, pelos seus cabelos loiros e encaracolados, como se costumava naquele tempo.

Um dia, meu irmão Ervino, ao nos visitar, confundiu, entre as fotos penduradas na parede da sala, o cartão do Menino Jesus com a foto da minha irmã. Sentia que era tratado diversamente. Não sabia explicar, mas sentia-me rejeitado. Queria para mim o mesmo tratamento que ele tinha para a Ármide.

Minha mãe era uma pessoa excelente, admirada e respeitada por todos e, sobretudo, muito submissa a meu pai, e sempre adoentada. Ela não manifestava o afeto e o carinho que sentia pela gente. Não me lembro de ter recebido um único abraço. Um beijo sequer. Não consigo lembrar sua voz, apesar de eu ter 13 anos quando ela morreu.

Quando eu tinha uns 6-7 anos, foi feita uma festa na casa do tio Estêvão, porque meu primo voltava são e salvo da Itália, com a Força Expedicionária Brasileira. Também fui. O que me marcou não foi só ver minha tia beijar o filho e chorar abraçada a ele, mas, especialmente o comentário de alguém: "Vo
cê viu que belo abraço que a tia Rosina deu no Leopoldo?" Fi
quei encabulado porque ele foi tão abraçado e beijado e porque tantos choravam. Afinal de contas, o que era um beijo da mãe? E um abraço?

3. Víctor

Apesar de pertencer a uma família numerosa, convivi muito pouco com meus irmãos. Dos quatro filhos do primeiro ca
samento, as duas moças casaram novas e os dois rapazes saíram cedo de casa para trabalhar num armazém de meu pai, noutra lo
calidade. Dos nove filhos do segundo casamento, cinco das seis mulheres, ao completarem dez anos, entraram para o convento, quatro das quais continuam até hoje. Dos três filhos homens, o mais novo não pôde entrar no seminário por motivos de saúde, os outros dois só conseguimos sair depois dos vinte e cinco anos ou mais.

Minhas irmãs mais velhas costumavam trocar presentes de aniversário com suas primas. Uma vez fiz a Maria desemb
lhar um que era para sua prima Inês. Era o busto de uma santa.

Fiquei contente de ver e muito triste também. Eu não tinha amigos. Nunca fizera amizades com ninguém, nem em casa, nem na escola. Nunca recebia presentes de ninguém, nem menção de meu aniversário, tanto que aos dez anos eu pensava que ainda tivesse nove.

Meus primos e sobrinhos vinham brincar diariamente em casa. Ao passo que eu não podia ultrapassar os limites de nossa propriedade para brincar ou para assistir o jogo de futebol, aos domingos, no pasto do Anselmo, a uns trezentos metros de distância. Foi-me proibido tanto de sair, que as poucas vezes em que me era permitido, preferia ficar.

Uma tarde fiquei em casa com a Amália que estava fazendo doce. A Armide e o Alcides, meus irmãos mais novos, tinham ido brincar na casa da Elza, que já tinha filhos da minha idade. De repente escutei um barulho de crianças que se aproximava. Corri à porta da frente e vi o calhambeque da *Sociedade* atonetado de crianças felizes, entre elas meus irmãos e meus sobrinhos. Meu cunhado, que era o motorista daquele armazém, e as crianças acenaram para mim e sumiram aos poucos, envolvidas pela poeira que o carro levantava. Assim fiquei novamente sô, comendo o doce de laranja.

Uma vez estava na roça, ajudando num serviço qualquer. Gostava de trabalhar, de ajudar. Um dos empregados comentou na minha frente, com meu pai: "*O Victor vai dar um bom trabalhador, quando crescer*". Ao que ele imediatamente retruco: "*Pois é, mas quando ele crescer, ele vai para o seminário. Não vai trabalhar no pesado*". E implicava comigo porque trabalhava. Dizia que não devia forçar, pois era pequeno.

Desde que me conheço por gente, queria ser padre. Para tanto consegui o apoio, a orientação e o patrocínio de meu pai que endossou meu projeto, comprometendo-se a fazer com que chegasse a bom termo. Não sô meu pai. A família inteira se solidarizou e somou esforços para que nada perturbasse tão promissora vocação.

Submeti-me a ele e sacrifiquei heroicamente tudo o que pudesse atrapalhar nosso plano. Nem tudo eram rosas. Mas... "É para o seu bem". Ou: "Agora você não entende, mas um dia inã me agradecer" — frases dele para os momentos mais difíceis — quebravam minhas resistências mais fortes. Quando estas frases já não eram mais tão eficientes, ele usava outros subterfúgios e estratagemas.

A bem da verdade, nunca soube direito se era eu que queria ser padre ou se foi meu pai que me convenceu disto. Parece que as fronteiras entre eu e ele não eram muito claras.

Às cinco e meia da matina da sexta-feira ou do domingo, a missa começava. Tinha que estar lá pontualmente e, um pouco antes, para ultimar os preparativos. Não podia atrasar. Muito menos faltar. Meu pai não perdia a hora, nunca. Disto eu tinha certeza absoluta. Havia outros coroinhas. Mas fiéis mesmo éramos o Natal e eu. Eu, então, era fidelíssimo.

Se houvesse cinco missas num domingo, caso das fêrias dos padres filhos do lugar, eu ajudava as cinco, o que não era tão raro, pois havia várias famílias com dois ou três filhos nesta condição. Os do Felício Berri, onde meu pai ia constantemente ouvir rádio, apareciam frequentemente. Era assim. Era ordem dele. Não precisava nem mandar. Eu fazia e ainda lhe dava razão.

O Natal dava seus canos e tinha seus truques para ludibriar a opressão e me passou alguns deles. Sair da missa durante o sermão. É preciso lembrar que o sermão daquele tempo era pra valer. Durava 40-50 minutos ou mais. Saíamos pela porta da sacristia e ficávamos batendo papo lá fora. O outro era beber vinho. Eu não tomava nem aquele que sobrava no fim da missa. Para mim, tudo era sagrado. Tocar no cálice era pecado. Imagine tomar o vinho do padre, diretamente da garrafa.

Um dia, pouco antes da missa, o Natal, olhando pela janela da sacristia, na direção do nosso arrozal que ficava além do pasto do tio Arcângelo, me fez uma pergunta à qual não soube responder, nem retrucar: "*Por que seu pai manda você à missa e ele nunca vem?*"

A própria janela encarregou-se de dar-lhe a resposta. Num movimento infeliz, ele derrubou com o cotovelo, o sarrafinho que a segurava suspensa. Ela desceu com tudo, travando-lhe o pescoço e os braços. Ele armou o maior berreiro, no que foi socorrido pelo Frei Ladislau que estava chegando. Depois de ter libertado o infeliz, disse sorrindo: "*Estã vendo, Natal, o castigo vem à cavalo.*" Para mim aquilo foi uma advertência à pretensão de querer criticar meu pai e me firmei ainda mais na minha idéia: meu pai sempre tinha razão.

4. A Igreja

Deus era apresentado como um pai muito severo e exigente, que punia, muitas vezes em vida mesmo, os transgressores de sua lei. Era todo-poderoso, sábio e onisciente. A igreja era sua casa. Mas ele estava em todo lugar. Era como um olho grande, no alto da torre, ao qual nada escapava. Era inútil querer esconder-se: ele estava dentro da gente.

Era dito a todos que ele merecia o melhor. Nada se lhe podia negar, nem a sua igreja, nem a seus ministros. O povo chegava a sacrificar-se a si mesmo e a seus familiares, contanto que padres e freiras tivessem o maior conforto possível. A igreja era construída em regime de mutirão, com material doado pela população. Eu era criança quando foi construída a atual. Lembro que meu tio João, comentou, um dia, com orgulho, que nossa igreja já tinha planta. O pastor protestante de uma localidade vizinha a pedira emprestada ao padre para tirar umas idéias. Ele lamentou a atitude do padre, dizendo que eles "nunca conseguiriam fazer uma igreja tão bonita que nem a nossa".

Sua importância estava acima de qualquer suspeita. São Virgílio, padroeiro local, ou Cincoenta, o número do lote da igreja, foram os nomes dados ao lugar, que perduram até hoje.

Entrávamos na igreja em fila, de mãos postas, em silêncio, rezando ou cantando, indo aos nossos lugares, um após o outro e ali permanecendo até nova ordem, não sem antes termos feito, todos juntos, a genuflexão no corredor. Este gesto devia ser repetido toda vez que entrássemos, saíssemos ou passássemos de um lado a outro. Tínhamos que tocar o joelho no

chão e inclinar a cabeça. Aí tudo era sagrado. Era a Casa do Senhor. Todavia, o lugar mais importante era o altar. No meio dele, bem visível, o Sacrário, o Santíssimo, o "Santo dos Santos".

La Campana - o sino - no cimo da torre, era o ponto alto das atenções dos moradores. Quando ela tocava, podia significar que ia haver missa naquele dia ou no dia seguinte, que o padre tinha acabado de chegar, que ele ia começar a atender as confissões das crianças ou dos adultos, que ia levar a comunhão a algum enfermo, que a festa ia começar ou que ela devia ser encerrada, que era o primeiro ou o segundo sinal antes da missa, porque *i bōti* — a entrada — devia encontrar cada um no seu lugar, meninas, moças e mulheres com seus véus pretos ou brancos do lado esquerdo, e, os meninos, moços e homens do outro, assim permanecendo até o fim, porque o padre era sempre o último a chegar e o primeiro a sair.

Contavam-nos histórias terrificantes para nos convencerem da veracidade de suas afirmações. Assim, só o padre podia tocar nos objetos sagrados, no cálice e na hóstia. Esta, ao ser colocada por ele sobre a língua do cristão, devia ser engulida sem mastigar. Devíamos também beber um gole d'água, depois da comunhão, antes de tomarmos café, por respeito. As mulheres não era permitido ajudar a missa por serem muito teimosas. Davam-nos como exemplo o *KYrie Eleison* (Senhor, tende piedade de nós), invocação repetida várias vezes entre o padre e seu ajudante. Achavam que elas insistiriam em recitá-la por último, em vez do padre, como mandava o ritual.

Um dia eu estava ajudando missa do Frei Pascoal, pa-

dre muito irascível. Ao terminar de distribuir a comunhão, voltamos ao altar. Ao abrir o sacrário para nele guardar o cálice com as hóstias, escapou-lhe a mão, batendo no cálice que saiu tilintando pelo chão, deixando hóstias atrás de si. Imediatamente entoou um canto, e, mais vermelho do que de costume, desceu para recolhê-las, limpando o lugar de cada uma com um paninho branco, embebido numa água especial. O povo cantava e olhava. Tive vontade de ajudar. Mas era pecado.

O inferno era muito mencionado. Falava-se ainda do purgatório e do céu. E do limbo também. Os pais eram induzidos a escolher um nome para seus filhos de acordo com o humor do padre e a batizá-los o mais rápido possível. As crianças que morressem sem o batismo iam para o limbo, lugar sem sofrimento, mas triste e muito escuro. Posteriormente ele foi desativado, tomando as crianças rumo ignorado.

O padre era o representante de Deus, e, conseqüentemente, a maior autoridade local. Ele sempre falava do púlpito, a respeito de tudo e de todos. Os cristãos são escutavam. Discorria sem contestação sobre os mais variados assuntos: quanto ao número de filhos que o casal podia e devia ter e como educá-los. Como rapazes e moças deviam namorar. Demarcava os limites até onde os noivos podiam se aventurar. Decretava aos casais como devia ser seu relacionamento íntimo. Ditava regras sobre vestuário, cabelo, perfume, festas e diversões. Era ele que tomava a dianteira para resolver o problema de uma seca, de pragas na lavoura, de uma peste entre os animais, de um desentendimento entre casais. Enfim, sua competência era universal: cobria o ser humano do nascimento à morte e até no outro mundo.

Ele aprovava e desaprovava. Perdoava e condenava. A bençoava e amaldiçoava. Ele conhecia tudo e todos. Era o eleito de Deus e o respeitado pelos homens. Gozava de vários privilégios. Haja vista o dito atribuído a São Francisco de Assis e constantemente lembrado no lugar: "Se eu encontrar um anjo e um padre, cumprimentarei primeiramente a este, depois aquele". Às quintas-feiras, as mães davam às crianças que iam à escola, um litro de leite, ovos, manteiga, lingüiça, frangos e outros gêneros para o padre que vinha para rezar a missa no dia seguinte.

Ele era apresentado a nós, crianças, como "o Homem de Deus, que rezava e estudava, e, sobretudo, aquele que não trabalhava, que se alimentava bem e dormia um sono tranquilo". Frei Ladislau era conhecido como o pacífico. Eram frequentes as expressões: *Vida de Padre* como sinônimo de vida boa; Comi que nem um padre, significando comi muito bem. Consequentemente se dizia também: *Barriga de padre é cemitério de galinha*.

Minha infância se caracterizou por uma mesa frugal, mas farta. A polenta era o prato do dia e, aos domingos, o macarrão mais o pudim ou o sagü com vinho. Eu invejava o padre. Para mim, todo dia era domingo para ele.

Ser padre na época, era o sonho acalentado por muitos meninos e, para as famílias, o maior orgulho. Para induzir seus filhos a entrarem no seminário, o trabalho na roça era apresentado como muito ameaçador e, a vida no seminário, com uma série de vantagens: "Você vai ter tudo. Não vai precisar trabalhar. Nós trabalharemos para você". Porém, os que abandonavam o seminário eram pichados de fracassados, ou pouco inte

ligentes, quando não, predestinados à condenação eterna.

5. A Escola

Com a *Nacionalização do Ensino*, em 1942, o Governo proibiu todas as línguas estrangeiras, impondo o português mesmo através da violência física. O veto ao trentino em todas as dependências da localidade e a todas as pessoas foi total e irrestrito, sobretudo na escola. Os livros em italiano foram escondidos ou queimados. Adultos e crianças emudecíamos à vista de estranhos.

Quando comecei a frequentar a aula, três anos depois, o veto ao trentino limitava-se às dependências da escola. A maioria das crianças da minha idade não sabíamos falar quase nada de português. Era evidente que ficávamos tensos e inseguros, primeiro por não falarmos fluentemente nossa língua, depois pelo medo de sermos ridicularizados por não conseguirmos pronunciar corretamente certas palavras, especialmente as nasais, como mãe, coração, pão e, particularmente, pelo medo de apanhar.

Apesar de serem do lugar ou de outras localidades vizinhas, as novas professoras, também conhecidas como Maestras - freiras da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, fundadas em 1914, por um padre de Rodeio para substituir os professores homens -, endossaram completamente a orientação do

Governo e não hesitaram em usar a vara contra seus próprios ir mãos e parentes, obrigando-nos a falar o português sem o saber mos e a aprender a lição sem nunca fazer perguntas. A ordem era: ou falar português ou apanhar.

Nossa escola ganhou em organização e severidade, com cartilhas impressas pelo *Bondoso Patrão*, o Governo, com ma terial escolar moderno, com exames escritos e orais no fim do ano e, sobretudo, em repressão.

Enfatizou-se, em compensação, a instrução religiosa e o amor cívico. A primeira consistia na memorização literal do catecismo e das normas e na aceitação da tradição. O segundo, no hasteamento da Bandeira Nacional todo sãbado de manhã, com cantos patrióticos, poesias e discursos enaltecendo a que rida Pãtria Brasileira. Havia também freqüentes encenações tea trais, privilegiando-se temas como o Ideal, a Pãtria, a Famí lia, a Religião, a Honra e outros.

A escola era minha oportunidade de sair de casa. No recreio, trocava meu lanche de pão escuro pelas fatias de po lenta frita na chapa do fogão à lenha do meu colega Osvaldo.

Este rapaz era o aluno modelo, segundo a Irmã Sofia. A aluna modelo era a Berenice. Naquela época eu não tinha cons ciência disto. Fiquei sabendo num passeio que a escola fez à praia. Ao visitarmos o aeroporto em Itajaí, o piloto se ofere ceu para levar dois alunos a passeio de avião. A professora, depois de consultar meu tio João que era uma espécie de um pou co de tudo: inspetor escolar local, delegado de polícia, juiz de paz, conselheiro para fins diversos, chamou o Osvaldo e a Berenice.

"Ah! se todos tivessem a letra bonita do Osvaldo e da Berenice, ã sim... Eles são os melhores alunos da escola!" - disse ela, enquanto os dois entravam no aparelho.

O avião, com os dois melhores alunos a bordo, acelerou o motor. A grama que crescia viçosa e indisciplinada aos lados da pista se inclinou reverentemente perante a superioridade e o ronco do aparelho. Os alunos nos afastamos daquela raridade, assutados pelo barulho do motor, pelo vento da hélice e, talvez, muito mais pela constatação de sermos nões, os que ficamos, "os não melhores".

Na escola, eu me lembro, a gente começava o dia na igreja, onde se rezava, cantava, ouvia conselhos e broncas das Maestras. Nunca fui chamado ã atenção, nem levei broncas, por que não fazia nada diferente. Eu era o espelho da ordem e da disciplina. Se fizesse alguma coisa errada era por azar. A figura de meu pai me perseguia constantemente. Aliás, ela era minha força, minha maior aliada.

De manhã cedo eu já estava pronto, quer dizer, de uniforme, descalço, com a bolga - bolsa de pano - ãs costas . Nela eu levava meu material escolar, especialmente o estojo com lãpis, borracha e a caneta com as penas metálicas para escrever ã tinta, mais o mata-borrão e o lanche.

Minha ida ã escola era feita sempre pelo mesmo caminho, ã mesma hora, com os mesmos colegas. Passava em frente ã casa do tio Estêvão, onde morava Alice, sua neta, minha segunda prima. Diziam que ela era minha namorada. Todos mexiam comigo por causa disto. Ela participava da brincadeira, o que me deixava muito constrangido. Ninguém me censurava por esta

situação ou a comentava. Sõ riam e se divertiam.

Eu sofria calado e não conseguia reagir, isto ê, nem me defendia, nem me beneficiava. Simplesmente fugia. Fugia de mim mesmo porque os outros se riam de mim. Não lembro se gostava dela. Ao passo que uma colega da escola me atraía. Eu a na morava em silêncio.

Nosso curso primário dava o diploma do terceiro ano. Quem quizesse o do quarto tinha que frequentá-lo em Rodeio. A maioria absoluta, porém, permanecia quatro anos na escola. A reprovação no primeiro ano era total. Nos demais anos você ti nha que decorar tudo para passar. Assemelhava-se a catraca de ônibus urbano: a passagem ê tão reduzida que, ao passar por baixo, a criança quase lambe o chão. Era mais ou menos assim: você passava de ano, mas tinha que rastejar.

No primeiro ano de escola, eu gostava de trabalhar com a *carricola* - carrinho de mão -, durante o recreio, transportando terra escavada de um barranco para um aterro, ao redor do prédio escolar. Não gostava de escavar. Nem de carregar a carricola. Sõ queria transportar o barro. Surpreendentemente, a Irmã Sofia me repreendia por trabalhar, alegando que eu era pe queno. Não discutia com ela, nem argumentava. Simplesmente lu dibriava sua vigilância e continuava. Não seise os colegas eram mais fortes do que eu para suportar este esforço físico. Sõ me lembro que a mim era proibido, mas não de maneira radical. Por isto eu continuava.

Lembro-me bem da Irmã Sofia, que era muito temida . Gostava dela. Na sua aula quase não se usava a vara que ficava ostensivamente sobre a mesa. Ela dominava bem o ambiente. Sen

tia-me seguro porque ninguém perturbava a ordem. Ficava muito mais preocupado comigo mesmo do que com o aprender. As *contas* feitas por mim na lousa saíam sempre corretas. Ao passo que as que eu fazia no meu banco, saíam sempre erradas. Meu primo Túlio, contrariado, me ajudava.

O silêncio era imposto sem restrições. Aliás, na escola, ele era espontâneo. Era a continuação daquele da família. Não me lembro de ter ouvido falar que alguém tivesse reagido à proibição de fazer perguntas em classe. O aluno só escutava. Quem falava era unicamente a Maestra.

A aprendizagem estava na base da decoração. A escola obrigava o aluno a memorizar na própria sala de aula. As repetições, em coro, eram constantes, seja da tabuada ou de qualquer *ponto* - lição - de história, geografia, catecismo ou outros.

Era comum, à tarde, ver-se crianças na varanda das casas ou às janelas dos quartos, recitando os *pontos* em voz alta, até enfastiar. Esta era uma confirmação para os pais que os filhos estavam estudando. Dificilmente eles mandavam trabalhar na roça aqueles que estavam na escola, porque, no fim do ano, a Maestra não perdoava.

Os mais velhos eram respeitados e temidos pelos mais novos como se fossem seus pais. Na ausência da Maestra, líderes assumiam automaticamente, seja nas filas, inspecionando a higiene das orelhas, das mãos e dos pés. Seja no recreio, verificando quem falava o trentino, seja na própria sala de aula.

À saída da Maestra, o líder entoava a tabuada ou qualquer *ponto* até à náusea. Às vezes, ela mesma, ao sair, deixava

va o recado: "Recitar a tabuada do 2, do 3 e do 4, cinco vezes". Se a tarefa tivesse terminado antes do seu aparecimento físico, o líder puxava tudo de novo, com a maior cara de pau. Este podia ser o sinal que os alunos estavam *aprendendo* e que a Maestra estava ausente.

Quem, durante o recreio, deixasse escapar alguma palavra que não constasse no dicionário brasileiro e fosse por elas escutado ou a elas dedado, devia, no fim do mesmo, dirigir-se à fila dos infelizes que recebiam várias varadas em cada mão.

Além da vara e dos puxões de orelha, elas socavam a cabeça dos alunos contra o quadro negro. Muitos pais lhes solicitavam que surrassem seus filhos, caso não soubessem a lição, especialmente o catecismo, dizendo que fariam o mesmo em suas casas. Lembro-me de um padre, cuja satisfação consistia em correr ao redor da igreja, atrás de todos os alunos da escola. Ele saía por último, com uma longa vara na mão, distribuindo varadas nas pernas dos coitados que tinham a infelicidade de ficar ao seu alcance.

A vara era bem mais usada na escola que na família. Era freqüente ver alunos levando uma vara nova em substituição à que se tinha quebrado no dia anterior.

Esta *didática* era aceita como a mais certa e verdadeira, pois tinha o aval da Maestra, do Padre, do Inspetor Escolar do Governo e da maioria dos alunos e da população, apesar de algumas reações isoladas. Lembro-me que um dia, uma mãe foi à escola e disse o diabo à Maestra que surrava sua filha. Ela escutou calada e cabisbaixa. Nós nos admiramos da cora

gem da mulher e a menina não apanhou mais. Em compensação, ela ficou reprovada no fim do ano.

O Inspetor Escolar do Governo vinha de Ibirama. Sua visita era anunciada com muita antecedência e com muito alarde. Nós ficávamos boquiabertos ouvindo-o falar um português tão bonito. Ele fazia sabatina oral, com problemas cujas soluções, a maioria sabia, mas as respostas não saíam ou saíam erradas, preocupados que estávamos em imitar seu vocabulário novo. Ele dizia, por exemplo: "Pedrinho foi à loja..."; ou: "Na praça XV de Novembro..."; ou: "Antonio Carlos joga futebol..."

Pedrinho e Antonio Carlos eram nomes novos e bonitos, mas que não existiam para nós. Praça, futebol, loja, eram palavras novas que soavam de maneira estranha, mas atraente.

6. O Lazer

Lá em casa só se vivia em função da família, do trabalho e da igreja. O lazer e o conforto eram exercizados como tentações, ocasiões de pecado.

As únicas festas permitidas eram as da igreja. Nesses dias se rezava mais do que de costume. A única diversão consistia em vestir uma roupa nova para assistir às cerimônias religiosas, saborear um almoço mais suculento e passar a tarde dando voltas ao redor das barraquinhas que vendiam prendas em benefício da igreja.

O rádio era uma raridade no lugar. Podíamos contá-los nos dedos da mão direita e ainda sobravam dedos para os anéis. Tenho lembrança de ter ouvido falar de uma única sessão de cinema durante minha infância. Anos mais tarde, os padres de Ro deio construíram o salão Cristo Rei e com ele o monopólio do cinema e sua liberação.

Venda era uma espécie de armazém onde os colonos en contravam praticamente de tudo. As mais bem equipadas possuíam bar, restaurante, açougue, barbearia, cancha de bochas, mesas de bilhar, jogos de baralho e uma sala espaçosa para as domin gueiras - tardes dançantes dominicais. Estas desencadeavam as iras dos padres do lugar, nos seus sermões, porque eram ocasião de pecado e profanavam o *Dia do Senhor*.

Bailes, jogos, diversões, conforto em casa e amizades com estranhos eram apresentadas como coisas inconvenientes. A sobriedade, o sacrifício e a mortificação como virtudes e o res to como resto.

Meu pai gostava muito de ouvir rádio. Todo domingo ele ia à casa de um dos felizardos que tinham o aparelho para escutar nomes como Roma, Tóquio, Berlim, Londres, Rio de Janeiro. Mas lá em casa este aparelho nunca entrou, nem qualquer ou tro luxo ou conforto, apesar de termos condições, a não ser no final da vida dele, quando já morava sozinho.

Tio Arcângelo, seu irmão e nosso vizinho, era o extre mo oposto. Ele se relacionava com todo mundo e tinha muitos ami gos. Sua casa era bem diferente da nossa. Além do mais, ele ti nha um rádio. Eu ficava extasiado perante aquele caixote do qual saíam vozes, ruídos e música. Minha prima Hercília, diante

de minhas insistentes perguntas, me disse, um dia, que havia pessoas dentro dele. Eram elas que cantavam e falavam. Aquilo me parecia muito estranho.

O rádio ficava no *escritório*, sala onde ele guardava as pastas com os documentos do seu armazém, uma máquina de escrever, jogos de dama, xadrez e outros brinquedos que ele comprava para seus filhos em suas constantes viagens a Blumnau e Florianópolis. Dois cavalinhos de ferro com base imantada que se atraíam e repeliam mutuamente eram motivo de muita curiosidade. Não são isto. As cadeiras do escritório e da sala tinham lindas almofadas bordadas.

As almofadas, a máquina de escrever, os brinquedos de meus primos, o caminhão Volvo importado da Suécia, o calhambeque, a motoca, o cavalo de corrida me chamavam a atenção. Mas, especialmente, o rádio me atraía.

Era-me expressamente proibido atravessar a estradinha que separava as duas casas. A janela do escritório ficava do nosso lado. A Hercília ficava lá o dia todo, entretida com seus bordados e o rádio ligado de manhã à noite. Meu pai estranhava ver a moça o dia inteiro com o aparelho funcionando. Aquilo devia dar uma dor de cabeça, comentava ele. Eu a invejava.

Um dia atravessei a estradinha. Entrei no escritório. Sentei-me naquelas cadeiras de palha, iguais às nossas, mas recobertas com lindas almofadas bordadas pela prima. Quando ela se ausentou um pouco, atrevi-me a olhar por trás do aparelho. Fiquei com medo. Antes não tivesse feito. Vi várias luzinhas acesas. Ao voltar, ela me disse que as pessoas que cantavam e

falavam ficavam no interior daqueles pontos luminosos.

Estranhava como meu pai ia somente à casa do Felício Berri, todos os domingos, escutar rádio, andando um bom pedaço a pé. Mas nunca comentei isto com ninguém. Quando eu perguntava à minha mãe, por que nós não tínhamos rádio, ela sempre respondia: "*porque teu pai não quer*".

CAPÍTULO II - O MUNDO DO SEMINÁRIO

1. Rodeio

Num dia de manhã eu já estava sobre a carroça, sentado na tábua lateral, ao lado do meu colega Valmor. Na frente, junto com meu pai, estava o Felício Berri, avô do meu colega, na casa de quem meu pai ia escutar rádio, todo domingo de manhã.

O que me tocou foi que minhas coisas - bagagem - diversamente das da Ida, que estudava em Blumenau, foram colocadas num saco de farinha de trigo. A mala dela não era de luxo. Aliás, eu nem sabia o que era isto. Era comum, de papelão. Mas era uma mala. Não consigo esquecer o saco branco, no fundo da carroça. O meu e o do meu colega. Mesmo assim, eu estava contente. Finalmente chegara meu dia. Não lembro de me ter despedido de ninguém, nem de coisa alguma. Minha mãe, não sei onde estava. Só sei que eu estava feliz, na minha roupa nova. Todos os meus pertences anteriores sumiram. Recebi tudo novo: roupas, sapatos, lenços são para mim, escova de dentes e pasta que nunca usara antes, bem como pijama com bolsos. Até cueca eu tinha. Era o primeiro dia que a usava.

Não consigo lembrar como foi minha chegada, meus primeiros contatos, meu primeiro dia no seminário franciscano de Rodeio. No começo, tudo era novidade para mim. Novidade ameaçadora. Havia meninos de Gaspar, Joinville, Palhoça, Ibirama, descendentes de portugueses, que falavam muito bem nossa língua. Nas conversas deles eram freqüentes palavras como: avenidas, ruas, lojas, catedral, palácio do bispo, centro da cidade, praças. Atē esnobavam. Diziam *Jesús* para Jesus, *disse* para disse. Eu mal sabia balbuciar o português. Nem tudo o que eles diziam, eu entendia. Mesmo assim pensei em imitá-los. Mas logo vi que tinha que me preocupar com coisas bem mais importantes, como por exemplo: qual a diferença entre *dúvida* e *duvida*? *Entre esta e está*? *Entre carro e caro*? Esta era a questão.

Detestava ser chamado *novato*, em contraposição aos veteranos. Aquele era desculpado por tudo. Ele não sabia nada. Sempre tinha que ser ensinado. Não tinha grupo, nem amigos. Os veteranos sim, eles formavam grupo e davam ordens.

Minha dificuldade de comunicação era muito grande. Percebi, a certa altura, que eu sempre me achava mais esperto que no dia anterior. Pensava: "*Como fui bobinho ontem. Quanto fui ingênuo na semana passada*", atē o momento em que percebi estar num círculo vicioso. Eu não tinha personalidade. Sempre dependia dos outros. Sō queria imitá-los. Eu nunca era eu mesmo.

Eu fazia amizade. De repente, sem entender, os amigos rompiam comigo. Lembro-me que admirava muito as amizades dos outros, como era o caso dos amigos Jarbas e Milton. Eles discutiam com freqüência, nem por isto deixavam de ser amigos. Jogavam sempre no mesmo quadro - time - seja no bola de pē —

futebol -, quanto no *bola de peito* - queimada. Um dia, Frei Querubim disse que não era mais para chamar de *bola de peito*, nome muito feio, dando-lhe um nome qualquer, que não lembro. Quanto ao *bola de pē*, não sō perdeu o nome, como também foi eliminado da rotina, alegando que era um jogo *mundano*.

Um dia assisti maravilhado ā briga dos dois amigos . Parecia-me coisa de filme nunca visto. Pura imaginação. Tenho a sensação de estar vendo-os, agora, os dois se ameaçando, medindo os socos, se xingando, se batendo. Achei lindo e ameaçador. Quando saberia brigar com aquela classe? Sō sabia correr das minhas irmãs.

Passados alguns dias, os dois voltaram a ser amigos. Estranhei. Estranhei muito mais quando Frei Querubim me chamou e me alertou que as amizades não eram permitidas no seminário. Eram severamente proibidas e condenadas. Elas podiam ser motivo de *justa causa*. Cada um tinha que ser amigo igualmente de todos e não brincar, com freqüência, com dois colegas, como eu fazia, nos pequenos recreios.

Eram apresentadas como coisas do demônio, ridículas e próprias de meninas e adolescentes desequilibradas. Diziam o mesmo em relação ao uso de perfumes e loções para o cabelo ou apōs a barba, muito em voga, na ēpoca. Eram fortemente estigmatizadas como mundanas e próprias de pessoas sem caráter.

Lembro-me que eu tinha um canivete. Era um artigo polivalente. Servia para fazer muitos objetos de madeira, muitos brinquedos e, especialmente, para ser notado pelos colegas , caso ele estivesse preso ao chaveiro por uma corrente vistosa. Jā era no fim do ano, quando recebi a visita do meu irmão Lino,

que estudava no seminário dos salesianos, em Lorena, São Paulo. Ele me dera uma correntinha, feita de pequenas esferas, muito bonita. Novidade total e absoluta. Por causa dela fui procurado por vários colegas. Era pouco antes de sairmos para as fêrias. A maioria já tinha algum dinheiro no bolso. Queriam fazer negôcio. Não sei como me comportei. Lembro bem que não o vendi e que tinha muita dificuldade em me comunicar com eles.

Não sô em casa e na escola, mas também no seminário, o silêncio era muito privilegiado. O dormitório era o lugar do silêncio total e absoluto. Na capela não havia como falar. Nas aulas, era imposto de várias maneiras. Corredores e escadas também entravam na interdição.

O único lugar onde se podia falar era no pátio, durante o recreio. Este era interrompido pelo sininho. Não sô o recreio, mas a própria conversação tinha que ser cortada quando ele tocasse. Diziam-nos que era preciso cortar até a palabra que se estava pronunciando. Davam-nos como exemplo os monges da Idade Média, que paravam na letra que estavam transcrevendo ao ouvirem o sinal. Sô que nôs não sabíamos, naquele tempo, que o monge demorava muito para transcrever aqueles pergaminhos, que as letras iniciais eram muito decoradas, o que exigia capricho, atenção e calma. E nôs íamos na conversa e nos confessávamos como se fosse pecado ter dito alguma palavra apôs o sinal.

As refeições também eram tomadas em silêncio. Realmente em silêncio, não. Havia sempre a leitura do Evangelho e, depois, de uma história edificante. Aos domingos e em certos dias especiais, um pouco antes do fim da refeição, recebíamos autorização para falar. Ela era meio gozada, porque ninguém entende

dia o que o padre dizia. Mas, ao pronunciar as últimas sílabas de uma certa palavra, a gente irrompia num vibrante *Deo Gratias*, que queria dizer: Demos graças a Deus. São que não sabíamos de que. E a conversa estava liberada.

Às vezes, nosso *Deo Gratias* saía meio parecido com um *vã pro diabo*, o que irritava o padre, que indignado, cassava imediatamente o direito à conversação. Algumas vezes o homem se compadecia e, bem no finalzinho da refeição, ele falava de novo: *Religioso colloquiamus*, era isto que a gente não entendia. Então respondíamos num *Deo Gratias* bem camarada e ensaiávamos as primeiras palavras de mansinho. Logo em seguida, o sininho tocava de novo, encerrando, assim, nossa refeição.

O *Deo Gratias* estava muito na moda, na época. Crianças de dez anos éramos acordados todas as manhãs com o sininho e as misteriosas palavras: *Benedicamus Domino*, ao que respondíamos sem pestanejar: *Deo Gratias*. Nosso dia começava assim e assim ele continuava.

Fazíamos a toilette em silêncio, assim descíamos para a Capela, assistíamos à missa e, daí, sempre em silêncio, íamos ao refeitório. A primeira palavra era pronunciada após o café, que também tinha sido tomado em silêncio.

A disciplina e a ordem nas aulas eram impostas de acordo com a *didática* de cada professor. Frei Raul tocava bem órgão e dava aulas de música e desenho. Ele estava sempre sorridente. Gostava de quem sabia desenhar e tinha letra bonita. Eu era uma negação em desenho. Minha nota, nesta matéria, era invariavelmente quatro, a nota mínima. Admirava e invejava os que desenhavam bem, porque eram privilegiados com a amizade do

professor. Por mais que me esforçasse, não conseguia desenhar e muito menos entrar no círculo de amigos dele.

Toda aula de canto era muito agitada. Era feita numa única sala, onde eram reunidos os 100 meninos do quarto e quinto anos. É evidente que nos bancos, que não eram individuais, onde antes cabia um, agora deviam caber dois. O silêncio e a ordem eram impostos através do castigo das QUINHENTAS VEZES.

Depois de algum tempo, o pessoal se organizou e alguém bolou uma caneta com duas penas, e o castigo saía na metade do tempo. Havia quem o antecipasse, mantendo-o na reserva, para qualquer emergência. Em caso de castigo, era só ficar na sala, durante o recreio, fazendo qualquer coisa, ou preparando mais castigo e depois ir à sala do professor, com uma cara bem compungida e entregar as folhas, que eram rabiscadas para impedir reutilizações.

Lembro-me que recebi várias vezes este castigo. No começo era muito doloroso. Depois vi que éramos sempre os mesmos, então me conformei. O que me deixou irritado foi uma vez que peguei as quinhentas vezes, sem culpa. O professor estava escrevendo na lousa. Abaixei-me para juntar qualquer coisa e escutei: "Vito - quinhentas vezes: NÃO DEVO FALAR".

Quando entrei no seminário, pensava que meu nome fosse Vítor. Um belo dia, numa aula, o professor corrigiu alguém que me chamava, dizendo que meu nome certo era Vito, conforme a certidão de batismo. Achei muito estranho. Mas, que fazer? Meu nome já não era mais aquele.

Alguns anos depois, não lembro bem quando, percebi que não era nem uma coisa, nem outra. Era Víctor. Achei mais es

tranho ainda. Não conhecia ninguém com este nome. Por isto, em todos os lugares, eu era conhecido pelo sobrenome e não pelo nome.

Minhas dificuldades de relacionamento, de fazer e cultivar amizades, de me concentrar nos estudos e, particularmente, meu comportamento irrequieto e provocador, me trouxeram problemas.

Além destes, por mim considerados menores, eu tinha um problema muito sério, que me fazia sofrer demais e que me trazia constantes humilhações: o chulé. Este fato era motivo de gozação da parte de muitos colegas que procuravam evitar minha vizinhança em lugares fechados como salas de aula, refeitório ou capela. Afinal, em toda parte, exceto no recreio. Quem não podia evitar-me suportava, sem deixar de me agredir. Tanto é verdade, que me puseram o apelido de gambã, o que me deixava numa situação humilhante. Eu queria sumir por aí, livre que nem um passarinho e não em ambientes fechados, vendo colegas colocarem o dedo no nariz ao se aproximarem de mim.

Eu não queria ficar. Queria ser motorista de caminhão, como meu primo Aleixo. Queria sair antes da hora e chegar depois de ter chegado. Nos três anos que fiquei em Rodeio dei muito trabalho. Quando pedia a meu pai, ou aos padres, para voltar para casa, eles davam risada e respondiam que eu era muito bobinho, pois este problema haveria de passar. Um dia eu iria agradecer-lhes todo o bem que eles estavam me fazendo.

Segundo eles, motorista de caminhão era uma profissão muito grosseira, que não levava a nada. Este profissional era um homem sem parada, sem família, sem Deus. Mesmo assim, não desistia. Dizia que queria ser motorista de caminhão.

Terminei o quarto ano e fui para casa de férias, pensando que não voltaria mais. Um dia, estava andando pela roça. Um empregado perguntou quem eu era. Diante da resposta de meu pai que eu era um dos filhos, o homem se admirou e disse que eu não me parecia com os outros irmãos que ele conhecia. Meu pai acrescentou que eu era diferente mesmo, que eu estava no seminário, que eu não trabalhava na roça. Meu trabalho era estudar. Os outros é que iriam trabalhar para mim, porque padre não trabalha e aquelas coisas todas. Senti-me lisonjeado ao ouvir que eu era *diferente mesmo*, pois eu não queria pertencer àquele grupo.

O seminário ficava ao lado da igreja. Muitas vezes eu contemplava a Rua Principal, que era a única, e emudecia ante os comentários de meus colegas que falavam em ruas, avenidas, fontes luminosas, lojas, bancos, palácios do bispo e do governador.

Invejava aqueles de outras cidades, cujos pais vinham visitá-los trazendo bolos, doces, balas, chocolates, almoçando todos juntos na maior algazarra, pai, mãe, irmãos e irmãs, no coreto que ficava ao lado da portaria. Os alemães eram apresentados como carinhosos, limpos, delicados, estudados, bons comerciantes, com boas escolas, clubes e festas. Tinham casas bonitas e confortáveis e um ambiente familiar alegre e sadio.

Frei Querúbim Engel, nosso diretor, era descendente de alemães. Ele não gostava nem um pouco de italianos e do nosso lugar. Para ele, Rodeio não era cidade. Era uma vila. Como tal, tinha que ser cidade. Isto me intrigava. O que mais me

afligia era que os italianos eram vistos como sujos, grosseiros, rudes, ignorantes, atrasados e avessos ao progresso, desconfiados de bancos e documentos, sem tino comercial. E o mais grave: eram gente muito seca, que morava em casas pobres, sem conforto e sem carinho, sem clubes, festas e diversões e, muito severos.

Sentia complexo de minha cidade, de ser descendente de italianos. Envergonhava-me de meus pais, quando os via, aos do mingos, virem à missa das dez. Nunca me traziam nada. Nem vi nham me visitar. Ficava calado e pensava que Rodeio fosse a me nor e mais insignificante cidade do mundo. Mas do mundo inteiro mesmo. Ansiava por sair, conhecer outras localidades, outras ci dades, bem longe de minha família.

Ao voltar para o seminário, o conflito sô fez piorar. Quase não conseguia me concentrar. A preocupação com meu problema me deixava muito tenso. Nunca sabia as lições. Tinha que es tudar sempre sob a ameaça de castigo. No fim do semestre tirei o ũ ltimo lugar na classe. Não gostei nada. Achei que fora in-justiça. Melhor, perseguição da boa.

Os padres queriam que me dedicasse mais. Eles não com preendiam como ẽ que eu tinha mudado tanto. Eu tinha sido um coroinha excelente, um aluno exemplar e, no seminário, eu bota va a perder tantas esperanças. Apesar da amizade e apoio do Frei Alexandre e Frei Ladislau que sempre perguntavam por mim, eu não engrenava.

No fim do quinto ano, Frei Querubim disse a meu pai, na minha frente, que eu fora reprovado porque eu "era muito criança e completamente sem juízo. Se eu estivesse no seminário dos salesianos, em Ascurra, eu teria sido aprovado, porque lã o

estudo era mais fraco". Dizia-se que os salesianos eram mais modernos, menos exigentes em relação ao estudo e que se forma vam em menos tempo.

Mesmo assim voltei das férias para repetir o quinto ano. Um dia, no recreio das dez, fui chamado. Entrei na sala do Frei Carlos que me pegou pelo braço e, sem que eu visse, me deu algumas varadas nas costas e nas pernas. Eu saí imediatamente, chorando, muito mais assustado que dolorido. Até hoje não tive explicações a respeito. Durante muito tempo guardei um profundo ódio por este homem e jurei a mim mesmo que iria re tribuir.

Se não me engano, este cara foi promovido a bispo. Pensei em verificar. Depois esqueci. Nunca comentei isto com ninguém. O que mais me machucou, neste fato, não foi tanto a surra, mas o comentário, algum tempo depois, quando alguém dis se, numa rodinha, no recreio: "*Eu nunca apanhei de vara no se minário. Mas o Victor já*". A conversa parou por aí e eu me es condi na minha dor.

Meu pai não regateava esforços para que nada me faltasse, contanto que eu ficasse no seminário. Eu tinha consciência desta situação e procurava tirar proveito.

Já sabia a resposta deles. Mesmo assim, quase todos os dias, ia conversar com o Frei Querubim ou Frei Carlos e pe dir para voltar para casa. Os dois nem se importavam com isto. Então aproveitava para conversar até ganhar mais santinhos: pa ra minha coleção. Quando não, dizia que estava muito triste e queria conversar com o Frei Alexandre ou Frei Ladislau, no con vento, que ficava ao lado.

Sabia de antemão que eles não estavam. Mas aproveitava para sair. Gostava de puxar a campainha da portaria do convento. Era um crucifixo de ferro, no fim de um arame, que badalava um sininho que ficava lá dentro. Aquele barulho, seguido pela abertura do guichê pelo Irmão Porteiro, me dava uma sensação diferente: afinal alguém estava me atendendo.

Geralmente a resposta era negativa, mas fazia questão que ele abrisse a sala de visitas com uma chave especial e eu aguardava lá. Aquela sala tinha um ar diferente: aqueles quadros na parede, aqueles móveis, algum ruído no andar superior, ou dos lados, os noviços cantando ou rezando suas orações lá dentro e eu aguardando uma resposta.

Lembro-me que gostava de dizer que queria falar com o Padre Guardião, palavra nova para mim. Guardião era o responsável pelo convento. Ao passo que o Vigário o era pela paróquia, cargos não necessariamente acumulados pela mesma pessoa.

Uma vez machuquei o pé. Frei Querubim levou-me à farmácia dirigida pelas Irmãs da Divina Providência, a uns quinhentos metros de distância. Depois daquele dia voltei lá muitas vezes, até mesmo quando meu pé já tinha sarado há tempo. Eu gostava de ir lá para ver a balconista, estudante-interna, que fazia o curativo. Ficava encabulado com o busto generoso da moça, contrastando com aquele das freiras, que se assemelhava a uma tábua rasa. Anos mais tarde entendi, através de uma ironia do Manuel, quando disse: "*Mais à vontade que peito de freira*".

Um colega de Gaspar voltou das férias com um par de óculos de sol. Fiquei encantado. Comecei a me aproximar dele e usufruir de seus óculos. De repente, ele cortou relações e lá

fiquei eu a ver navios. A solução era ter eu mesmo meus óculos. Mas como?

Tanto fiz, tanto inventei que um belo dia o padre me levou a Blumenau. A consulta ao oculista me valeu também uma violenta bronca. Tinha várias cáries, verdadeiras crateras, mostradas discretamente ao padre, pelo oculista, falando em alemão. Não entendi o que disseram. Percebi que boa coisa não podia ser. Mesmo assim, sentia-me feliz no meio daqueles aparelhos, fingindo não conseguir ler o que era perfeitamente legível.

Voltei com os óculos e a ordem de ir ao dentista, que ficava em frente ao seminário. Tinha medo do Rigo, o dentista. Retornei feliz, porque constatei que suportava bem a dor de dentes: "*O nervo do dente é o mais sensível do corpo humano*" - estava escrito em letras garrafais no livro de Ciências. Ora, pensei, se posso suportar tão bem a dor mais sensível do organismo, certamente não vou ter problemas neste campo. A partir daquele dia, a ida ao dentista transformou-se noutra passeio.

Neste período, também, a gente precisava pedir licença a Frei Carlos para escrever cartas. Caso positivo, saía-se de lá para rascunhá-la, voltando, em seguida, para que ele a corrigisse e nos desse o envelope e a folha para passá-la a limpo.

Nestas ocasiões ele me ensinava a diferença entre esta e está, dúvida e duvida. Eu ficava invocado com aquela mania de vai e volta, vai e volta. Então ia à sala dele com a carta rascunhada. Ele a corrigia na hora, me dava uma folha e

o envelope. Percebia que ele não gostava, mas cedia. Um dia ele me disse: "Você sempre vem com a carta nascunhada. Está errado. Você deve vir para pedir a licença para escrever. Eu que vou decidir se você pode ou não". E me fez um bruto dum sermão.

2. Rio Negro

Depois de ter cursado o quinto ano pela segunda vez, fomos de caminhão até Jaraguá para pegarmos o trem. Era a segunda vez que embarcava nele. Mesmo assim, sentia muito medo. Disseram-me que ele era todo de ferro, muito pesado. Se descarrihasse afundaria na terra como uma pedra na água, sem deixar vestígio. Seu apito me fazia estremecer. Andei muito mais montado no meu medo do que no trem.

Fomos recebidos por muita gente, na frente do seminário, em Rio Negro. A mala que herdara da Ida, fora parar num enorme dormitório, o dos menores, ao pé de uma cama de ferro toda pintada de preto, que tinha meu nome escrito em letra gótica pendurado na cabeceira.

Só então me apercebi que o nosso seminário ficava no alto de um morro, que para mim, era altíssimo, no meio de árvores e um jardim muito bem cuidado, completamente isolado da civilização. Havia perto de duzentos seminaristas, dos 12-22 anos, cursando desde a atual 5a. série até o fim do segundo grau. Formavam três divisões, independentes e incomunicáveis. Fiquei en

cantado ao ver os lindos campos de futebol e basquete e o salão de jogos internos de bilhar e tēnis de mesa, xadrez, domi-nō e dama, alēm de uma represa, uma bem sortida biblioteca, um jornalzinho interno e uma banda.

Ficava apavorado ao cruzar com gente de todos os tamanhos e cores, com os mais diferentes sotaques: da Bahia ao Rio Grande do Sul. Privilegiava-se muito a gināstica, a mūsica, o teatro e o jogo de basquete. O silēncio no interior do prēdio era total e abosluto, exceto no salão de jogos. Admirava muito a organizaçāo e a disciplina. Alguēm me explicou que o seminārio era uma perfeita cidade: a cidade de Deus, onde tudo era dirigido pelo sino. Quanto ā disciplina, contou-me que eu chegara em boa hora, pois o Diretor anterior ficava escondido nos corredores e escadas, atrās das enormes colunas, para surpreender os que vinham correndo ou conversando e os colocava de castigo: vārias horas de joelhos no lugar do flagrante.

Nos primeiros dias foi feita fila por altura, para marcar os lugares, na capela. Percebi que dois estavam se dispondo estrategicamente para nāo ficarem do meu lado. Para quem sabia, era fācil evitar, porque os pares ficavam de um lado e os *Impares* do outro. A igreja continuava sendo o lugar do meu suplīcio. Eu nāo rezava. Sō recitava fōrmulas.

Logo no começo puseram-me o apelido de bacheiro, que aceitei, inicialmente porque nāo sabia o que era. Depois entendi que era uma parte do arreio do cavalo. Atē achei bom. Sō depois alguēm me explicou o verdadeiro sentido. Bacheiro ē uma lona grossa, colocada sob o arreio do animal, para nāo lhe machucar as costas. Ela lhe absorve tambēm o suor, exalando, por isso, um cheiro forte e desagradāvel. Ao saber disto fiquei mui

to chateado. Sô que eu não tinha capacidade para reagir, o que aumentava ainda mais meu sofrimento.

No fim do primeiro semestre foi feita a leitura dos boletins. Foi num enorme salão, para alegria e glória dos primeiros colocados e tristeza e vergonha dos últimos. Chegou minha vez. Escutei. Tudo bem. Não tirei o primeiro lugar nem o último, porque não recebi nem palmas, nem risadinhas debochadas.

Mas, o meu problema eram minhas primeiras notas, como: comportamento, aplicação, piedade. Levei dois *não satisfatório*. Sô não levei mais por interferência do Frei Alexandre, novo Diretor, que me conhecia desde pequeno. Acontece que, com um certo número deles, o elemento era sumariamente mandado *em bora, justa causa*.

Então começei azucrinar o pobre do Frei Alexandre. Ele era o meu esconderijo de manhã, à tarde, à noite e até de madrugada. Ele nunca se recusava. Sempre apertava minha cabeça contra aquela sua barriga enorme e, assim às vezes eu ficava e sempre chorava. Ele sabia que o meu drama era o chulê. Este pesadelo me acompanhava dia e noite. Ele achava que uma sandália resolveria o problema. Mas nunca a comprou, talvez porque contrariava o Regulamento que exigia sapato preto.

Frei Jerônimo era o chefe geral da disciplina. Lembro bem da cara dele. Era um moreno alto e forte que, certamente, não ia muito com a minha cara. Ele chegava a me chamar pelo apelido publicamente. Um belo dia fui à sala dele e lhe disse que não queria que me chamasse por aquele apelido em público. Ele ficou assustado e disse: *Estã bem*.

Logo depois tivemos aula com ele. Eu estava admirado

da minha coragem, dando-me os parabéns em silêncio. Qual não foi o meu espanto, quando, logo após a oração inicial da aula, escutei chamar pelo meu nome. Pus-me imediatamente de pé. Ele contou, então, o que ocorrera minutos antes e concluiu dizendo que não me chamaria mais de bacheiro, mas esperava que eu melhorasse meu comportamento. Devia mudar, pois eu era um líder negativo. Onde eu estivesse todos davam risada, não por que gostassem de mim, mas porque eles gostavam de se rir de mim. Eu é que era muito burro em não me aperceber.

Era pelo mês de setembro quando Frei Alexandre me chamou e me disse para arrumar minha touxa, porque naqueles dias ele iria a Rodeio e me levaria para casa. Confesso que a notícia me abalou, a princípio. Era o que eu mais queria, ou não era? Estava preocupado com a reação de meu pai. Depois fiquei contente. Arrumei minhas coisas e saí de mansinho, sem avisar ninguém, sem me despedir, como se eu fora um ladrão, pois assim o exigia o Regulamento, a fim de não contaminar os outros. Apesar disto saí contente e feliz. Finalmente tinha conseguido me safar desta.

Em casa ninguém me esperava, exceto meu pai. Minha mãe estava muito doente. Nossa casa estava sempre cheia de parentes, o que me deixava muito constrangido. Meu pai não me pôs a trabalhar.

Um dia encontrei-o na subidinha da estrada da roça. Ele me parou. Mostrou a lavoura que se estendia à nossa frente e me perguntou se eu queria trabalhar na roça ou estudar. Claro que eu queria estudar, contanto que conseguisse me concen-
trar. Disse-me que outros tiveram muito mais dificuldade que

eu e agora estavam bem, com os salesianos ou franciscanos, de *batina* ou de *hábito*.

Então resolvi dizer a verdade toda: eu não queria ir para o seminário porque eu tinha um problema muito sério o chulé. Ele me causava constantes humilhações, dificultando a concentração no estudo.

Ele deu risada e respondeu que isto não era nada: hveria de passar. Como viu que não conseguia me convencer, pôs seu pé direito sobre o pneu da bicicleta e disse: "*Veja, tam**ã**m tenho este problema. Quando era novo, era que nem você, tinha um cheiro forte. Hoje muito menos*".

E, abrindo os dedos do pé, me disse: "*Põe o dedo aqui e cheira para ver*". Senti nojo e não o fiz. Ele tomou a iniciativa e me fez cheirar. Penso que não cheirei nada. Seus pés estavam limpos. Ele estava de tamancos.

E completou: "*Já conversei com os padres salesianos lá em Ascurra. Ou você vai pra lá ou pra roça. Um dia você vai me agradecer. É o mesmo caso de seu irmão. Hoje ele está contente e feliz de professor*".

Nossa conversa parou por aí. Continuei meu passeio e ele voltou para casa. Minha mãe estava cada dia pior. Ao chegar em casa, entrei no seu quarto. Ela estava sozinha. Meu pai veio logo atrás. Ele conversou um pouco com ela e lhe disse que eu tinha resolvido ficar ao menos um ano no seminário de Ascurra. Assim ele falou e me fez prometer.

Alguns dias depois minha mãe morreu. Lembro-me que o tio Estêvão estava segurando o pulso dela e nós, da família e outros, rezando a *oração da boa morte*, puxada pela Dã

lia e depois pelo Lino. Quando meu tio deixou cair o pulso, es cutei dizer baixinho: *Lêi morta*, isto é, morreu. Foi uma cho radeira geral, a oração parou onde estava, todo mundo foi saindo do quarto, os mais fortes amparando os mais fracos. Fiquei sem saber o que fazer.

Um senhor do lugar, que passava de carroça, parou , entrou no quarto onde eu ainda estava e perguntou: "*Ela está passando muito mal?*" Ao que alguém respondeu: "*Acabou de mor rer*". Aí me dei conta e saí também.

A casa estava muito movimentada. No dia seguinte , na hora do enterro, fechei-me num quarto e não queria sair , muito menos ir ao enterro. A Dália me deu uma bronca. Me cha mou de filho sem coração e coisas assim. De repente abri e me juntei aos demais.

Minhas irmãs choravam. A Ida me chamou a atenção. Ao comentar isto, alguém me respondeu que quando o tio Arcângelo morreu, a Hercília chorava muito mais alto. Perguntei ao Lino por que alguns choravam tanto e outros tão pouco. Ele me res pondeu que era o sentimento. Alguns sentiam mais, outros menos. Achei a resposta muito inteligente, mas me encabulou. Por que será que eu não chorava nada? Que será que estava errado comigo?

No domingo seguinte, meu pai não almoçou com a gente. O Lino observou que ele não tinha tocado na comida. Mas, em compensação, limpou uma tigela enorme de sagu com vinho, ao que todo mundo deu risada. Não gostei nem um pouco do comentário, nem das risadas. Pai é pai e a gente não deve falar dele nunca, pensei.

3. Ascurra

No começo do ano seguinte eu estava reiniciando a 1ª série do Ginásio no seminário salesiano de Ascurra. As filas chamavam a atenção do novato. Era assim de manhã à noite: para ir do dormitório à capela, desta ao estudo, daí ao refeitório, para o recreio e assim por diante. Não era uma filinha qualquer. Era preciso tomar a distância de um braço, mirando a nuca do colega da frente. O assistente se postava diante do primeiro e estalava o dedo. Nem precisava falar. Os distraídos já se apuravam. A gente tinha que andar na linha mesmo, sempre em silêncio, de preferência rezando o terço.

A sineta, aqui um bigue dum sinão, dava três pancadas para dizer que o recreio estava por cinco minutos. Duas, significando que a conversa já tinha sido encerrada.

Ao entrar na capela, na manhã do dia seguinte à minha chegada, chamou-me a atenção aquela coleção de cabeças raspadas. À cada dois meses, aproximadamente, acontecia a operação corte de cabelo, que não era interrompida nem mesmo durante as aulas e o estudo. Cada um sabia quem o seguia na ordem alfabética de sua classe. Não precisava nem avisar. À vista do coco raspado, o seguinte se encaminhava para a alfaiataria, onde também seria executado. A turma xiava, mas era sô charme. Em dois dias, os 170 internos entravam na máquina zero, sem exceções.

Além das filas, havia competições em todos os setores: esportivo, intelectual e espiritual. No mês de junho, por exemplo, colocava-se um enorme coração vermelho, de tecido es

ponjoso, cheio de espinhos, sobre um altar, na capela. No início dos recreios, a turma corria para lá a fim de arrancar o número de espinhos correspondente aos sacrifícios e mortificações executadas.

Uma vez ganhei um caleidoscópico do "seu" Constantino por ter sido o campeão na decoração dos verbos franceses, com seus tempos primitivos e derivados.

O certame de catecismo também me chamou muito a atenção. Parece que foi feito quase no fim do ano. As eliminatórias foram feitas nas diversas classes pelo Padre Catequista. A final se realizava no pântico, enorme área coberta. Os invictos ficaram sobre um estrado, ao centro, diante de todos os colegas e professores e ante uma banca examinadora para a qual deviam recitar *ipsis litteris* a resposta à pergunta do catecismo. A finalíssima reunia os cinco primeiros. Eram os campeões. Tratava-se de definir posições. O primeiro a errar seria o 5º colocado, o segundo o 4º e assim sucessivamente. Era nesta ordem que eles iriam para o mural. Disseram-me que em anos anteriores a finalíssima chegou a durar várias horas. Os caras eram bons mesmo.

Outra coisa que me chamou muito a atenção foi o exercício da boa morte. Era uma atividade mensal, conjugada com a leitura dos boletins, numa quinta-feira, dia em que nunca havia aula. Era um retiro mensal, onde se falava de Deus, do diabo, do inferno e aquelas coisas de sempre. Enfatizava-se muito a morte. Tinha-se que arrumar a própria carteira e o criado-mudo, afinal, colocar tudo em ordem, como a gente gostaria que os outros encontrassem, no caso de morrer no fim daquele dia. No começo fiquei impressionado com este exercício. Depois deixei

pra lá.

Todos os domingos, ou uma vez por mês, não lembro exatamente, à noite, era feita a leitura das notas de comportamento, aplicação e piedade pelo Padre Conselheiro. Elas eram muito importantes. Faziam parte dos pré-requisitos que davam acesso às Confrarias Religiosas internas: São Luís, Dom Bosco, Maria Auxiliadora, Domingos Sávio. Pertencer a elas dava status. Seu nome aparecia nos murais. Por mais que me esforçasse jamais consegui embarcar numa delas. Isto me deixava muito intrigado. Nunca recebera castigos, repreensões ou admoestações. Distinguia-me nos estudos e nos esportes, sendo até o juiz oficial das partidas de futebol, apesar do meu problema, agravado agora pelo aparecimento de um forte cheiro ácido, como de urina, que me exalava do corpo, toda manhã. Colocado a par da nova situação, meu pai me trouxe mais talco Ross. Além de colocá-lo nos sapatos, passei a usá-lo também para ajudar a resolver este outro problema.

Durante o recreio, a gente não podia parar para conversar, bater papo, ficar à vontade à sombra das árvores ou sentados nos bancos. Estes simplesmente inexistiam. Era expressamente proibido sentar-se. A ordem era brincar, correr, pular, saltar. Parado, conversando, nunca. Implicava-se muito com as amizades: "Água parada cria bicho".

Privilegiava-se muito a ginástica, o teatro, a música. O piano era muito badalado. A banda também sempre queria aparecer. Entre os esportes, o vôlei estava em primeiro lugar. Apesar de ter ficado lá um ano, nunca quis entrar nesse jogo. Tinha medo de não conseguir. Achava que não tinha direção, que

a bola iria para trás, como acontecia com vários, que eram muito estigmatizados por isso. Um dia alguém me fez notar este meu comportamento e começou a me fazer perguntas. Desconversei logo e me afastei dele.

Com o fim do ano paguei também a promessa que fizera aos pés da cama de minha mãe e voltei para casa. No ano seguinte continuei no mesmo colégio como externo, isto é, entre aqueles que não pretendiam estudar para padre, ficando na casa de minha irmã Amália, em Rodeio.

Foi a primeira vez que senti o vento da liberdade me bater na cara ao percorrer de bicicleta, os quatro quilômetros que me separavam do colégio. Minha vida mudou muito pouco. Agora obedecia a minha irmã e a meu pai. Depois de algum tempo, descobri um bar, onde eu podia encontrar alguns colegas e seus amigos, aos domingos à tarde, e especialmente escutar as transmissões radiofônicas dos jogos de futebol dos times do Rio, São Paulo ou Porto Alegre, conversa obrigatória de toda segunda-feira.

Não me sentia bem naquele ambiente. As conversas me eram muito estranhas. Sô escutava e sorria. A única compensação era o rádio. Era minha esperança de sair do isolamento, de conseguir amigos e, finalmente, poder participar das conversas.

Logo percebi que a liberdade tem o seu preço. Além do vento e do sorriso das meninas encontrava-se, na estrada, o poeirão que os veículos levantavam bem na cara da gente, o ar frio das manhãs de inverno, a chuva e a lama, a roupa molhada e o sapato encharcado. Não sô isto. Meu pai, informado de minhas saídas dominicais, simplesmente proibiu e eu obedeci.

Apesar de sermos externos, éramos obrigados a assis-

tir missa todas as manhãs para recebermos o *presente* em nossa caderneta. Quem chegasse após o *ofertório*, podia voltar, que já não entrava mais. Além disto, tínhamos que participar, to dos os anos, juntamente com os seminaristas, nas férias de ju lho, do Retiro Espiritual Anual. Três dias de palestras sobre Deus, a Virgem Maria, os santos, o diabo, o inferno, a morte e outros temas neste nível. Eram três dias de silêncio e se re zava pra valer.

4. São Manuel

No ano seguinte, tocado por um daqueles Retiros Espi rituais e desiludido pela crescente dificuldade de relacionamen to, decidi, de livre e espontânea vontade, voltar ao seminário. Meu pai se alegrou muito com a notícia e me apoiou em todos os sentidos.

Assim, no ano seguinte, estava iniciando o Científíco no Seminário dos Padres de Consolata, em São Manuel, no in terior do Estado de São Paulo. Fui apresentado aos colegas co mo uma vocação *adulta*. Este título distinguia os que tinham co meçado com dez anos, que eram a grande maioria, daqueles que entravam com dezoito, vinte anos ou mais, como parecia ser o meu caso.

Eu não desmentia. Como fazê-lo se nunca tinha con tes tado ninguém antes? Fora treinado para dizer sempre: *Sim, se* nhor. O fato de já ter estado em outro seminário me constrangia.

"Sopa requentada perde o sabor" - dizia-se de pessoas assim. A partir de então comecei a renegar meu passado e a viver sô do presente, sonhando com o futuro.

Meus primeiros tempos foram muito felizes. Distinguia-me nos estudos e nos esportes. Estava sempre sorridente. Engordei um pouco. Cheguei até a fazer algumas amizades. Ninguém sabia quem eu fora, de onde vinha, o que fizera. O fato de ter sido apresentado como uma vocação adulta exercia um certo fascínio. Os paulistas, mais evoluídos, tentaram me levar para o seu grupo. Desistiram logo. Perceberam que eu era igualzinho aos outros catarinenses.

A negação do meu passado era ponto pacífico. Qualquer incursão na minha intimidade era encarada com reservas, o que intrigava meus colegas. Era muito ciumento e precavido no que dizia respeito às minhas amizades. Simplesmente cortava relações quando imaginava que alguma coisa tivesse filtrado ou quando o colega demonstrasse um pouco mais de curiosidade a respeito do meu passado. Às suas perguntas e insinuações eu des conversava ou me afastava.

Apesar deste problema, estava contente, embalado na perspectiva de realizar meu sonho: receber a batina no fim do ano. No início do quarto bimestre espalhou-se o boato de que nossa turma não a receberia no dia oito de dezembro, como era tradição, mas sô no fim do curso científico, isto é, dois anos mais tarde. A notícia provocou um sururu danado, porque cada clérigo recebia um padrinho ou uma madrinha que o assumia como um filho ou mais, aliviando sensivelmente as apertadas finanças do seminário. Não passou de boato.

Com o desencanto da batina, o conflito voltou a incomodar. Sentia que não era por aí. Pedia para sair. Na verdade, eu não tinha condição de assumir uma decisão. Falei com o Padre Diretor Espiritual, dizendo-lhe das minhas tentações e maus pensamentos. Ele me animou, me estimulou, me elogiou. Devia continuar. "A vocação é uma grande graça - dizia ele. Você não está no seminário por acaso. Mas foi escolhido, privilegiado dentre milhões. Ai de você se jogar pela janela tão grande graça". E por aí afora.

Quando estes argumentos já não eram mais tão eficientes, apelava-se para a condenação eterna, ou seja, aquele que abandonasse o seminário estava predestinado ao inferno. Pudera! Perder tão grande graça só podia redundar em desgraça. Assim eu ia *rolando* meu problema.

O Carlos me fez observar, um dia, que eu sempre evitava falar sobre minha família e o meu passado. Isto me atingiu em cheio. Para me animar, ele começou dizendo que era o primeiro de três irmãos. Falei logo que era o sétimo de nove. Ele deu risada e disse: "É por isso que você é feio e desajeitado. À esta altura, a forma devia estar estragada". E saiu, deixando-me no meu canto, muito triste e magoado. Em compensação, corteei relações com ele e com todos os outros. Eu os evitava e eles retribuía. Não são. Eu os temia.

As amigadas não eram o meu forte. Nem me preocupava muito em tê-las. Também aqui elas eram muito estigmatizadas. Uma vez, três colegas foram detectados como *amigos particulares* e apelidados de *trio bonito* e mais um apelido individual, que não lembro mais. Foram isolados como pessoas contagiosas ou coisa parecida.

Esta situação me deixava muito irascível. Passei a discutir com freqüência nos jogos, ofendendo os colegas, às vezes levando meses antes de fazer as pazes, apesar de cruzar com eles várias vezes ao dia. Eles estranhavam meu novo modo de ser. Alguns tentaram me ajudar. Depois desistiram. Eu mesmo não me entendia. Apesar disto, achei melhor continuar do meu jeito. Eles é que estavam errados, pensava. E me isolava cada vez mais, com o que ganhei o apelido de *solitário*.

Lecionei catecismo, um tempo, numa escola normal. Percebi, logo no começo, que as estudantes riam, às vezes, sem motivo aparente para mim. Disseram-me, então, que eu repetia constantemente as palavras *sô* e *sozinho*.

Estas coisas me desorientavam completamente. Via-me sem amigos, sempre tenso, desconfiado de tudo e de todos. Sentia-me observado e comentado e até ridicularizado pelos colegas. E o pior é que era eu mesmo que alimentava esta situação.

A insegurança era minha maior característica. Camuflava-me freqüentemente, mas era inútil. *Sô* fazia piorar. Não me engajava, não me comprometia, não assumia nada. *Sô* fugia, reprimindo-me cada vez mais, ao invés de enfrentar o problema e resolvê-lo.

Devido a uma fratura, fiquei com o pé imobilizado de agosto a dezembro. Por causa do gesso encostei o sapato direito. Encostei, porém, cada dia mais, eu a mim mesmo, impossibilitado de praticar esportes, a última ligação que me restava com os colegas.

Nosso ambiente não comportava televisão, rádio, jornal, revistas ou coisa parecida. Às nove horas rezava-se a

oração da noite e a ordem era dormir até a sineta tocar, às cinco e meia da manhã seguinte, porque o silêncio era sagrado.

Muitas vezes eu ficava rolando na cama de um lado para o outro. Numa destas noites, presenciei um colega deitado de bruços, se masturbando. Até então eu a desconhecia completamente. Logo depois comecei também. Como não podia participar dos jogos, muitas vezes eu deitava após o almoço, só por este motivo. Esta situação gerava muito conflito, muita culpa. A masturbação era apresentada de forma muito ameaçadora, na época, causadora de problemas físicos e mentais. No mínimo, pecado mortal, sem apelação. Como tal, ela impedia o acesso à comunhão na missa seguinte. A comunhão era dita o auge do sacrifício eucarístico. Percebia-se facilmente se alguém não comungava. Se este fato se repetia, dava na vista, porque cada um ocupava sempre o mesmo lugar, ao lado dos mesmos colegas.

Caso o cidadão se atrevesse a comungar naquele estado, acrescentaria outro pecado mortal ao anterior. Era um sacrilégio. E, assim, sucessivamente, o fulano ia acumulando pecados mortais e sacrilégios, ou seja, empilhando mais e mais lenha que o queimaria indefinidamente, no inferno. A não ser que se confessasse. Neste caso, voltaria tudo à estaca zero.

Havia sempre um ou dois padres, toda manhã, no fundo da igreja para atender estes casos e outros semelhantes ou parecidos. Havia também um confessor *oficial* que geralmente vinha de fora, uma vez por semana. Contei-lhe meu problema. No começo ele contemporizou. Depois foi taxativo: ou o resolvia ou caía fora. Não se podia ser de Deus e do diabo, ao mesmo tempo.

Por mais que me esforçasse eu era muito mais do diabo

que de Deus, na opinião dele. Isto me levava ao confessionário quase que diariamente. Era vergonhoso, humilhante e, por aí afora. Todo mundo me via, de manhã, no fundo da igreja, me preparando para confessar: "*Cometi o pecado solitário*". Havia um dia fixo por semana para a confissão. Para mim, todo dia era dia de confissão.

As férias, na casa dos pais, eram, se não me engano, a cada três anos. Mesmo assim, não eram vistas com bons olhos pela Chefia, porque causavam freqüentes baixas no elenco. A turma era preparada com uma série de orações, recomendações e advertências, pois até o contato com a família era suspeito.

Quando cheguei a Blumenau, de férias, meu pai já estava me esperando. Já tinha reservado o lugar no único ônibus diário que ia a Rodeio, mesmo que as passagens sã fossem vendidas durante o percurso. Isto me fez entrar no coletivo com bastante antecedência para garantir o meu lugar e o dele também. Quando o veículo já estava lotado, ele chegou. Mesmo assim entrou mais gente. Eu não cumprimentava ninguém, nem mesmo os parentes e conhecidos. Pelo contrário, procurava esconder-me de mim mesmo. À hora da saída subiu uma moça que trabalhava de cozinheira no meu tempo de seminário de Rodeio, que eu conhecia muito bem. Ela me reconheceu, mas passou sem me dirigir a palavra. Segui viagem, sempre em silêncio, ao lado de meu pai, envolvido pelas conversas de vozes conhecidas, que me faziam lembrar tanta coisa. Minha preocupação maior era que alguém me dirigisse a palavra. Que me perguntasse, por exemplo, de onde eu vinha, para onde ia, que estava fazendo? Que responder, perto de meu pai? As pessoas me olhavam, reconheciam, ficavam encabuladas e não se manifestavam. Enquanto isto o tempo passava

e o ônibus percorria os 45 quilômetros da estrada de terra, realizando minha perspectiva de chegar em casa antes que alguém me dirigisse a palavra.

Quando faltavam uns cinco quilômetros, comecei a sentir vontade de chegar. De repente, alguém pôs a mão no meu ombro e uma voz conhecida me disse: "*Victor, você mudou de congregação mesmo? Já tinha ouvido falar*". Era a antiga cozinheira. Ela me olhou bem nos olhos e eu nada respondi. Eu queria sumir. Por aquela não esperava. Não consegui articular nem uma palavra. Meu pai não se perturbou nem um pouco. E ela desceu.

Tive que apresentar-me ao Padre Vigário, em Rodeio, logo após minha chegada, deixando com ele um questionário que deveria ser preenchido e despachado pelo correio, no fim das minhas férias. Assim, minha Chefia seria informada se eu tinha ido à missa todos os dias, se tinha feito minha meditação pela manhã e à tarde, se me confessava semanalmente e outras perguntas, neste nível.

Minha ida a Rodeio, diariamente, apesar de ter que levantar um pouco antes das cinco horas, era um alívio. Era minha oportunidade de sair de casa, onde tudo era cuidado por meu pai, que morava numa casa pequena, de madeira, muito quente, porque ele a conservava sempre fechada. Ao voltar da missa ele me servia o café. Depois eu ficava no meu quarto, lendo ou fingindo que lia, estudando ou fingindo que estudava, dormindo ou fingindo que dormia, rezando ou fingindo que rezava.

Ao meio-dia chegava a marmita com o almoço, para o qual tinha que me apresentar sempre de batina. À tarde era só esperar o tempo passar, repetindo tudo o que acontecera antes do

meio-dia, seguindo-se o mesmo ritual para a janta. À noite ele ia buscar o leite na casa de um amigo, ficando às vezes, até mais tarde, sem nunca esquecer de trancar a porta, levando a chave.

Diversamente de meus colegas, que viajavam dois dias e duas noites de trem de segunda classe, eu percorria o mesmo trecho em três horas, de avião. Meu pai não regateava esforços e sacrifícios, contanto que eu ficasse no seminário.

Em compensação, eu participava a contragosto das risadas deles, quando se reuniam no quiosque, após o jantar, lembrando as peripécias da viagem.

O ponto alto era o fato que envolveu o Vilmar e o Adolfinho. Ao chegar a uma estação, no interior do Paraná, a maioria dos passageiros desceu, tomando a precaução de marcar o seu lugar com algum pertence que o identificasse. Qual não foi a surpresa, ao voltar, pois um lugar estava ocupado por um rapaz alto, de bigode. O Adolfinho, o primeiro a chegar, sentou-se e ficou quieto. O mesmo não fez o Vilmar, informado pelos colegas. Chegou e foi gritando que queria o seu lugar. Ao que o rapaz retrucou:

- Este lugar não estava marcado.

O Vilmar, pegando o canivete que estava com o Adolfinho, disse:

- Parece que você é cego. Este lugar estava marcado com o canivete.

- O canivete estava marcando o lugar do outro, respondeu o rapaz.

- Você não percebe que é um canivete com corrente , disse o Adolfinho. O canivete marcava o lugar dele, e a corrente, o meu.

Foi uma risada geral.

Mas o rapaz de bigode não se perturbou. Levantou-se, puxou uma faca e falou bem alto:

- Estou aqui e aqui vou ficar. A corrente - disse , voltando-se para o Adolfinho -, vou amarrá-la no seu pescoço . E o canivete - voltando-se para o Vilmar - , vou enfiá-lo no seu cu.

Estas palavras assustaram o pessoal e acabaram com o resto das risadas provocadas pelo Adolfinho, quando dissera que o canivete e a corrente marcavam dois lugares.

Ao voltar das férias, alguém observou meu relógio de pulso e me alertou que seu uso não era permitido aos seminaristas. "Afínal - me disse o cara - padre usa relógio de bolso . Pra que ter relógio você, se a vida da gente é regulada pelo relógio do sineteiro, que é da comunidade?"

Concordei com o rapaz. Mesmo assim, tentei e consegui a autorização, depois de ter afirmado que fora um presente de meu pai. "Sinal que os tempos estão mudando", me disse o cara. Eu também estava mudando. Estava tornando-me irreconhecível, cada dia mais isolado e fechado em mim mesmo.

Era costume, nos fins de semana, um de nós acompanhar um padre que ia rezar missa nas fazendas. Fui um sábado à tarde. No dia seguinte haveria a primeira comunhão de crianças de 7 anos. Fui para ajudar. Esta consistia em ciscar atrás de duas ou três filhas de Maria carregando vasos de flores, esti

cando toalhas ou coisas parecidas, enquanto o padre confessava as crianças.

O que me surpreendeu foi minha total falta de diálogo com as crianças. Para que tanta oração no seminário, tanta meditação, tanto ensaio de canto, tanto estudo, tanto futebol e outras tantas coisas, se eu não sabia conversar dois minutos com crianças que iam fazer sua primeira comunhão no dia seguinte? Que responderia se alguma me perguntasse: "*Quem é Deus?*" A final, para que servia o seminário?

Houve também um ensaio de cantos populares. Tão populares que me eram totalmente desconhecidos. Os do seminário eram ordinariamente a duas ou três vozes ou mais, quase sempre em latim. O ensaio da *Renovação das Promessas do Batismo* consistia em fazer crianças de 7 anos repetir: renuncio a Satanás, às suas pompas, às suas obras.... Nem como ensaio valia.

Após os ensaios cada um se recolheu à sua casa e nós à do fazendeiro. Uma linda casa antiga, espaçosa, confortável, contrastando com as casas humildes de piso de terra batida da população. O que me chamou a atenção foi os outros notarem e salientarem com naturalidade minha timidez. No seminário eu dominava o ambiente. Pensava que seria assim em todo lugar.

Quando a dona da casa me perguntou se queria o ovo estrelado mais duro ou mais mole, não soube responder. Escolher como, se nunca o fizera antes? Nossa cozinha ficava isolada e a comida aparecia através de uma prateleira giratória, redonda, com dois andares: enquanto se carregava de um lado, do outro se descarregava e vice-versa. Assim ficava preservada a virgindade das freiras e dos padres também e, especialmente, a

alienação de ambos.

Ao final do curso científico houve uma festinha para nossa classe com doces, salgadinhos e um bolo, promovida pelas madrinhas mais chegadas no pedaço. Foi na sala de visitas, que não era muito grande. Com a porta aberta cabia todo mundo. Nestas ocasiões, eu era muito desajeitado, pendendo para o desastrodo.

Fui tão infeliz que numa manobra difícil, tirei um quarto do glacê do lindo bolo confeitado de branco, que estava na quina da mesinha de centro. Isto levantou uma gritaria geral das damas presentes, que nos deixou sem graça a ambos. A mim, porque fiquei vermelho e preto, manchado de branco. E, ao bolo, porque já não era mais todo branco. Guardei esta recordação por muito tempo na alma, no ouvido e na batina que ficou manchada até que desbotou de vez.

Cada um comeu o que pode e o que não pode, enfiando balas e caramelos nos bolsos generosos da batina e das calças também. A ordem era pegar tudo o que se podia porque o Padre Conti não costumava deixar nada para os particulares. Tudo o que a gente recebia estava sujeito à sua censura. Bolos, doces e salgadinhos destinados aos afilhados, muitas vezes iam parar diretamente na cadeia local, onde ele prestava assistência religiosa.

Essa era a mentalidade da época. Era o Regulamento também que, diga-se de passagem, devia ser cópia daquele de São Bento ou outros, originais lá pelo ano 1200, talvez não necessariamente, quase mil anos depois.

5. Aparecidinha.

No começo do ano seguinte, nossa classe estava em Aparecidinha, a cinco quilômetros de São Manuel, para fazer o noviciado. Este se caracterizava por ser um ano dedicado ao estudo do Regulamento e das Normas da Congregação, pela prática da penitência e do trabalho manual e, sobretudo, pela oração e submissão.

O Regulamento era nosso velho conhecido desde os dez anos. Dispensava comentários. As Normas referiam-se aos detalhes burocráticos: quem era o chefe principal, como era eleito, qual seu lugar à mesa, o que podia fazer. Afinal, definia como a máquina devia funcionar, isto é, quem podia mandar e quem devia obedecer.

O trabalho manual consistia em ficar quase o dia todo no cafezal dos padres, misturando o suor do rosto com as orações entoadas a cada meia hora, conforme o alerta dado pelo sino interno.

O noviciado era sempre feito num lugar afastado. Este isolamento era estendido, geralmente, aos próprios colegas de outras classes, aos problemas comuns da vida e às seduções do mundo, para concentrar-se na questão: ou se fica ou se vai embora. Nós não víamos a coisa sob este ângulo, tão condicionados vínhamos desde a infância que a continuação era ponto pacífico para todos. Assim aconteceu comigo e com os meus oito colegas que só esperávamos o tempo passar, para podermos fazer os votos religiosos no fim do ano, exceto um que foi afastado por motivo de saúde.

A mudança de ambiente me fez bem. Os primeiros tempos foram muito bons. Cheguei até a exercer uma certa liderança. Os livros científicos foram encostados, passando-se a usar, em seu lugar, livros religiosos, como a Bíblia, os escritos do Fundador da Congregação, a vida dos santos e outros deste tipo. Privilegiavasse muito a oração quase sempre em latim. Nem sempre compreendíamos o que recitávamos. Primeiro pela língua, segundo pela rotina. Ao levantarmos a dificuldade da língua, respondiam-nos que, para Deus, só interessava a intenção, a boa vontade, a obediência. Era a mesma desculpa que davam às freiras, em situação bem pior que a nossa. Elas deviam recitar suas orações naquela língua, sem dela conhecerem, às vezes, uma só palavra.

A finalidade primordial do Noviciado era formar homens submissos. Contou-nos um colega que passara pelo mesmo treinamento dois anos antes, que seu Diretor, um dia, um pouco antes da janta, o mandara regar as flores, depois de ter chovido o dia inteiro. Ele nem titubeou. Foi à cozinha, pegou a chaleira com água fervendo e executou a ordem sob o olhar distraído do padre e as risadas contidas dos colegas. No dia seguinte as flores estavam secas.

O sistema era muito rígido. O Regulamento assemelha-va-se àquele dos monges da Idade Média, o que provocava muita revolta. Num domingo à tarde, saímos pelo cafezal e fomos conversar à sombra de uma mangueira, no pasto. Todo mundo esvaziou o saco. Organizamos as reivindicações e concordamos em entregá-las ao nosso Diretor à noite.

No dia seguinte ele se recusou a rezar missa para nós. O Carlos deu uma de puxa-saco, se desgarrou, dividindo o

grupo. Fui chamado. Era o responsável da semana. A coisa estava preta. Fiquei com pena do homem. Era muita paulada de uma vez só. Porém, não podia amolecer. Nestas ocasiões eu me virava muito bem. Não tivemos uma resposta oficial. Mas, muita coisa mudou a partir daquele dia.

Durante este período continuei minhas idas ao médico, em Botucatu, devido a problemas estomacais. O médico começou a me receitar injeções na veia. Como não havia ninguém, na nossa turma especializado no ramo, comecei a frequentar a farmácia local, que não cobrava nada. Ia todas as manhãs, mesmo que não fosse preciso, porque eram em dias alternados. O casal, dono da farmácia, era uma gente muito boa. Tinha dois filhos: o rapaz estudava fora e a moça cursava o Normal em São Manuel.

Fiquei freguês. Houve um tempo em que eu tomava café com eles. A injeção tinha que ser tomada em jejum. Depois eu aproveitava o café e a companhia. A Lurdinha quase nunca estava. Ela saía cedo para a aula. Mas o pensamento da sua presença adoçava mais o café.

Às oito horas eu devia estar de volta. É verdade que o Nardelli, às vezes, quebrava o galho. Não queria envolvê-lo neste assunto. O Padre Conti era muito desligado. Mesmo assim, ele notou que eu não estava mais indo rotineiramente ao seu escritório, de manhã.

Isso me preocupou. Dizia-se que a comunidade tinha que andar como um relógio. Imagina o sineteiro, então, função que assumi a partir do segundo semestre. Eu devia acertar meu relógio toda manhã com a hora oficial do *Repórter Esso*, noticiário muito ouvido na época. Assim, eu tinha ascendência sobre os colegas. Lembro-me que eu fazia com certa habilidade, sem me

comprometer. O Vitorino, que estava por dentro de todas as fo focas foi apelidado de *Repórter Esso* e não eu que veiculava notícias oficiais.

Não podia faltar, no refeitório, à hora do café. Era mos poucos. Mesmo que o tivesse tomado, devia fingir que esta va servindo, substituir o leitor, enfim, despistar de alguma maneira.

No fim do Noviciado, meus colegas foram passar três semanas de férias numa grande fazenda, perto de Botucatu, na maior mordomia. Sem pedir, o Padre Conti me disse que eu iria a Serra Negra, ficando no hospital, onde o capelão era um pa dre da mesma Congregação. Ia para tomar água das fontes e me tratar da minha azia. Fui e voltei tal qual. A única vantagem era que eu me afastava daquele ambiente e dos colegas.

No ano seguinte comecei o curso de Filosofia. Come cei também a sentir fortes dores nos calcanhares, que quase me impossibilitavam de andar. Através de um amigo que trabalhava no Sanatório Santa Catarina, em São Paulo, fui apresentado ao Dr. João, um dos maiores especialistas, na época. A partir da semana seguinte, toda quinta-feira, às sete horas da manhã, eu estava lá. A infiltração era dolorida, mas eu não ligava muito. Às duas horas da tarde, pegava o caminho de volta. Era só apre sentar o passe e lá ia eu com o trem de luxo, primeira classe, sem pagar nada, porque trem e médico eram de graça, além do café da manhã e do almoço, mandados servir no hospital, pela Irmã Cidinha.

No início do último ano de Filosofia foi-nos dada a notícia que nossa turma iria cursar Teologia na Itália. Todo

mundo vibrou. Colegas e amigos nos felicitavam e invejavam pela grande oportunidade. Até que enfim ia chover na minha horta, pensei.

No mês de maio foi feita uma excursão a Rio do Oeste, em Santa Catarina. Aproveitei para comunicar pessoalmente a meus irmãos que moravam perto, de que em setembro estaria em barcando para a velha Itália. Todos me felicitaram e me ajudaram no que puderam.

No fim das férias de julho, com a ordem de ir a São Paulo providenciar o passaporte, veio também a notícia de que nem todos iriam. Dos sete, três ficariam, cada um por motivos diferentes, que seriam explicados pessoalmente, no dia seguinte, por um dos Conselheiros, o Padre Natal.

Este padre era conhecido pela habilidade em dobrar as pessoas. Comigo ele não teve muito trabalho. Disse-me que aquele fora um gesto de força do novo Conselho, se não a Congregação ia debandar. Eles fizeram isso para *moralizar*. Disse-me ainda que era uma provação que Deus me mandava, mas ele tinha certeza que eu iria superar, pois ele confiava em mim, que estava do meu lado e aquela baboseira toda.

Ele não obteve o mesmo sucesso em relação aos outros dois colegas e ao nosso Diretor, o Padre Conti. Este reagiu porque atingiram a sua revelia três de seus pupilos. Mas ele também foi engabelado pela lãbia insuperável de seu habilidoso ex-aluno: "*Era uma provação que Deus mandava. Se fossem dignos, eles iriam superar. Caso contrário, melhor desistirem agora que mais tarde*". O nome de Deus acabava qualquer discussão: "*O Conselho decidira inspirado pelo Espírito Santo*". E o pior era que de todo jeito ele tinha razão: se foge, o bicho pega,

se pãra, o bicho come.

O Euclides fez o maior escândalo. Queria ir embora no mesmo dia. O Vitorino, idem. Eu, misteriosamente: mas, onde ir? Que fazer? Voltar para casa? Que diria meu pai? Que faria ele? Falei ao padre Conti que queria ir embora. Ao que ele respondeu prontamente: "*Pode ir, a porta está aberta.*" Não sô não fui, como também segurei os outros dois. Nunca mais falei em ir embora.

A decisão do Conselho estourou como uma bomba e gerou críticas em todos os escalões. Houve também uma reação dos nossos colegas que logo foram cooptados e ficaram felizes no bem bom. Comecei a perceber que a partir de então eu cruzava os braços com muita freqüência e fechava os punhos com muita força. E continuei apesar dessa situação e dessa humilhação toda.

6. Na Itália

Um ano depois estava chegando em Turim, na Itália, iludido que lá encontraria a solução para todos os meus problemas. Os primeiros tempos foram felizes, apesar do esforço inicial de adaptação. Logo, porém, o conflito voltou a emergir. Conversei com o Padre Carnera, Diretor Espiritual. Tornamo-nos bons amigos. Depois de algum tempo, me aconselhou a desistir e me advertiu: "*Víctor, você é como um carro de luxo, grande, confortá*vel. Este tipo de veículo exige uma estrada larga, reta, bem conservada e bem sinalizada. O Padre, porém, é como um carro

pequeno, leve, mas resistente, que enfrenta estradas estreitas, cheias de curvas e buracos, com subidas e descidas íngremes. Você não pode continuar. Você deve desistir."

Em vez de desistir do seminário, me afastei dele e me aproximei do Padre Pavese, Diretor Geral. Este achava que devia continuar. Para ele, a vida fechada do seminário era a fonte de meus problemas. Minhas tentações e dificuldades se esvairiam como num passe de mágica com o fim do curso e início das atividades pastorais.

Por isto, saía com freqüência nos fins de semana. Fiz amizade com um colega, Giovanni Saffirio, que me levava, constantemente, à sua casa. Como as saídas se tornaram muito freqüentes, tinha que sair às escondidas, sem pedir licença. No começo elas aliviavam minha tensão. Depois de algum tempo, elas a realimentavam. Alguns amigos tentaram inutilmente me ajudar.

Um dia fui dedado ao Padre Pavese, que me chamou duramente a atenção. Ele me disse que minhas saídas constantes podiam até dar *justa causa*. Esta ameaça me assustou mesmo. Sos seguei por um bom tempo.

Aproveitei para insistir com ele que eu precisava conversar com um psicólogo que me ajudasse a tomar uma decisão, a pôr a cuca em ordem. Ele repetia que era inútil, que a palavra dele era suficiente, que eu tinha vocação realmente, que eu seria um ótimo padre, e ponto final. Depois de muito reclamar, ele me encaminhou ao padre enfermeiro que me enrolou mais alguns meses, antes de encaminhar-me a um especialista.

Apresentei-me no endereço indicado no bilhete. Sentia-me cheio de culpa, considerando-me um cara anormal, um lixo, um caso perdido mesmo. O profissional escutou-me de pē. Eu estava muito confuso. Não lembro o que falei. Sei que ele me deu uma receita e a ordem de voltar dentro de um mês, que se prolongou por mais de três. Sō depois fiquei sabendo que ele era um neurologista muito importante e ocupado, que viajava frequentemente, que era amigo dos padres e que estava fazendo de graça.

Quando voltei a conversar com ele, estava ainda mais complicado. Disse-o a ele. Disse-lhe também que os calmantes que me receitara, me ajudaram, no começo, depois sō fizeram piorar a situação. Eu não devia ter falado isto.

O homem ficou furioso. Simplesmente se dirigiu à porta e me disse: "*Se vuole un miracolo dalla Madonna, vada a pregare*". Isto ē, se quer um milagre de Nossa Senhora, vā rezar. E me pôs da porta pra fora.

Isto me escolhambou. Depois desta eu já não tinha mais força para nada. Cheguei à conclusão que eu era realmente um cara inviável. Enquanto isto, o tempo ia passando e eu assumindo compromissos que me complicavam cada vez mais.

Eu não agüentava mais. Precisava falar com alguém. Um dia telefonei ao Mário, um grande amigo e disse-lhe que precisava muito falar com ele. Tinha decidido abrir o jogo: que eu não queria mais continuar e que precisava do apoio dele para tomar esta decisão.

Ele veio me pegar na hora do almoço e fomos comer

uma lasanha deliciosa num restaurante bem tranqüilo. Não sen tia o gosto da comida, nem o sabor do vinho. Imaginava-me um réprobo. Como dizer ao Mário? Que pensaria ele? E meu pai? Co mo reagiria? E eu, para onde ir, depois? O que fazer?

Almoçamos e voltamos e tudo continuou como antes.

Assim terminei o terceiro ano de teologia e com ele recebi a notícia da morte de meu pai. No começo do quarto ano, ou seja, poucos meses depois eu seria ordenado padre. Agora es tava decidido a continuar. Quanto mais me aproximava da ordena ção, mais a queria, apesar de sentir que não era por aí. Eu não via outra saída.

Fui procurar um outro conselheiro, um jovem professor recém-chegado de Tubingen, na Alemanha. Expus-lhe meu caso. Nem me deixou terminar. Disse-me que devia desistir imediatamente, pois já fora longe demais. "*Você vai dar com os burros n'água*" disse, enquanto me abraçava e me desejou boa sorte.

Sō ficou nisto. No dia da minha ordenação fiquei mui to impressionado com a *imposição das mãos*. É o momento em que o Bispo e seus auxiliares invocam o Esp̄rito Santo, impondo as mãos sobre a cabeça de cada candidato ao sacerdōcio. Quando passei pelo Padre Carnera e pelo jovem professor senti que me apertavam a cabeça com muita intensidade. Lembrei-me da histō ria do carro e do conselho do outro. "*Não podia ser. Eu estava certo e não eles*", pensei. E fui em frente.

A cerimônia, para mim, não refrescou nada. Não senti nada, não provei nada, não aconteceu nada. Sō esperei o tempo passar. Ao final, o Mário e a Nives me abraçaram: "*Vīctor, tí sei trasformato*", me disseram. Quer dizer: você se transformou.

Eles eram tão bacanas. Sentia decepçã-los. Mas eu não me transformei nada. Aceitei os cumprimentos e fiquei calado.

No dia seguinte eu estava em Fornace, perto de Trento, cidade natal de meus avós. O povo se uniu para festejar o *cugñ brasilian* - o primo brasileiro. Foi uma festa com foguetes, barraquinhas, banda de música, almoço onde até o prefeito marcou presença. As senhoras do lugar me deram um gravador de presente. À tarde as crianças me festejaram com um teatrinho.

Teatro de verdade, com quase três horas de duração, aconteceu à noite, todo ele em dialeto trentino. Foi um sarro. Era a história de um padre trapalhão. No meu agradecimento resumi a história, salientando o que me tinha tocado mais, o que os deixou muito satisfeitos e gratificados.

Quem não estava satisfeito era eu. Toda aquela alegria, aqueles sorrisos, aquelas palavras, aquele carinho não eram para mim. Eu não me sentia padre.

A repórter do jornal *L'Adige*, de Trento, me entrevistou. Fiquei todo encabulado. Nunca tinha percebido como minha vida era confusa. Tão confusa, que eu mesmo não a entendia.

Para preparar o almoço da festa viera uma cozinheira minha parente, que tinha um hotel sobre o Lago de Garda, perto de Verona. Fizeram questão que eu passasse alguns dias com eles. Fui.

À noite, a dona da casa me perguntou o que eu gostaria de tomar no café da manhã. Ora, eu sempre tinha tomado cafê com leite e pão. Imaginem minha cara quando ela disse que poderia dormir ã vontade. Ao acordar era sô tocar a campainha que uma das meninas, suas filhas, iria levar o café na cama, para mim. A esta altura da conversa eu já tinha esquecido todas as festas de Fornace e estava per

dendo até o sono. Claro que no dia seguinte, eu estava tomando o café na mesa da cozinha, para espanto da mulher, do seu marido e das duas moças.

Perguntaram-me o que queria para o almoço. Novo vexame. O que escolher? Eu nunca tinha escolhido nada. Já vinha tudo pronto, com seu cardápio pré-estabelecido para todos os dias da semana. Eu sempre tinha obedecido e comido o que me aparecia na frente. Para mim estava sempre *tudo muito bom*.

Voltei a Turim. Tudo voltou ao que era antes. Neste período fui ao psicólogo. Era um bom cara. Ele tentou me ajudar. Percebeu que estava tudo errado. Procurou salvar o salvável. Me estimulava a estudar, a aprofundar-me em alguma coisa, a lutar, a visitar exposições, assistir conferências, a brigar por algo que gostasse. O contato semanal com ele me ajudou muito. Mas ele estava comprometido com o Sistema. Me incitava a continuar. Mesmo assim lhe sou agradecido. Foi, talvez, o primeiro passo decisivo para a libertação. Foi a primeira vez que percebi que eu podia ser eu mesmo.

2a. PARTE - A N Á L I S E

CAPÍTULO I - O PROJETO DAS GERAÇÕES VELHAS: MANUTENÇÃO DO SEU MUNDO.

1. O lugar da saudade

Toda pessoa, ao emigrar, o faz envolvida por dois sentimentos opostos: a dor e a esperança. A expectativa de dias melhores, de paz e bem-estar a faz superar o medo e a incerteza do desconhecido e a saudade da terra natal. Cada imigrante carrega no seu íntimo a certeza de uma vida nova, de uma outra Pátria, onde pretende fazer florescer os valores reais e ideais da terra de origem, sem suas limitações.

Saudade e esperança são sentimentos que se revezam constantemente no coração de todo ser humano. Com muito mais razão, no dos imigrantes. Sendo assim com todos eles, creio poder afirmar o mesmo em relação a meus avós.

Qual era a esperança deles? Que projeto tinham? Em outras palavras, por que deixar a própria Pátria, abandonar

seus parentes e amigos, o velho cemitério, a bonita igreja ao lado do antigo castelo, aquelas montanhas que lhes traziam tantas recordações, aquelas casas com os gerânios pendentes das janelas, as cantorias com os amigos aos sábados e domingos e cruzar o Oceano Atlântico, montados simplesmente na esperança e nada mais?

Todo projeto das gerações velhas implica na manutenção do seu mundo: recuperar, no futuro, o passado. Este é o grande projeto. Como parte integrante deste projeto deparamos com a necessidade de enquadrar as gerações novas no parâmetro do mundo dos Velhos. Para tanto, fazia-se necessária a construção de um mundo mítico que garantisse a estabilidade do mundo dos pais e propiciasse a intocabilidade a tudo o que se referia ao passado e mantivesse as gerações novas nesta perspectiva.

Nosso projeto levava o nome de São Virgílio e/ou Cincoenta. O primeiro em memória do padroeiro da catedral de Trento, terra de origem, em cuja homenagem a igreja local foi construída. O segundo era o número do lote onde estava a igreja, o cemitério, a escola paroquial e, posteriormente, a casa das Maestras.

O nosso lugar tornou-se o lugar da saudade. Ela não se esgotara nem com as lágrimas nem com a esperança. Esta se transformara numa enorme frustração. As lágrimas pela terra distante e pela nova, agora escorriam juntas, fazendo-a germinar a despeito da dor e do desencanto, trazendo no seu bojo as esperanças de cada um.

Quanto mais o sofrimento apertava o cerco ao redor deles, mais a saudade se fazia presente. As cartas atravessavam o Oceano num constante vai-vem, muito mais numerosas e pesadas

na ida que na volta. Diante de tanta decepção e frustração, os que ficaram em Fronace se retraíam. Aguardavam inutilmente a volta de alguém, algum desmentido verbal. Mas esperaram em vão. Só um homem voltou, morrendo pouco tempo depois. Ele não gostava de tocar no assunto, o que reforçava ainda mais os boatos de que a maioria tivesse já morrido de fome, de doenças estranhas, picados por serpentes, atacados por animais ferozes ou devorados pelos índios. A partir de então, a correspondência diminuiu ainda mais, extinguindo-se completamente a seguir, conforme me contou a nonnina Lúcia, de oitenta e oito anos, em 1965, na Itália.

2. O Projeto

Na proporção em que a Velha Pátria morria para eles, mais a ressuscitavam dentro de si mesmos, tornando-a presente e cultuando-a de todas as formas e modos, conforme ensina a psicanálise: quando a realidade desaparece, ela é ressuscitada na fantasia. Foi assim em relação aos nomes de lugar, das pessoas, dos animais domésticos e de estimação. Meus irmãos que nasceram seis décadas ou mais após a chegada dos Velhos, receberam na pia batismal, os nomes de: Ervino, Amália, Mélio, Etelvina, Dália, Ida, Irma, Lindo (que depois mudou para Lino), e Armide. Meu primo João me dizia que ele sentia dificuldade em rezar em português, porque só o fizera em trentino, na infância.

Não sō a língua, mas a Religião, a escola, os costumes e as tradiçōes vieram na sua bagagem e foram conservados intatos, com muito zelo. Trouxeram tambēm uma cōpia do mapa da cara Itália - querida Itália - estampado em seus coraçōes. Não se consideravam brasileiros, mas *italiani d'America* conforme nomes dados a algumas cidades: Nova Trento, Nova Veneza. Torino Futebol Clube foi o nome dado ao time de futebol local, fundado um sēculo apōs sua chegada.

A manutençō do mundo deles estava tã arraigada, e a cōpia do mapa da Itália tã legível, que hã dois anos, quando faleceu a tia Catina, irmã de minha mãe, escutei meu primo Luís dizer com orgulho e emoçō, enquanto tomávamos cafē: "O fogo deste fogão nã se apagou nos ũltimos vinte e oito dias da morte da mamãe. Ele ardia direto. Era de dia e de noite. Sempre tinha gente aqui em casa. O prefeito de Saleta - se de do Municíprio - mandou espalhar um caminhão de brita aí na frente, se nã os carros ficavam atolados, devido ã muita chuva". Comentando isto com minha cunhada Helena, ela completou: "Fala a verdade! Acho que aqui no lugar ninguēm mais vai ter uma morte tã bonita como a tia Catina teve. Os filhos cuidaram dela atē o ũltimo suspiro mesmo. Era atē bonito de ver. Não sō eles. Todo mundo ia lã. Nōs tambēm íamos lã todos os dias. Fechávamos a venda às seis horas e dāvamos uma fugidinha. E o asfalto nã tava pronto. Mesmo com a estrada ruim, por causa da muita chuva, sempre se dava um jeito. Éta família bonita aquela".

Minha tia, para quem estavam preparando uma grande festa pelos seus oitenta anos que se avizinhavam, era a última sobrevivente dos pioneiros que deixaram a Cincoenta algumas décadas antes devido à superpopulação e se estabeleceram em Saleté.

Eles não tinham consciência. Na verdade, estavam renovando sua profissão de fé no projeto dos Velhos, realimentando a saudade e reavivando os contornos do mapa. Era assim na velha Itália, como se pode depreender desta notícia.

"È MORTA A FORNACE LUCIA LA 'NONNINA'

L'inverno 1966, lungo e rigido, ha influito funestamente sulla salute della 'nonnina' di Fornace; una banale indisposizione l'ha costretta a letto all'inizio della primavera e s'è spenta serenamente, dolcemente com'era vissuta.

Lucia Pisetta ved. Tomelin aveva 89 anni ed era madre di dieci figli. Si sposò con il signor Valler Giuseppe il 28 aprile 1900 e crebbero assieme la loro famiglia modello.

Con lei se n'è andata oltre ad una mamma esemplare, una figura di donna fra le più care del nostro paese, sempre pronta ad offrire il suo aiuto a tutti fin quando la salute glielo permise. Era la 'fata buona', intuitiva ed in punta di piedi avvicinava, aiutava generosamente e confortava.

I sacrifici nella sua lunga esistenza, non hanno mai turbato la sua serenità, lascia di sé un grande rimpianto ed un vasto ricordo affettuoso; i funerali svoltisi giovedì scorso sono testimoni della bonomia che godeva e di riconoscenza con una plebiscitaria partecipazione di folla dal paese e fuori.

Ai familiari colpiti negli affetti più cari, rinnoviamo le condoglianze".(6)

(6) Jornal L'Adige, pg. 9. "Morreu em Fornace, Lúcia, a vovozinha. O inverno de 1966, longo e rigoroso, influiu funestamente sobre a saúde da vovozinha de Fornace; uma indisposição banal a levou à cama no início da primavera e ela faleceu serena e docemente como vivera. Lúcia Pisetta, viúva Tomelin, tinha 89 anos, era mãe de dez filhos. Casa ra com o Sr. Valler Giuseppe no dia 28 de abril de 1900 e juntos criaram sua família modelo. Com ela partiu não só uma mãe exemplar, uma figura de mulher entre as mais queridas da nossa localidade sempre pronta a oferecer sua ajuda a todos até que sua saúde lhe permitiu. Era a 'boa fada', pressentia e, na ponta dos pés, se avizinhava, ajudava generosamente e confortava. Os sacrifícios na sua longa existência nunca perturbaram sua serenidade, deixa após si, muita saudade, muita dor e uma lembrança carinhosa. O enterro realizado na última quinta-feira é testemunha do prestígio que gozava e do reconhecimento com uma participação geral do povo do lugar e de fora. Aos familiares, atingidos nos seus afetos mais caros, renovamos nossos sentimentos. (Tradução nossa)

Voltando à pergunta anterior: que projeto tinham? , percebemos que o título São Virgílio e/ou Cincoenta era de per si muito significativo. Nele estavam embutidos o objetivo a ser perseguido, a estratégia a ser utilizada e as relações de poder.

O primeiro consistia em instituir o Cincoenta como o *lugar da saudade*. Constituíram uma Pátria nova, ou melhor, uma Nova Pátria, com as qualidades da antiga, sem suas incompletudes, visando a manutenção do seu mundo. Este mundo dos Velhos era o destino que preparavam para os novos. Problema dos novos: não tinham o mapa no coração, não se lembravam, não tinham saudade. O perigo: a atração do mundo dos estranhos. Era mais fácil tornar-se brasileiro. Problemas dos Velhos: como operacionalizar seu projeto?

Era preciso elaborar uma estratégia. Esta consistia em produzir o silêncio, a fala obediente, a fala repetitiva, a negação da originalidade, a castração dos fracos. Fazia-se necessário manter uma fala que propiciasse o domínio do mundo da saudade, representado pelo padre, pai, professor. Como? Qual a tática a ser adotada? O autoritarismo. Para que? Para impedir a fuga. Como se manifestava o autoritarismo? Pela imposição do silêncio. Sã falar o mundo dos Velhos. Através da negação da palavra produzia-se uma criança reprimida: obediente na família, repetitiva na escola e na Igreja, e sem originalidade na comunidade. Esta criança cresceria e se vingaria da repressão tornando-se pelo silêncio imposto e pela incapacidade congênita de falar, padre, pai, professor e cidadão repressor, realimentando, assim, incessante e indefinidamente o processo.

E as relações de poder? O mundo dos colonos era constituído pela aliança entre eles e a Igreja. Todo o bem e verdade estava nos três poderes constituídos: padre, pai, professor. Era a conspiração contra os filhos, o projeto de dominação dos aliados contra os impotentes. Antes do nascimento de cada um, o destino já tinha sido traçado: ser padre ou freira. Mesmo que todo mundo não ia cumprí-lo integralmente, ia obedecer o padre.

3. A Aliança

Quem emigra, além da saudade, sabe perfeitamente que vai ter que *morder corrente*, especialmente no começo e por um certo tempo. A esperança lhe assegura, porém, que as coisas vão melhorar e muito. Neste sentido, o investimento atrai. É preciso ter força de vontade, habilidade e um pouco de sorte. A primeira eles tinham de sobra. A sorte não dependia sō deles. Mas a conquistariam, porque *a sorte ajuda os fortes*. A habilidade: encontrar soluções novas para velhos problemas, era o desafio ao seu projeto.

A Igreja fazia parte de seu mundo e devia ser preservada como um valor de primeira grandeza. O questionamento é sobre o tipo de aliança feito por eles para atingirem seu objetivo com mais segurança. A discussão é sobre a tática em relação à adaptação do projeto ao novo ambiente. A pergunta que emerge é a seguinte: como era possível conciliar, na cabeça deles, progresso com isolamento e aversão às mudanças? Ou ainda: se eles

vieram embalados pela esperança de dias melhores, de paz e bem-estar, de conforto e progresso para si e seus filhos, como explicar a desconfiança dos estranhos, o desprezo pelos negros, o ódio pelos brasileiros e, sobretudo, a aprovação da violência contra si mesmo e seus próprios filhos, através da submissão total e irrestrita à Santa Madre Igreja, cientes que ela prometia a salvação da alma, mas exigia em troca, a repressão do corpo, estancando assim, inexoravelmente suas aspirações mais acalentadas?

É possível alguém renunciar à própria liberdade, aos seus anseios mais caros, assim por qualquer motivo? Que fez, afinal, os Velhos optarem por uma aliança desta natureza com a Igreja, aceitando e aprovando sua violência? Contra quem era preciso unir tantas forças? E o mais estranho: por que os filhos aceitaram e aprovaram a violência dos Velhos e da Igreja contra eles mesmos, seus irmãos e irmãs, parentes e amigos? E o que é pior, por que eles mesmos, que tanto sofreram por sua causa na sua infância e juventude, quando adultos a repassavam nos seus entes mais queridos, a mulher e os filhos?

Em outras palavras, que estranho projeto era aquele dos nossos Velhos que produzia um mundo bolha, fechado em si mesmo e mantido pelos filhos? A aliança com a Igreja foi a melhor política? Se foi ou não, não importa para o presente estudo. O que importa é analisar o que os levou a optar por ela.

Três motivos, a meu ver, os induziram a esta atitude:

1º) Porque os pais têm medo dos filhos. Temem que destruam seu mundo, que usurpem seu lugar. A psicanálise tem

uma sugestão interessante a respeito: todo filho quer matar seu pai. Daí a necessidade de mandamentos que proibam a violência dos filhos e autorizem a dos pais. A Igreja dispunha de farto instrumental neste sentido e uma larga experiência no ramo, bafejada por séculos de repressão. Colonos e Igreja eram aliados de longa data. Diante das novas circunstâncias e do ambiente hostil e ameaçador resolveram apertar mais os laços de amizade e cooperação com ela, e deixá-la agir.

29) Porque ela era a legitimadora deles, sacralizava sua autoridade, aprovava e abençoava sua violência.

30) Porque não podiam viver sem ela. Fazia parte da velha Itália. Era um pedaço de sua carne.

4. A Identidade

Assustados e temerosos diante do desconhecido, revoltados contra as autoridades brasileiras que os abandonaram à própria sorte, os Velhos optaram pelo tudo-ou-nada. As frustrações do dia-a-dia somadas à carência de recursos para enfrentar um ambiente estranho e hostil, esquecidos progressivamente pelos parentes da Europa e presenciando, impotentes, a morte de seus filhos acometidos por doenças misteriosas, fizeram com que se unissem contra um inimigo comum.

"Compreende-se, portanto, que as situações de perigo tendem a produzir coesão social. Face a um desastre natural ou a uma ameaça política externa os inimigos se dão as mãos, ainda que por meio de coligações políticas provisórias, para enfrentar o inimigo comum. A guerra produz muito mais sentido de unidade nacional que a paz. É mais fácil convenir uma nação a fazer pesados sacrifícios para a destruição de um inimigo comum, que convencê-la a construir um mundo de paz, onde não haja inimigos".(7)

Por que a maioria das pessoas do Cincoenta aceitou o acordo Velhos-Igreja? Por que todos concordaram em esquecer seus pequenos rancores para somar esforços? Quem era este temido inimigo comum? Qual o valor a defender?

Provenientes de um país tradicionalmente católico e conservador, leais ao Papa, à Igreja e aos seus santos, entre católicos e italianos, viram-se, de repente, ilhados e ameaçados por dois tipos de estranhos. Internamente, pelos brasileiros, representados pelos mascates que circulavam pela colônia, caracterizados pela displicência religiosa, pelo desregramento moral e pela fluência numa língua estrangeira, o português. E, externamente, pelas florescentes colônias de protestantes alemães que os circundavam, apontados como os grandes contestadores de sua Igreja: Una, Santa, Católica, Apostólica e Romana. Não são. Pela sua filosofia de vida: moravam em casas bonitas, confortáveis, entre jardins bem cuidados. Seus filhos frequentavam boas escolas e andavam sempre bem alinhados. O comércio, entre eles, era muito valorizado e o relacionamento social mu

(7) ALVES, R.A. *Protestantismo e Repressão*, Ática, SP, 1982, pg. 240.

to intenso, através de festas nas casas e clubes. Enfim, sua vida era alegre e saudável. E o que mais chamava a atenção: os pais eram muito carinhosos em relação aos filhos.

O isolamento e a solidão, a austeridade na casa e a rudeza no trato com os filhos, a falta de tino para negócios e a desconfiança de papéis e documentos caracterizavam o indivíduo do projeto dos nossos Velhos. Como conseguiriam eles manter o seu mundo e o ideal de identidade do grupo se os filhos pudessem escolher o seu futuro e decidir livremente sobre o seu destino? Esta séria ameaça explica o alto preço pago à Igreja pela sua colaboração.

5. Os Mecanismos de Intimidação

Os pais, ou qualquer pessoa que lida com crianças nota, à certa altura, que elas descobrem com estupefação, seu endereço e o número de sua casa. Percebem em seguida e com muito mais espanto que esta localização lhes informa o que eles podem fazer e esperar da vida. Do mesmo modo, tomam consciência que, assim como todo jogo é regido por regras e sua rígorosa observância pelos participantes é ponto pacífico para que a díversão não se transforme em pancadaria, assim também, o seu endereço ou seja, sua localização, implica na aceitação de regras impostas abusivamente.

Elas aprendem na escola aquilo que a prática está cansada de demonstrar:

"A pessoa age em sociedade dentro de sistemas cujos dados são definidos de poder e prestígio. E depois que aprende sua localização, passa também a saber que não pode fazer muita coisa para mudar a situação. (...) Nenhuma sociedade pode existir sem controle social. Até mesmo um pequeno grupo de pessoas que se encontrem apenas ocasionalmente terá de criar seus mecanismos de controle para que o grupo não se desfça em muito pouco tempo."(8)

"A primeira lei da política é que a sociedade está dividida numa classe dominante e uma classe dominada. Seres humanos nascem como nenezinhos. Eles só conseguem sobreviver em berçários sobre os quais eles não têm poder. Uma sociedade, qualquer que seja ela, contém pelo menos um berçário, isto é, uma classe dominada e uma classe dominante."(9)

Chegamos, então, à conclusão de que:

1º) A violência é o alicerce de toda ordem política.

2º) Toda sociedade é composta de uma classe dominada e uma classe dominante.

Partindo desta conclusão e cientes quanto às verdadeiras intenções das gerações velhas, resta-nos, agora, procurar, no texto biográfico, uma resposta às seguintes perguntas:

(8) BERGER, I.P. *Perspectivas Sociológicas*. pg. 79 e 81.

(9) COLLINGWOOD, R.G. citado por Philip RIEFF: *Freud: The mind of the moralist*, New York Garden City, Doubleday, 1961, p.241.

1a.) Quais são os atores?

2a.) Quais as regras impostas pelos líderes para manter o seu mundo? Ou: se a identidade do grupo, seu maior valor, estava ameaçada tão seriamente, como agiram e que mecanismos empregaram para resguardá-la e vivificá-la?

Quanto aos atores, notamos que eles são de dois tipos:

a) Os que mandam, que têm poder: padre, pai, professor, chefe político. Formam uma confraria, uma aliança dos fortes contra os fracos, uma coligação de conspiradores, criando um mundo que deve ser aceito sem discussão. Decidem qual o lugar de cada um no mapa geográfico e social.

Usam uniformes, insígnias e medalhas. Ostentam diplomas, títulos e benemerências. Auto-intitulam-se Reverendos, Mães, Damas da Caridade, Irmãos dos Pobres, Irmãzinhas de todos, Congregados, Filhos e Filhas disto ou daquilo, mandachucas e capovallatas⁽¹⁰⁾, Excelências e Eminências, Cardeais e Generais, vereadores e prefeitos, presidentes e coronéis. Geralmente habitam em casas grandes e imponentes, rodeadas de jardins, em pontos privilegiados e estratégicos e desfrutam de uma autoridade incontestada, como as Maestras, no Cincoenta, que iniciaram despretenciosamente com um vestido simples de xadrez vermelho e um lenço na cabeça para serem imediatamente visualizadas e identificadas como tais. Alguns anos mais tarde

(10) Chefe local, uma espécie de delegado de polícia e juiz de paz.

receberam a aprovação dos poderosos locais e com ela um uniforme oficial e o status que ele confere.

Alguns conspiradores usavam artifícios menos formais. Nem por isto menos eficientes. Pelo contrário. Eles não precisavam nem falar. Bastava o simples pensamento de sua presença, como o barulho dos tamancos do meu pai no soalho de madeira da sala de visitas⁽¹¹⁾ e a vara que ficava ostensivamente sobre a mesa durante a aula.⁽¹²⁾

O padre dispunha de um arsenal bem mais sofisticado: *La campana* - o sino -, que ficava no alto da torre, era o ponto alto das atenções dos moradores⁽¹³⁾. O professor, seu lugar-tenente. E as Maestras, freiras da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, que substituíram o professor, transformaram-se na maior autoridade local, corporificando o padre e a Religião.

Onde fica a mãe?

Posição intermediária: é reprimida e repressora. Está do lado do pai e do filho, dependendo das circunstâncias. Era assim com minha mãe. Tanto é verdade que não consigo lembrar sua voz, apesar de já ter treze anos quando ela morreu. Assim funcionam as mães e a Virgem Maria: arrependei-vos de vossos pecados. Fazei penitência. Rezai. Estou cansada de segurar o braço cheio de ira de meu Filho - não é esta a tônica das mensagens da nossa Mãe do Céu?

(11) Cfr. pg. 21.

(12) Cfr. pg. 34.

(13) Cfr. pg. 28.

b) Os que não têm poder. São obedecem. Eles se transformam num bando de cordeirinhos. Como explicar esta submissão? Por que aceitamos e aprovamos as regras e defendemos aqueles que nos oprimem? O desejo de sermos aceitos e o medo de sermos rejeitados faz com que executemos exatamente o que a sociedade espera de nós. É assim que age a criancinha ao atender a solicitação de seus familiares de manter-se limpa e seca, mesmo que para isto tenha que privar-se do prazer da evacuação espontânea dos conteúdos intestinais.

Queremos os papéis que a sociedade nos atribui. Acontece assim em toda parte. Grandes sambistas, campeões de futebol, de tênis, de golfe e de alpinismo são existem onde estas atividades são valorizadas e privilegiadas. Toda sociedade, portanto, cria os homens de que precisa: generais em tempo de guerra, diplomatas em tempos de paz, pesquisadores em tempo de transformação, famílias com prole numerosa ou reduzida, prostitutas, missionários e trombadinhas. Ela decide não só o que fazemos, mas também o que somos, com nosso consentimento e aprovação. O habitante do Cincoenta não fugia à regra geral: ele era o que a sociedade o fazia ser.

Quanto aos mecanismos de intimidação, o texto biográfico apresenta vários:

- construção de um mundo mítico. Todo autoritarismo se legitima através do ódio à figura que instituiu como o oposto de si próprio. Para tanto, os brasileiros são apresentados como indolentes, preguiçosos, sem amor à família, sem religião. Os pretos, como bichos perigosos. Os protestantes, como a maior ameaça ao seu valor principal. O padre, o pai e o professor, como os detentores de todo o bem e verdade.

A tática consistia em intimidar os estranhos para mantê-los afastados e impedi-los de entrar no grupo e, aos íntimos, de sair, isto é, mantê-los dentro. A muralha construída pelos líderes chineses não tinham o mesmo objetivo? Desta forma conseguiram manter o povo isolado por vários séculos e seus privilégios intatos. É assim que ainda fazem, hoje em dia, muitos médicos. O doente é induzido a temer muito mais a desobediência à sua orientação que o horror da doença e da própria morte.

Barreiras, restrições e proibições foram e continuam sendo construídas pelos poderosos, isto é, pelos interessados em explorar os fracos para manter, assim, seus privilégios.

"De 19 de janeiro até abril de 1984, 19 mil alemães abandonaram legalmente a Alemanha Oriental (RDA). Em apenas três meses, mais alemães orientais tiveram permissão para emigrar para o lado ocidental do que todos os que abandonaram o país, legal ou ilegalmente em 1983. Não existem estatísticas sobre a matéria, mas estima-se que, na RDA, atualmente, 500 mil pessoas já tenham pedido 'dispensa de nacionalidade' e estejam esperando a vez de emigrar. Ao contrário do que acontecia há alguns anos atrás em Cuba, esses emigrantes não são criminosos ou associados, mas médicos, engenheiros, técnicos qualificados, professores, cientistas, teólogos e operários dos mais diversos ramos, muitos deles com famílias completas.

Por cada um, a Alemanha Ocidental (RFA) paga à RDA, em dinheiro ou mercadoria, um preço específico segundo sua capacitação profissional. Desde julho do ano passado - quando a RFA fez um empréstimo de um bilhão de marcos à RDA, inaugurando uma nova fase nas relações entre os dois Estados -, as autoridades comunistas vêm abrandando as restrições à emigração e liberalizando as leis sobre o casamento com estrangeiros.

Mas, por que, de repente? Sem dúvida, o novo fluxo migratório representa bilhões de marcos à RDA, mas para formar estes quadros o Estado socialista gastou provavelmente mais. Fala-se em 'exportação de desemprego', uma vez que a recessão mundial também

estã agravando duros problemas econõmicos na Alemanha Oriental. Especula-se sobre um 'saneamento político' geral, com a exportação em massa de descontentes. O que desconcerta é que o tratamento liberal aos emigrantes convive com a reafirmação de outras práticas, menos tolerantes. Embora esteja desmontando alguns dos sistemas de segurança ao longo de sua fronteira com a RFA, ao mesmo tempo, o governo comunista reforçou o muro de Berlim."(14)

E a Igreja? Não agia da mesma forma ao auto-proclamar-se a "única em que há salvação?"(15) Seus membros tinham que ser apresentados ao padre logo ao nascer para receberem o nome de um santo(16) e o caráter do batismo, sinal indelével, que os identificaria em qualquer lugar, inclusive no inferno. A partir daquele momento, a criacinha era parte integrante de um outro grupo de pessoas, um povo escolhido, constituído de santos.

Quem lhe dava tanta certeza? A auto-declaração de ser a única em que há salvação. Sõ ela podia intitular-se Igreja com "I" maiúsculo, porque se dizia a única que se reportava diretamente a Cristo. Ao passo que as demais eram igrejas regionais ou simplesmente seitas, fundadas por reformadores de segunda categoria, desgarrados pelo caminho.

Diante de tanta auto-suficiência e intolerância exigia-se a construção de muitas barreiras e proibições, ou seja de um mundo mítico bem estruturado e uma tática segura para enfrentar tantos inimigos, isto é, todos os outros, para mantê-los afastados e impedidos de entrar e, aos íntimos, para

(14) ARNT, Ricardo, *Jornal Folha de São Paulo*, 29/04/1984, p. 19.

"A longa e frustrante jornada a caminho do Ocidente".

(15) DEHARBES, P. José, *Grande Catecismo Católico*, E. Paulinas, 6a. edição, SP, 1956, p. 135.

(16) DEHARBES, P. José, *Grande Catecismo Católico*, p.311.

mantê-los dentro.

"O primeiro ato de ataque ao inimigo é definí-lo como inimigo. Pela definição do inimigo uma comunidade aponta para aquele a quem se deve temer, aquele de quem se deve fugir. O inimigo é aquele que deseja minha perdição. Inimigo é aquele com quem não se pode nem dialogar e nem cooperar".(17)

Por este motivo, os estranhos deviam ser evitados. Os casamentos tinham que ser celebrados entre pessoas do lugar, exorcizando-se severamente aqueles com protestantes que só podiam acontecer em último caso, com a licença por escrito do Bispo, não sem antes se ter conseguido a conversão da parte protestante e a garantia de que os filhos seriam educados na Única e verdadeira Igreja: Una, Santa, Católica, Apostólica e Romana.

"O advento do protestantismo enfatizava autoconfiança, independência e a responsabilidade de cada indivíduo. Os adultos começavam a sentir-se mais responsáveis pela maneira por que as crianças se desenvolviam, ao invés de apenas aceitarem a má sorte ou o mau comportamento como algo decidido pela sorte. E, com a Revolução Industrial, a família se transformou de um grupo extenso, a forma de clã, em família nuclear. Nesta, as crianças são mais visíveis, suas personalidades individuais aparecem mais e a concentração de seus pais sobre elas é mais intensa".(18)

Daí a renegar todos os estranhos para privilegiar a própria fé foi um passo. A cerimônia do batismo era um autêntico rito de passagem no qual um grupo conspirava para provocar

(17) ALVES, R.A. *Protestantismo e Repressão*, p. 241. (grifo do autor).

(18) PAPÁLIA/OLDS, *O Mundo da Criança*, McGraw-Hill, SP, 1981, p.28.

a metamorfose: de filho do demônio para filho de Deus. A tática consistia em explicitar a oposição: céu X inferno, lux X trevas, Deus X demônio, católico X protestante, bem X mal, verdade X erro, nós, os bons X os outros, os maus, os perdidos.

Conseqüentemente, a necessidade de levantar fronteiras, afastando e estigmatizando todos os outros como *inimigos* e privilegiando os católicos como os santos, os filhos de Deus e da Santa Madre Igreja. A manutenção deste estado de coisas era ponto fundamental do mundo deles, porque "*os estranhos corporificam sempre a ameaça de aniquilação*"⁽¹⁹⁾.

Os animais são seres essencialmente ecológicos: ca racterizam-se pela sua adaptação e ajustamento ao meio-ambiente. Sendo seres essencialmente ecológicos, sua interpretação do ambiente é perfeita porque, tanto sua relação com ele quanto sua atividade são fixas e previsíveis. Conseqüentemente, eles não são livres em relação ao seu passado, isto é, não podem re organizar sua experiência e sua atividade. Seu comportamento é estabelecido, fechado, porque eles nascem biologicamente com pletos, prontos, acabados, num ambiente específico, firmemente estruturados por sua própria organização instintiva.

O ser humano se caracteriza por sua abertura ao mun do e pela capacidade de adaptar-se às situações mais adversas, transformando-as de acordo com seu desejo. A atividade do ho mem não consiste especificamente em adaptação e ajustamento ao meio-ambiente, mas no sentido de transformação e sujeitamento do meio, organizando-o em função de sua vontade.⁽²⁰⁾

(19) BERGER e LUCKMANN, *A construção social da realidade*, Vozes, Petrópolis, 1978, p. 170.

(20) ALVES, R.A. "Notas Introdutórias sobre a Linguagem", *Revista Reflexão*, PUCCAMPINAS, SP, nº 13, p. 25.

Qual foi a técnica utilizada pelo homem para transformar e sujeitar o mundo ao seu desejo? A linguagem lhe garantiu este grande privilégio. Foi sua grande aliada, aquela que lhe propiciou a condição de afirmação pessoal. Ela é o ser do homem levado à consciência de si. Vir ao mundo é tomar a palavra. Este é um dos empreendimentos capitais do ser humano. Assumir a própria palavra é assumir a própria história, é comandar seu destino. É ter o próprio estilo. É ser original, não no sentido de chamar a atenção sobre si, mas no de ser a própria origem, um começo e dar à situação sua própria marca. O estilo é o próprio ser de cada um. É denunciar-se através das próprias atitudes. Lutar pelo próprio estilo é, portanto, lutar pela própria sobrevivência. É ter condição de escolher seu destino, de ocupar seu lugar, de dizer a própria palavra.

O mundo humano é constituído pela palavra. O homem é o animal que fala. Falar é coisa que acontece entre escutar, fazer silêncio e dizer. Dizer a própria palavra, assumir a própria história constitui-se, evidentemente, a verdadeira grandeza do homem. Ser reduzido ao silêncio, sua maior desgraça.

"No século XIII, Frederico II queria saber se havia uma linguagem universal que os bebês falariam se não ouvissem a linguagem de sua própria cultura: 'E assim ordenou às mães adotivas e amas que amamentassem as crianças, que as banhassem, mas que de modo algum tagarelassem ou falassem com elas, porque ele desejava saber se elas falariam hebraico, que era a língua mais antiga, ou grego, ou latim, ou árabe, ou talvez a língua de seus pais, de quem tinham nascido. Mas esforçou-se em vão, porque todas as crianças morreram. Eis que não podiam viver sem o agrado e as faces prazerosas e palavras de amor de suas mães adotivas'" (21)

(21) ROSS e MCLAUGHLIN, 1949, p.336, citado por Papália/Olds, O mundo da criança. p. 37.

Homens silenciados transformam-se em seres dóceis , obedientes, alienados, destinados a re-produzir, repetir o mesmo dizer que a Autoridade quer ouvir. Assemelham-se a seres inmanos, no sentido que não conseguem fazer história, nem reorganizar sua experiência e sua atividade. Ficam totalmente subjugados e manipuláveis por aqueles que falam em seu lugar.

Cientes desta realidade, os conspiradores levantam muralhas, muros, cercas de arame farpado, códigos, leis, mandamentos e mentiras, proibições e ameaças, bandeiras e fronteiras, a Santa Inquisição e o SNI, a Cia. e a KGB. A violência não visa outra coisa senão propiciar o silêncio através do isolamento para submeter mais facilmente os fracos. O que eles querem, no fundo, é tirar do homem sua maior riqueza, a palavra . Sem ela, ela será como Sansão sem seus cabelos: um brinquete nas mãos dos outros.

Instituíram, então, o que se chama a fala autoritária: aquela que impõe o silêncio porque ela não admite o retorno , isto é, o dizer do outro. São o escutar, fazer silêncio e repetir (obedecer). É o discurso já pronto, definidor. É aquele em que há dominância de um sentido único e este sentido é a coisa. Ele fala e manda fazer silêncio: ele diz que língua falar e que língua calar, com quem falar e com quem não falar, quando falar e em que situações deixar de falar. O discurso autoritário não admite interlocutores, mas um agente exclusivo. A estratégia, a posição final, aparece como o esmagamento do outro. (22)

(22) ORLANDI, E.L. Pulcinelli, *A linguagem e seu funcionamento - As formas do Discurso*. Brasiliense, SP, 1983, p. 11.

O projeto dos Velhos de manter o seu mundo transformando o Cincoenta no lugar da saudade, fundamentava-se sobre o isolamento, através da construção de um mundo mítico — que já analisamos — e sobre a imposição do silêncio, pela fala autoritária. No caso específico, esta se subdividia em: fala obediente, fala repetitiva, fala reverente e fala monossêmica.

FALA OBEDIENTE. Acontecia na família. A obediência era a virtude mais praticada no nosso lugar. Nenhum de nós, da família, conseguiu esquecer, até hoje, o barulho dos tamancos do meu pai na sala de visitas. Que dizer do tom de voz, assobios, gritos, grunhidos, movimentos do corpo, expressões faciais, cérebro fanzido, lábios contraídos, estalar de dedos, balanço de cabeça, expressão horrorizada, bater com o pé, mãos nos quadris.⁽²³⁾ e tantos outros expedientes empregados pelos pais e mais velhos para restabelecer a repressão?

Meu pai era tão obedecido que ele não precisava nem mandar, porque aos filhos nunca nos era concedida a palavra. Silêncio, obediência e submissão são um trio inseparável, conseqüência natural da fala autoritária. Ela exige o silêncio do outro, porque está interessada no outro como aquele que realizará o desejo do que fala. Se não obedecida, há a possibilidade de punição, porque esta fala traz a violência no seu bojo, tanto que o uso da vara era admitido, tolerado e abusado.

O que apanha, como o que é torturado no pau de arara, é aquele que sabe que o poder não lhe pertence. A ele cabe

(22) HARRIS, T.H. *Eu estou OK - Você está OK*, Artenova, Rio de Janeiro, 1977, pg. 90-91.

dizer sempre a verdade, confessar tudo, ser transparente e obedecer, porque *Deus te vê*. Não sô. Deus está dentro da gente. A fala obediente tem por objetivo não revelar o meu desejo — ele não tem importância, mas revelar-se para estar, assim, à disposição e sob o controle do outro, ser vulnerável, estar à disposição de.

FALA REPETITIVA. Educação é o processo pelo qual se instaura uma linguagem. Ensinar a falar é ensinar um mundo, é introjetar para dentro do indivíduo aquilo que está fora, na sociedade, isto é, colocar dentro o mundo definido pelos que estão fora, os poderosos. Ensinar é, na realidade dizer quem tem razão, quem tem a verdade, quem tem a última palavra.

A Escola legalizava a fala da família, confirmando e corroborando a eliminação da tensão homem/mundo. Ela criava a noção de erro e, portanto, o sentimento de culpa, apresentando-se como a voz segura e auto-suficiente⁽²⁴⁾. Como? Através da metalinguagem e da apropriação do conhecimento feito pelo professor.

A metalinguagem era o saber institucionalizado. Era o *pacotão* que o aluno tinha que engolir. Para isto ele era reduzido ao silêncio, proibido de fazer perguntas e de dizer a própria palavra. Sua resposta tinha que ser a réplica daquela do professor. Em outras palavras, o aluno sô podia falar no momento em que o professor mandava e do jeito que ele queria. E,

(24) ORLANDI, E.L.P. *A linguagem e seu funcionamento*, p. 11.

aí dele se não obedecesse. A partir daí a vara entrava em ação, bem como puxões de orelha, o socamento da cabeça da criança cotra o quadro negro, o ridículo e humilhações.

Por que o professor agia desta forma? Porque ele fazia parte do mundo dos Velhos. Considerava-se e agia como o detentor do conhecimento. Nele, dizer e saber se equivaliam. Ou seja, a voz do saber falava nele. Ele precisava introjetar o mundo dos Velhos que era também o dele. Daí a eficiência da repetição: a negação da crítica, a negação do lugar do outro, a negação da reflexão, a morte da originalidade, do estilo e do modo de ser de cada um. Pela repetição, eu nada tenho dentro de mim. Não conheço o meu desejo porque ele foi coberto pelo desejo do outro. O meu eu não é o meu eu, mas o eu social que me foi dado pela educação.

O silêncio tinha a função de produzir o medo de dizer-se, de manifestar-se como se é. Ele gera a incapacidade de ser si próprio por haver esquecido sua própria fala, pois tudo o que resta é a fala do outro. E, de tanto dizer o que é do outro e reprimir o que é seu, ele tem medo de ser si mesmo. E, por haver sô aprendido a fala que não tem lugar para o outro, este silêncio tende a reproduzi-lo.

FALA REVERENTE. A função da Igreja era abençoar o pai e o professor para que gerassem filhos e alunos obedientes e repetitivos, a fim de transformá-los em submissos filhos seus. Sua preocupação com os novos membros começava bem antes do nascimento: eles sô podiam vir ao mundo através dos laços sagrados do matrimônio e educados na sua doutrina, na escola paroquial.

Os recém-nascidos tinham que ser apresentados ao padre logo ao nascer. O batismo implicava na imposição de um nome que devia ser o de um santo e, na aquisição do caráter, sinal espiritual indelével. Ele lhe impediria de sair do grupo, mesmo que o quisesse, porque ele era o grupo. Para tanto, a cerimônia do batismo se apresentava como um perfeito rito de passagem, como uma metamorfose radical: a criancinha passava de filho das trevas a filho da luz, da morte à vida, do erro à verdade, do pecado à graça, de Satanás a Deus. Isto tinha o seu preço: tratava-se de silenciar o seu desejo identificado como *carne, Satanás e suas obras*, para introjetar o desejo de Deus, através do padre. Na verdade, consistia na obrigação de reprimir o próprio corpo, recebendo, em compensação, a promessa da salvação da própria alma.

Como a Igreja conseguiu fundamentar este meu mundo? Auto-proclamando-se *a verdade*. Como ela conseguiu mantê-lo?

a) Através da intimidação: pela necessidade que impunha a seus membros de andarem sempre na presença de Deus — transparentes — e de se confessarem ao padre toda vez que tivessem cometido o pecado, para reconquistarem a graça e a garantia de escaparem ao inferno. Pela afirmação de que nós éramos os bons, os santos, o povo escolhido — iríamos para o céu — ao passo que todos os outros eram os pecadores, os maus, dos quais devíamos manter distância — iriam para o inferno — porque sõ a nossa religião era verdadeira.

b) Pela sacralização da autoridade e de tudo o que se referia ao culto. Daí a imposição do silêncio, a renúncia à própria vontade, ao próprio modo de ser, ao próprio estilo, enfim,

ã sua palavra que devia ceder o lugar àquela do padre, representante de Deus.

Compreende-se, então, o status do padre e da freira e a inveja que eles despertavam, bem como o desejo de muitos meninos e meninas de seguirem a mesma vocação. Como se explica isto? Porque o padre abençoava a violência do pai, do professor e da comunidade, isto é, do pai que cada um carrega dentro de si. No fundo, era o desejo de continuar silenciando a própria voz, pela incapacidade congênita de falar, transformando-se nos policiais divinos uniformizados e diplomados para reproduzir a repressão.

FALA MONOSSEMICA. É aquela em que há dominância de um sentido único. É o caminho sem retorno. Era a fala da comunidade que, no fundo, visava a negação da pluralidade, do modo de ser de cada um, para manter o mundo dos Velhos.

Basta lembrar o caso do balconista da *Sociedade*, que foi colocado na *geladeira* para que voltasse a falar novamente a língua de todo mundo⁽²⁵⁾. Adotava-se a mesma atitude ao receber de volta os que abandonavam o seminário: ou re-entravam noutro ou eram estigmatizados - podiam ameaçar o seu mundo com a inovação. Era assim também em relação aos protestantes, brasileiros e pretos, no que se refere à educação dos filhos, à Religião e à escola, costumes e tradições, ao trabalho e ao lazer e a tudo o que pudesse questionar o seu mundo.

(25) Cfr. pg. 21.

Por que tanta intolerância? Onde se fundamentava tanta convicção? Era a decorrência natural de tudo o que foi desvelado até agora: os conspiradores não admitem o dizer. A comunidade se apresentava e agia como a detentora da verdade; esta obsessão pela verdade, neste caso sinônimo de Igreja, explica, a meu ver, a extraordinária consistência do sentimento que unia aquela população.

"À primeira vista a obsessão pela verdade parece ser uma extraordinária virtude. (...) E isto por que a face sinistra da obsessão pela verdade é a intolerância para com aquilo que a verdade, assim afirmada de forma absoluta, define como erro. O mundo da verdade absoluta esconde uma oposição fundamental: ortodoxia em oposição à heterodoxia, o pensamento correto em oposição à heresia. E se a questão da ortodoxia é, em última análise, idêntica à questão da salvação eterna das almas, como fazer lugar para a tolerância? A verdade tem de ser intolerante. Somente aqueles que duvidam podem ser tolerantes, porque eles nunca podem pretender ser os detentores do monopólio da verdade." (26)

Daí o congelamento de todos os estranhos e dos que ameaçavam a identidade do grupo, porque eles explicitavam o conflito entre opiniões mantidas como verdadeiras pela maioria, e as opiniões mantidas como verdadeiras por um indivíduo. Era a rebelião de um contra muitos, dos fracos contra os fortes, porque os indivíduos são sempre mais fracos que grupos e instituições. Era como o indivíduo dissesse: "A sua forma de construir o mundo está equivocada; a sua forma de organizar o pensamento é um erro; a sua verdade é uma mentira". (27)

(26) ALVES, R.A. *Protestantismo e Repressão*, p. 270-271 (grifo do autor).

(27) ALVES, R.A. *Protestantismo e Repressão*, pg.271, 272, 273.

Percebe-se, então, que a ameaça era muito séria. Trata-va-se de uma denúncia política: encerrava o desejo de subverter uma visão de mundo e, portanto, de construir um mundo de forma diferente.

CAPÍTULO II - DRITI COM'EL FIL*

1. O Lugar da Oração

O dia, no seminário, começava com uma oração. Ou melhor, o seminarista acordava com o nome de Deus na boca. Às cinco e meia da matina, invariavelmente, a campainha tocava e, no meio do dormitório, o padre batia palmas e gritava: *Benedicamus Domino* (28). E nós, ainda envoltos nas cobertas e, às vezes, com o sono pelo caminho, respondíamos automaticamente: *Deo Gratias* (29).

A toilette e a arrumação da cama deviam ser feitas em silêncio e rapidamente. Às 5h 50m, a fila descia do dormitório à capela. Oração da manhã, missa e meditação nos entretinham lá por mais de uma hora. O almoço era precedido por uma visita de quinze minutos ao Santíssimo Sacramento. Após a refeição voltávamos à igreja para outra visita de cinco minutos, para agradecer. Antes da janta retornávamos para uma leitura espiritual,

* *I FIOI I DÔVE ANDAR DRITI COM'EL FIL* - expressão muito empregada pelos Velhos e significa: os filhos têm que andar retos como a linha.

(28) Bendigamos ao Senhor.

(29) Demos graças a Deus.

a reza do terço, das ladainhas e a bênção do Santíssimo Sacramento e a oração para antes do jantar. Terminada esta refeição, passávamos novamente na igreja, como fizéramos apôs o almoço . Era assim também às 20h e 30m, apôs o último recreio: a oração final, a oração da noite, que incluía alguns minutos de silêncio para o exame de consciência dos pecados cometidos durante aquele dia, o arrependimento e o firme propósito de não mais cometê-los

A oração grupal, na igreja, ocupava grande parte do dia do seminarista. Sem contar o que se rezava antes e depois de cada atividade. Era assim às refeições, no estudo, no trabalho, no passeio, às aulas. Enfim, cada ação devia iniciar-se e ser concluída com uma oração grupal.

Domingos e solenidades religiosas ou comemorações internas de santos, da Virgem Maria ou festividades da Igreja , acrescentavam mais oração: já eram duas missas. A segunda, chamada solene, com duas horas ou mais de duração. À tarde, bênção do Santíssimo Sacramento, também solene. Acrescente-se a isto uma palestra e a confissão semanal, o retiro mensal e o anual e outras atividades, conforme a época do ano: o mês de março era dedicado a São José, o de Maio à Virgem Maria, o de junho ao Sagrado Coração de Jesus, o de outubro à Missões e às Vocações, o de novembro às santas almas do purgatório. Tudo isto implicava em atividades de piedade extras. Sem contar as grandes festas como Páscoa, Pentecostes, Corpus Christi e outras , precedidas de novenas, tríduos e palestras especiais.

Acrescentem-se os ensaios de canto e das cerimônias que deviam ser executados impecavelmente. Mesmo as orações e

cantos em latim, dos quais, muitas vezes, não entendíamos nada, eram justificados com a afirmação de que Deus entendia todas as línguas e o que interessava era a obediência.

Se fizermos um levantamento, percebemos que o tempo concedido à oração superava o de qualquer outra atividade. No cômputo geral, sem os devidos descontos, isto é, se considerarmos a jornada do seminarista desde o primeiro *Deo Gratias* até às 20h e 30m, notamos que o tempo concedido à oração se aproximava dos 30%. Expurgado, o Índice subiria bem mais. Conforme o horário, ele competia com o das aulas e ganhava do de estudo, recreio e trabalho. Na verdade, toda atividade era considerada oração. Assim quem arrumava a mesa para o jantar, durante a reza do terço, formava dois coros e ia distribuindo padre-nossos, ave-Marias e Glórias-ao-padre juntamente com pratos, talheres e copos.

Individualmente éramos exortados a rezar sempre, constantemente. Assim, nas filas ou nas passagens de uma atividade a outra, rezávamos o terço ou jaculatórias para mantermos nossa mente sempre ocupada com pensamentos de Deus, a fim de afastarmos as más tentações.

Acrescente-se a isto o estudo. A memorização do catecismo, de trechos da Bíblia, da vida dos santos ou da História da Igreja não deixavam de ser oração. Aulas, estudo, pessoas, o ambiente de modo geral com suas grutas, estátuas, quadros, pinturas, frases, colegas e sobretudo a linguagem, davam a impressão de se estar num lugar diferente, ou melhor, que o prédio todo, todo aquele espaço era sagrado, uma enorme igreja, o lugar da oração. As atividades culturais como teatro, cinema,

literatura, música, tudo convergia para o Altar do Senhor. Tu do levava para a capela, a parte mais central, mais importante e privilegiada do prédio.

Tudo isto nos parecia normal e virava rotina, empenhados que estávamos na luta contra Satanás e de tanto ouvir dizer: o sacerdote é o homem da oração. Esta era a grande característica do seminário, e as práticas de piedade, o termos-tato que mantinha o clima. Este dependia do momento de cada um: rezava-se muito, para agradecer, quando se estava feliz e, para implorar mais forças, quando a barra pesava.

Cumpria-se o velho lema dos monges da Idade Média : "*Ora et labora*".⁽³⁰⁾ Com uma diferença: a gente orava muito mais que laborava.

Padres e freiras sabiam perfeitamente que a manutenção daquele clima só seria possível se as famílias lhes for necessessem vocações idôneas. Como habilitá-las para atingir este objetivo?

Tratava-se de gerar uma criança reprimida: obediente na família, repetitiva na escola e na igreja e sem originalidade na sociedade. Esta criança seria a garantia da manutenção do mundo dos Velhos-Igreja e a vocação ideal para o convento ou seminário.

A manutenção daquele estado de coisas, porém, começava a tornar-se uma coisa complexa. Por que? A certa altura, o mapa da Itália no coração dos filhos não era mais tão claro, seus contornos ameaçavam apagar-se. Eles não eram mais dominados pela saudade. Nunca tinham estado lá. E o pior: não era possível manter os filhos isolados por todo o sempre. O inimigo rondava suas fronteiras. Tronavam-se inúteis todas aquelas bar

(30) Reza e Trabalha.

reiras levantadas com tanto esforço. Elas cairiam por terra e o inimigo entraria território a dentro, a convite dos filhos. Estes e aquele estavam se transformando de inimigos em amigos e aliados. Juntos iriam implodir o projeto através de uma nova aliança que se delineava com a diminuição da saudade e com o descontentamento que começava a emergir pelo aumento da rejeição daquele estado de coisas pelos filhos.

Como se explica isto se o projeto tinha sido cuidadosamente planejado? Era pertinente a preocupação dos Velhos ante a ameaça de uma transformação social ou não passava de um temor infundado? E, se de fato fosse, por que temer se dispunham de tantos e tão eficientes meios de coerção? A questão que ora se coloca é a seguinte: são os controles infalíveis?

Vimos anteriormente que nenhuma sociedade pode subsistir sem controle social e que queremos obedecer às regras, isto é, queremos os papéis que a sociedade nos atribuiu. Porém, nada disto seria possível sem nossa colaboração. Pergunta-se, então, que tipo de colaboração se exige de nós e que podemos negar à História? Em outras palavras, para os habitantes do Cincoenta, a revolução era possível? Poderiam eles sacudir o jugo?

"Nenhuma estrutura social, por mais compacta que possa parecer no presente, possuiu esta solidez desde a alvorada dos tempos. Em algum momento cada uma de suas características salientes foi imaginada por seres humanos, quer tenham sido visionários carismáticos, hábeis vigaristas, conquistadores heróicos ou simples indivíduos em posições de poder que imaginaram alguma forma melhor de dirigirem o espetáculo. Uma vez que todos os sistemas sociais foram criados por homens deduz-se que também podem ser mudados por homens. (...) É inteiramente correto dizer que a sociedade é um fato objetivo, que

nos coage e até nos cria. No entanto, também é correto dizer que nossos próprios atos significativos ajudam a sustentar o edifício da sociedade e podem oportunamente ajudar a modificá-lo. Com efeito, as duas afirmativas encerram o paradoxo da existência humana: a sociedade nos define, mas é por sua vez definida por nós. Este paradoxo constitui aquilo a que já aludimos antes, em termos de conluio e colaboração com a sociedade. Contudo, vendo a sociedade dessa maneira ela parece muito mais frágil que do outro ângulo. Necessitamos do reconhecimento da sociedade para sermos humanos, para termos uma imagem de nós próprios, para possuímos uma identidade. No entanto, a sociedade necessita do reconhecimento de muitos como nós para sequer existir. (...) Parece, portanto, que da mesma forma que não existe poder total na sociedade, também não existe impotência total. Os senhores da sociedade reconhecem isto e aplicam seus controles." (31)

Os poderosos têm plena consciência disto e sabem que precisam estar atentos para controlar, manipular ou reprimir os desejos de mudança manifestos pelos seus subalternos e que impliquem em retaliações ao seu poder. Negligências ou falhas nestas circunstâncias podem significar perdas irreparáveis.

"As notícias procedentes das Filipinas, nestes últimos dias, permitem fazer uma avaliação mais realista das eleições ali realizadas para a Assembleia Nacional, a 14 de maio deste ano, as quais desmentiram todas as previsões - tanto do ditador - presidente Ferdinand Marcos quanto de seus opositores. (...) Diante dessa situação (divisão entre os líderes da oposição), Marcos achou que iria ganhar a quase totalidade das cadeiras da Assembleia, que são duzentas, das quais vinte de livre nomeação de ele e 180 sujeitas à escolha popular. Por sua vez, os oposicionistas mais radicais profetizaram uma completa desmoralização do pleito, com uma abstenção imensa e com muitos votos em branco, de modo a deixar patente perante o país e o estrangeiro que a eleição nada significava, não passando de mais

(31) BERGER, P. *Perspectivas Sociológicas*, pg. 143-144.

uma farsa. Falharam ambos. O eleitorado, na sua maioria, compareceu às urnas e elegeu uma ponderável bancada oposicionista, de mais de 60 membros, constituindo um terço do total. Na Grande Manila, governada pela mulher de Marcos, Imelda (que acumula esse cargo com o de Ministra de Recursos Humanos), os oposicionistas conquistaram 15 das 21 cadeiras em disputa." (32)

Percebemos, portanto, que os controles sociais não são infalíveis e que, muitas vezes, os próprios serviços secretos de informação se enganam. Nossos Velhos, porém, andavam com os pés no chão, ao se precaverem contra surpresas desagradáveis. A negação da palavra aos filhos, seu isolamento e a preservação do seu mundo mítico deviam ser mantidos a qualquer preço, a fim de poderem salvaguardar a identidade do grupo estabelecida por eles.

"Se uma comunidade qualquer definiu a sua identidade em termos de dar combate a um certo inimigo, que ocorre quando o inimigo se torna amigo? A comunidade em questão perde a sua razão de ser, sua função, sua identidade e está condenada a desaparecer. Como poderá São Jorge sobreviver se o dragão a que ele dá combate se metamorfosear numa linda donzela? Há situações em que, mais perigosa que o ataque do inimigo, é a transformação do inimigo em amigo. Isto acontece sempre que a identidade, a missão, a função de uma certa comunidade dependem do inimigo. Neste caso, o inimigo deve ser preservado como inimigo a todo o custo. As tentativas para se redefinir o inimigo, no interior de uma comunidade são, então, equivalentes à traição e à subversão." (33)

(32) PERALVA, Osvaldo. *Jornal Folha de São Paulo*, SP, 01/07/84, p.13: "A Oposição Filipina cresce nas urnas e abala o regime de Marcos".

(33) ALVES, R.A. *Protestantismo e Repressão*, p. 241.

Quanto mais a palavra ameaçava emergir no bojo do descontentamento das gerações novas e nos filhos dos estranhos que rondavam seu território, mais aumentava a preocupação dos Velhos em silenciá-la. Já não era suficiente adequar à nova situação, velhas técnicas de intimidação. Já não se tratava de manter o inimigo longe ou de preservá-lo como tal, mas de expulsá-lo de seu próprio domínio, expelir-lo de seu próprio corpo social, do interior de parte de seus filhos.

Não era tarefa fácil. O inimigo se confundia com eles. Era eles. Filhos e estranhos estavam prestes a se aliar e a sacudir o velho jugo.

A Igreja, preocupada com a salvação eterna de seus filhos, propôs-se incorporar parte dos adolescentes como quem dissesse: antes que se percam no mundo, que abracem a vida religiosa. Assim, muitos deles, ao completarem dez anos, iam para o convento ou para o seminário.

Estes ambientes ficavam de preferência em lugares distantes, murados e isolados da civilização. Neles, o conforto material era, geralmente, bem maior do que na própria casa e a disciplina bem mais severa. Por que isto?

Diante das novas circunstâncias, uniram-se mais intimamente Velhos-Igreja. Alianças e reformulações implicam em concessões. Se é verdade que cada recém-nascido encontrava seu destino traçado desde o berço: ser padre ou freira, isto tinha o seu preço: só os melhores das melhores famílias. A criança tinha que ser bonitinha, saudável, inteligente. Deficientes de qualquer tipo ficavam fora de cogitação. Filhos de alcoólatras e açougueiros incorriam na mesma interdição. Os primeiros pela

implicação que o fato acarretava. Os segundos, por serem estigmatizados como hereditários de uma índole violenta e de um caráter insubmisso, defeitos não tolerados num pastor de almas.

Os adolescentes eram induzidos e cooptados pelos Velhos e pela Igreja a abandonarem a própria família e a entrarem no convento ou no seminário num dos momentos de suas vidas em que estavam mais expostos e mais precisavam do lar. No instante em que começavam a formar sua personalidade, a testar seu estilo próprio, seu modo de ser pessoal. Era o momento em que cada um precisava responder à pergunta: Quem sou eu, exatamente? Sou um adulto ou uma criança?

O principal aspecto da adolescência é a busca renovada da auto-identidade que é feita, normalmente, no âmbito do próprio grupo de idade, porque:

"A auto-imagem do adolescente depende dos outros. Procura a popularidade e teme o ostracismo. Seu cabelo, seu gosto em música e até seu carro velho se conformam aos padrões do seu grupo. Raramente o adolescente desafia os padrões de pessoas de sua idade. Sua auto-imagem e seu sentido de identidade ainda não são tão fortes que possam suportar essa tensão. (...) A busca da identidade revela-se na maneira pela qual o adolescente experimenta diferentes máscaras. Primeiro cria uma forma de conversar, depois outra; uma forma de pentear-se, depois outra (sempre dentro da amplitude permitida pelo seu grupo de idade). Imita um herói, depois outro. Ainda está à procura de um figurino que lhe sirva. O que realmente deseja ainda não apareceu - a sua personalidade adulta. (...) A conhecida rebeldia do adolescente tem uma relação importante com sua busca de identidade. É uma busca final de autonomia. A rejeição, total ou parcial dos pais, pode ser um estágio necessário, embora cruel, desse processo."(34)

(34) ALLPORT, G.W. *Personalidade*. EPU/EDUSP, 4a. reimpressão, 1974, SP, pg. 166, 167.

Além da certeza de que todo adolescente se empenha para ser si mesmo, e que nenhuma sociedade pode subsistir sem controle social, sabemos também que a coerção é aceita e aprovada pelos oprimidos porque, na virada da História, estarão eles no topo da pirâmide, defendendo os mesmos privilégios, com argumentos semelhantes.

No caso específico do Cincoenta, a rejeição que caracterizava o adolescente, impulsionando-o a ser si mesmo, vinha da direção oposta e pelo motivo contrário. Eram os pais que rejeitavam os filhos, por dois motivos: 1º) para impedir a mudança: *I fioi i dôve andar driti com'el fil* - os filhos têm que andar retos como a linha; 2º) para que estes concretizassem o sonho não realizado dos Velhos.

A superpopulação e a conseqüente exigüidade das terras, o aumento do descontentamento em relação àquele estado de coisas que punha em risco o mundo dos Velhos, poderiam ter sido resolvidos de várias formas, como a redistribuição das terras, a introdução de fábricas e escolas e a livre permissão para mudanças. Optou-se por encaminhar parte dos adolescentes para a vida religiosa e cortar-lhes qualquer possibilidade futura de encabeçar um movimento de mudança no grupo. Ou seja, executaram uma perfeita castração do ser humano como indivíduo social, eliminando-o do grupo, impedindo-lhe o acesso à procriação e ao topo da pirâmide. Como os Velhos conseguiram isto?

Transformando o Cincoenta no lugar da santidade e mantendo vivo, no coração de todos os seus habitantes, o medo do fogo do inferno. Como? Transplantando a obediência do mosteiro para nossas famílias; Concretizando nos filhos o sonho não realizado dos pais.

Assim escreve Frei Virgílio Berri de seu pai (35):

"Era profundamente religioso. Pertenceu à Ordem Terceira de São Francisco e ao Apostolado da Oração. Participou durante muitos anos do Conselho da igreja local. Foi sócio da Cooperativa São José, da qual foi presidente durante um ano. Favoreceu o estudo dos filhos. Sua maior alegria foi ver dois de seus filhos seguirem a carreira sacerdotal e quatro filhas consagrarem-se a Deus como freiras." (36)

E de sua mãe:

"Carolina(...) criou-se no amor a Deus e aprendeu na família a praticar as virtudes cristãs que, mais tarde, inculcaria nos seus 14 filhos. Alguns anos depois de casada com Vitório Berri, começou a sofrer de impertinente asma. Recorreu a vários médicos, sem resultado. Apegou-se a Nossa Senhora. Fez numerosas promessas. Dirigiu-se a Nova Trento, onde visitou no alto de um monte, uma capelinha dedicada à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Rezou longamente e voltou curada para sempre. Pertenceu a todas as irmandades e associações religiosas que se fundaram na igreja de São Virgílio. Chegou a festejar o jubileu de 50 anos de Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Costumava ensinar os filhos a rezarem desde a mais tenra idade. Antes de deitá-los no berço, erguia-lhes as mãozinhas e, com palavras simples e infantis, falava-lhes do Pai do Céu. As orações da noite eram feitas em conjunto, isto é, com a família reunida. Além de numerosas orações, rezavam-se o terço e a ladainha de Nossa Senhora. No mês de Maio, a ladainha era cantada. Neste mês, costumava-se fazer também sacrifícios especiais em honra da virgem Maria - que chamávamos de 'floretti'. Lembro-me que, num ano estávamos brigando muito. Mamãe impôs, então, o sacrifício seguinte: para o Mês de maio, ou deixar de brigar ou não comer frutas durante todo o mês. Era o tempo das laranjas e tangerinas, que eram abundantes. Reunimo-nos para deliberar o que iríamos escolher. Após ponderar as coisas, achamos mais seguro ficar sem comer frutas. Pois, em algum golpe de raiva,

(35) Vitório Berri, nascido no Cincoenta em 1878.

(36) BERRI, A. Genealogia - famílias Berri e Pisetta, Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Blumenau, SC, 1983, p. 40.

poderia estourar uma briga e lá se ia nossa promessa; quebrava-se 'il fioretto'. Eramos crianças, mas achávamos que com Deus não se podia brincar." (37)

"Felice⁽³⁸⁾ nasceu em São Virgílio em 1881. Em sua infância acalentara a idéia de tornar-se sacerdote franciscano. No dia aprazado deixou partir com os colegas, para mais tarde dar à Ordem Franciscana três filhos sacerdotes. (...) Esperançoso de ter mais filhos padres, destinou os dois últimos à carreira do Seminário, deixando propositadamente de registrá-los, dado tivesse por desnecessário o registro dos que seguem vida religiosa. Ambos entraram no Seminário de Rio Negro, embora o último não tenha subido ao altar." (39)

Transformado no local da santidade, o Cincoenta pôde fornecer vocações idôneas e transformar-se na "localidade que deu o maior número de padres franciscanos à Província da Imaculada Conceição". (40)

Concluímos, então, que estas providências vinham ao encontro dos anseios de todos:

1. Os Velhos se alegravam ante a perspectiva de continuação de seu mundo e a esperança de realizar nos filhos seu sonho fracassado.

2. A Igreja exultava com conventos e seminários lotados de vocações idôneas. Padres e freiras transformavam facilmente, pela oração, adolescentes e jovens reprimidos na família, em dóceis e submissos filhos da única e verdadeira Igreja.

(37) BERRI, A. *Genealogia*, p. 41-42.

(38) Felice, irmão de Vitório Berri.

(39) BERRI, A. *Genealogia*, p. 61.

(40) BERRI, A. *Genealogia*, p. 61.

3. Os adolescentes se felicitavam ante a possibilidade de realizar o sonho de seus pais e seu também, garantindo-se um futuro promissor, ou simplesmente, a possibilidade de estudar ou evadir-se de casa.

Assim, ao visitarem os seus, dez anos ou mais depois de terem saído de casa, como no caso de meu irmão Lino, então, já com mais de vinte anos e formado em Filosofia, encontravam quase tudo como tinham deixado. A escola era a mesma e a velha igreja estava cedendo seu lugar a uma outra bem maior e mais vistosa. Os casamentos continuavam sendo celebrados entre parentes e primos em primeiro grau. A novidade era a Armide e o Alcides que nasceram na sua ausência e sobrinhos em idêntica situação e, a satisfação de ver que eu, com onze anos, seguia à risca seu itinerário.

2. O Projeto

A função da oração, no convento ou no seminário, era formar homens e mulheres obedientes e submissos, com dedicação integral e exclusiva, que odiassem o mundo e desprezassem o casamento. Em outras palavras, treinar um corpo de agentes divinamente impulsionados, que estivessem de prontidão vinte e quatro horas por dia e que atendessem a todo e qualquer desejo e manifestação da autoridade, mesmo os ridículos e grotescos.

Haja vista o que aconteceu no noviciado⁽⁴¹⁾. A plantinha que recebeu chuva o dia inteiro e foi regada com água fervente, se cou no dia seguinte, o que provocou as risadas de todos. A manutenção daquele estado de coisas, porém, nem sempre acabava em risadas. Pelo contrário.

Qual a estratégia da Igreja para atingir este objetivo que se revela em tudo o que foi contado? Produzir o silêncio, a fala obediente, a fala repetitiva, o esmagamento do outro, a castração dos fracos para que mantivessem o mundo dos grandes. Assim, como os pais têm medo dos filhos — pode ser que eles destruam o seu mundo —, a Igreja temia os filhos recalcitrantes. Daí a necessidade de mandamentos que proibissem a violência dos cristãos e permitissem a da Igreja.

Afinal, como a Igreja conseguiu atingir este objetivo? Que oferecia e que exigia ela? Como se explica a existência desse exército de quase um milhão de homens e mulheres obedientes e submissos espalhados pelo mundo inteiro e que, em princípio, se dedicam única, exclusiva e integralmente à sua vocação, sem nada esperar ou pedir em troca?

Claro que eles esperavam e queriam algo em troca. A grande atração da Igreja consistia em manter uma grande reserva de estoque para poder satisfazer plenamente o único e maior desejo de cada um de seus filhos ao auto-proclamar-se a única em que há salvação, conforme ela mesma ensinava:

(41) Cfr. pg. 76.

"Por que somente na Igreja Católica há salvação? A Igreja Católica é a única em que há salvação, porque ela é a única que recebeu de Jesus Cristo o poder e os meios de conduzir os homens à salvação." (42)

Como podia ela afirmar isto? Em outras palavras, onde se legitimava esta sua afirmação? Auto-declarando-se a única que remontava a Cristo, aquela que conservara intacta a verdadeira fé e, especialmente, exorcizando todas as outras religiões.

"Qual é a Religião que possui a verdadeira fé ensinada por Jesus Cristo? Só a Igreja Católica possui a verdadeira fé ensinada por Jesus Cristo, pois ela só a recebeu como dom celestial que lhe foi confiado e só ela a conservou pura e sem nenhuma alteração". (43)

Agora surge uma pergunta: O que é a fé?

"O que se entende por fé, em sentido católico? A fé é uma virtude que Deus infunde, pela qual, sem a mínima dúvida, temos por verdade tudo quanto Deus revelou, e a Igreja católica nos propõe a crer. (...) Crer, em geral, quer dizer ter por certo alguma coisa que provém de uma autoridade, e que, no sentido próprio, encerra uma verdade firme e não somente uma opinião. Crer, no sentido religioso (crer em Deus), quer dizer ter como verdade o que vem da infalível Autoridade de Deus. Crer, no sentido cristão pleno, quer dizer ter como certo o que Deus revelou". (44)

(42) DEHARBES, P.J., Grande Catecismo Católico, p. 135.

(43) DEHARBES, P.J., Grande Catecismo Católico, p. 36.

(44) DEHARBES, P.J., Grande Catecismo Católico, p. 25. (grifo do autor).

Destas palavras se deduz, então, que há uma revelação feita por Deus.

"A revelação divina era necessária? A revelação divina era absolutamente necessária, pois sem ela, muitas verdades da salvação, são difícil e insuficientemente seriam conhecidas, e assim a maior parte delas ficaria desconhecida. Quem nos propõe a crer aquilo que Deus revelou? O que Deus revelou, nos é proposto pela Igreja Católica, que disto foi incumbida pelo próprio Deus. (...) De que maneira chegou até nós a revelação divina? A revelação divina chegou a nós, parte por escrito e parte oralmente. Por escrito, isto é, por meio da Sagrada Escritura ou Bíblia; e oralmente, isto é, por meio da Tradição. (...) A Sagrada Escritura e a Tradição chamam-se, por isso, fontes da fé; delas a Igreja haure toda a doutrina que nos propõe a crer. (...) Segundo o que fica dito, o que deve o católico geralmente crer? O católico deve crer tudo quanto Deus revelou e a Igreja nos propõe a crer, quer esteja ou não contido na Sagrada Escritura. (...) Não é tarefa do cristão em particular, tirar diretamente as verdades reveladas das duas fontes da fé, isto é, da Sagrada Escritura e da Tradição; isto compete à Igreja; de suas mãos devemos receber as verdades reveladas. Por que devemos receber as verdades reveladas das mãos da Igreja, em lugar de tomá-las diretamente da Sagrada Escritura e da Tradição? Devemos receber as verdades reveladas das mãos da Igreja, porque são ela, pela assistência especial do Espírito Santo, conserva pura e incorrupta a Sagrada Escritura e a Tradição, e as explica de modo infalível. (...) São a Igreja pode gloriar-se de ser 'coluna e fundamento da verdade'". (45)

Oferecendo tanta certeza e segurança, que exigia ela em troca?

"Que devemos, pois, fazer, para nos salvar? Para nos salvar, devemos ser sempre filhos obedientes da

(45) DEHARBES, P.J. Grande Catecismo Católico, pg. 25, 26, 33 e 34.

Igreja Católica, isto é, crer na sua doutrina, observar seus mandamentos e empregar seus meios de salvação". (46)

Ao auto-declarar-se coluna e fundamento da verdade, a Igreja Católica podia impor quaisquer condições. Na verdade, ela impôs só uma:

Obediência.

Ela era o fundamento que sustentava tão ambicioso projeto. Se ela vacilasse, diminuísse ou fraquejasse, o edifício inteiro desmoronaria. Para prevenir e exorcizar tão funesta surpresa, exigia-se uma tomada de posição:

"O amor à verdade, definida como um conhecimento do soluto que já possuímos, se revela como a origem da intolerância e do dogmatismo. Aqueles que têm a verdade toda, a verdade necessária para a salvação não podem, necessariamente, tolerar aqueles que pretendem construir uma verdade nova. O destino daqueles que pretendem possuir a verdade é a intolerância. Não lhes resta nenhuma outra opção." (47)

A virtude da obediência trazia no seu bojo a renúncia a Satanás. Afinal, quem era ele e em que implicava esta renúncia?

O demônio, o inimigo que a Igreja instituíra como o oposto de si própria, era muito contraditório: anjo e demônio, poderoso e frágil, onipresente e invisível, distante e próximo: morava no fundo dos infernos e no íntimo de cada ser. Ele era

(46) DEHARBES, P.J. *Grande Catecismo Católico*, p. 135.

(27) ALVES, R.A., *Protestantismo e Repressão*, p. 276.

parte de cada um. Melhor, cada um era parte dele. Todos nasciam com a sua marca, o pecado. Mesmo depois de resgatados pela Igreja, para ele tendiam.

O homem, então, encontrava-se entre duas forças opostas e contraditórias: Deus e Satanás. Tendia para uma e era, ao mesmo tempo, atraído pela outra. Qual foi a tática da Igreja para acabar de vez com este jogo de amarelinha?

Se o demônio era muito poderoso perante o homem, mas extremamente frágil perante Deus, nada melhor do que infundir nos seus filhos a força de Deus. Como? Transformando-os, pela obediência, em homens e mulheres de oração. Com a mente sempre ocupada com pensamentos de Deus, eles nada teriam a temer do inimigo. A oração era, portanto, o combustível que mantinha a máquina em funcionamento, o óleo que abrandava as operações críticas e a energia que fazia superar qualquer tentação. Daí a obrigação de rezar muito, rezar sempre, rezar sem cessar.

"Quando rezamos sem cessar? Rezamos sem cessar quando oferecemos a Deus os nossos trabalhos, penas e alegrias e elevamos frequentemente o nosso coração e os pensamentos a Deus. (...) A oração é a respiração da alma."(48)

A missão do Cincoenta era, portanto, gerar vocações idôneas: filhos obedientes. A do convento e do seminário, transformá-las em homens e mulheres de oração.

A renúncia a Satanás, na realidade, implicava na renúncia, a si mesmo, ao próprio desejo, à própria vontade, ao

(48) DEHARBES, P.J., *Grande Catecismo Católico*, p. 398.

direito de dizer a própria palavra e na obrigatoriedade de repetir a palavra da Igreja, sua linguagem e seu mundo. Aí se explica porque ela impôs sō uma condição: obediência. Sō obediência. Porque tudo o resto era consequência.

3. A Aliança

Os colonos italianos que vieram para o Cincoenta caracterizavam-se, especialmente, pela saudade, intolerância e religiosidade.

"Gaspare⁽⁴⁹⁾ era alto, forte, impetuoso, nervoso, enérgico, corajoso e muito autoritário. (...) Defendia ardorosamente, Garibaldi, Napoleão e os reis da Itália, dos quais mantinha quadros espalhados pelas paredes da casa. Coitado daquele que ousasse falar mal desses personagens. Era motivo de briga. (...) Gaspare revelava-se muito autoritário com os filhos, os quais lhe tinham um certo receio, por quanto ele não aturava qualquer desrespeito, desobediência ou brincadeira de mau gosto. Em compensação, Madalena era esposa carinhosa, paciente e compreensiva, toda dedicada ao bem estar da família, de temperamento mais calmo, prestativa e humilde. Era o refúgio dos filhos diante da austeridade do pai e, com seu espírito muito religioso, transmitiu-lhes uma profunda fé em Deus, de modo que todos os seus filhos se tornaram fervorosos católicos."⁽⁵⁰⁾

(49) Gaspare Berri veio ao Brasil em 1875, com a primeira leva de imigrantes. Tinha, então, trinta anos. le

(50) BERRI, A. Genealogia, p. 28, 29-30.

Já tivemos oportunidade de sentir este clima em relação a seus filhos⁽⁵¹⁾. Convém acrescentar:

"Anselmo era de estatura alta, de forte musculatura, sempre barbeado, portando espesso bigode. Era de temperamento severo e nervoso. Mais tarde, com o avançar da idade, ficou mais calmo, tolerante e paciente. Verônica (sua esposa) era calma, paciente, muito trabalhadora e compreensiva, mas também rigorosa na educação dos filhos. A educação religiosa dos filhos merecia lugar de destaque, de sorte que não se limitava ao aprendizado do catecismo, da história sagrada e à frequência constante a todos os atos religiosos, mas também se exigia um estado de vida verdadeiramente cristão, com sacrifícios e prolongadas orações, principalmente à noite."(52)

Era assim na maioria das famílias. Domênico Tomelin, nascido no Cincoenta, era filho de Eusébio que veio da Itália com Gaspare. Casou-se com Giulia Pisetta, nascida em 1885.

"Formavam um casal feliz, humilde e pobre, mas de espírito fortemente religioso. Deus os abençoou, concedendo-lhes numerosos filhos e netos, dos quais diversos se dedicaram à vida religiosa."(53)

Dos 13 filhos, 4 meninas se tornaram freiras e um menino, padre franciscano.

Os que se transferiam, concediam à sua fê um lugar especial na sua bagagem. Maximino Pisetta nasceu no Cincoenta em 1892. Casou-se com Carolina Venturi e, depois transferiram-

(51) Cfr. pg. 124.

(52) BERRI, A., *Genealogia*, p. 85.

(53) BERRI, A., *Genealogia*, p. 110.

-se para Pastagem, perto de Rio do Sul. "Dotados de verdadeiro espírito de fé, Maximino e Júlio Venturi, irmão de Carolina, foram os elementos que mais se empenharam na construção da igreja local, da escola e do salão paroquial." (54)

Diante das novas circunstâncias — o avanço do inimigo dentro e fora do território e a esperança dos Velhos de realizar nos filhos seu sonho fracassado —, a nova aliança veio a calhar como uma luva.

Que nova aliança era esta?

"Que prometemos a Deus no santo batismo:

No santo batismo prometemos a Deus:

1. crer firme e constantemente na doutrina católica;
2. fugir do pecado e das más ocasiões e levar uma vida agradável a Deus. (...) É o que se chama 'promessas do Batismo'. E, como Deus, de sua parte, promete ao batizado sua graça e a salvação eterna, esta Promessa mútua chama-se 'aliança batismal'. (55)

Consistia no aumento da influência da Igreja pela operacionalização da ideologia Deus é tudo através da renúncia a Satanás e, da escola, pela repetição daquele mundo, com a negação da palavra aos filhos.

"Em começo de 1915, comecei a frequentar a escola paroquial das Irmãs Catequistas Franciscanas - Con

(54) BERRI, A. Genealogia, p. 121.

(55) DEHARBES, P.J. Grande Catecismo Católico, p. 311.

gregação fundada em 1914, em Rodeio, por Frei Polícarpo Schülen. Tive por professoras, no primeiro e segundo anos primários, Irmã Ludovina Venturi e, nos últimos dois anos, Irmã Maria Avosani. Ambas eram muito dedicadas. Diariamente a primeira hora era de ensino religioso, um dia história sagrada(56) e no outro catecismo. Já nos primeiros meses de escola, Irmã Ludovina treinou a mim e a vários outros rapazes no ministério de coroinha."(57)

Nossa escola, agora dirigida pelas religiosas — conhecidas como Maestras — ganhou em organização, modernização e, sobretudo, em repressão. Com isto aperfeiçoou-se e intensificou-se o ensino religioso, tanto assim, que nosso dia na escola começava na igreja.

Nosso professor, até 1913, era uma pessoa do lugar e conhecido como *il Maestro*. Acumulava, na verdade, várias funções:

- . Pai de família exemplar e culto;
- . Professor de doutrina, isto é, aquele que preparava as crianças que iam fazer a primeira comunhão, aos 7 anos;
- . Responsável pela igreja no que se referia à limpeza do prédio e adjacências, bem como da lavagem das toalhas e objetos do culto e, da purificação dos vasos sagrados. Cuidava da preparação do povo para os atos litúrgicos e da ornamentação do templo para os dias solenes. Era o representante oficial do padre, substituindo-o parcialmente e transformando-se no seu porta-voz, com o direito de tocar o sino, conforme estipulado pelo padre.

(56) Versão popular e resumida da Bíblia.

(57) BERRI, A. *Genealogia*, p. 47.

. Maestro das crianças, na escola, na parte da manhã.

A chegada das religiosas fez com que os Maestros perdessem o direito de dar aula de catecismo a seus alunos, mesmo que o tivessem feito antes satisfatoriamente por muitos anos, conforme testemunho do Sr. Ernesto Pecini, hoje com mais de 80 anos e Maestro por mais de 50. Alegaram-lhe que a partir de então, esta era uma função exclusiva do padre e delas, apesar de ele possuir o colegial completo e falar fluentemente o alemão, o português e o trentino, pois estivera no Seminário de Rio Negro por sete anos. Seu nível, portanto, era muito elevado para a época. Ao passo que as novas professoras tinham, normalmente, o primário completo, o hábito de freitas e o título de Maestras.

O preconceito não atingiu sô os Maestros como também as senhoras casadas em sala de aula. Em 1950, minha irmã Ida, já com o diploma do Ginásio na mão, aguardava nas dependências do Grupo Escolar de Rodeio, a confirmação de sua escolha a uma vaga de professora a qual se candidatara. Uma Maestra, passando por ela, lhe disse que se dependesse dela sô religiosas lecionariam naquela escola, alegando a dificuldade que ela encontraria para se explicar às crianças, quando grávida. Interrogada como sua mãe se explicava perante seus irmãos mais novos, a freira se afastou sem resposta.

Os Maestros, portanto, foram substituídos a contento, de acordo com a *nova aliança*. As cerimônias religiosas adquiriram novo brilho e esplendor, aquecidas pelas vozes das crianças nos cantos e orações. A escola, antes paroquial, isto é, da paróquia, da Igreja, agora passou a ser a própria Igreja.

Transformado no lugar da santidade, o Cincoenta foi facilmente convertido na maior sementeira de vocações idôneas. Elas começaram a surgir como cogumelos após intensa chuva. Muitas famílias tinham um, vários ou quase todos os filhos no convento ou no seminário, exultando assim a Igreja, adolescentes e Velhos. Irmandades religiosas para homens e mulheres, crianças, moços e moças, foram fundadas e floresceram, criando-se um clima de muita euforia, de santa competição. Tudo parecia festa e esperança. Tornar-se padre ou freira era o sonho da maioria dos adolescentes do lugar.

Quem ia para o seminário sabia antecipadamente que isto implicava em entrar num jogo no qual se morria para viver, se perdia tudo para ganhar muito mais:

"Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me. (...) Pedro então disse: 'Vê, nós abandonamos tudo e te seguimos'. Jesus Respondeu: 'Em verdade vos declaro, ninguém há que tenha abandonado, por amor do reino de Deus, sua casa, sua mulher, seus irmãos, seus pais, ou seus filhos, que não receba muito mais neste mundo, e no mundo vindouro a vida eterna'". (58)

Estas frases eram repetidas com muita frequência nos meus tempos de seminário e exerciam grande impacto sobre os adolescentes. Frei Querubim, entre outras coisas, dizia: Não tenho nada. Este lápis não me pertence, é do Papa. Troquei de nome e renunciei aos bens do mundo para entrar na Ordem (dos franciscanos). E nos perguntava: Quem de vocês têm casa em Blu

(58) Bíblia Sagrada. Centro Bíblico de São Paulo, Ed. Ave Maria Ltda. 10a. ed., SP, 1957, pg. 1330, 1395.

menau, Curitiba, São Paulo? Quando chego àquela cidade, desço do ônibus e me encaminho imediatamente à igreja de Santa Ifigênia. Gosto de rezar missa diante do Santíssimo exposto. Depois, os padres sacramentinos me servem o café. Em seguida, vou diretamente ao nosso convento onde tenho tudo, porque aquela também é minha casa. É assim em todo mundo onde houver um convento franciscano: tenho casa, comida e irmãos. Deixei uma família pequena, uma casa pobre e recebi, em troca, tudo isto. Deus é bom. Ele não se deixa vencer em generosidade. Aqueles que se consagram ao seu serviço, além de garantirem a própria salvação eterna, são abençoados por Ele, recebendo mil vezes mais do que deixamos.

Não são os conventos, mas qualquer lugar era para eles sua casa. Eram ministros de Deus, cidadãos do mundo. Faziam jus a vários privilégios. Ao ver dois reverendos saindo, meu tio João que estava chegando, perguntou se tinham almoçado em casa. Meu pai respondeu afirmativamente e, completou com uma risadinha: "*Ei frati ei è costã dôve ei riva, ei manha e ei dorme*" — os frades são assim: onde eles chegam, comem e dormem.

O noviciado dos franciscanos ficava ao lado do seminário, em Rodeio. E o Frei Querubim continuava: o povo aqui da praça me chama a atenção para a felicidade que se reflete no rosto dos nossos noviços quando saem para seus piqueniques e atravessam a Rua Principal. Respondo que eles são felizes porque renunciaram ao mundo e vivem na graça de Deus. É a alegria franciscana.

Anos mais tarde começaram a dizer que a interpretação destas citações "*o muito mais neste mundo, e no mundo vindau*

no a vida eterna", era um pouco diferente. Ficou a colocação a respeito do mundo como o lugar do pecado, que levava à perdição eterna. Caracterizava-se pelo apego aos bens terrenos, pela procura da riqueza e do prazer, pelo orgulho e pela ambição. Ao chegar a São Manuel, alertaram-me que no seminário se falava matrimônio para casamento e par no lugar de casal. E que o matrimônio começava com a lua de mel, continuava com a de fele desembocava na indiferença.

Ao passo que o convento e o seminário eram enfatizados como o lugar da santidade e da perfeição, da obediência e da renúncia, dos eleitos e privilegiados por Deus. Estes ambientes eram apresentados como oásis de perfeição e felicidade no meio deste vale de lágrimas e da podridão do mundo, pararaios que abrandavam, com suas orações, penitências e vida integralmente dedicada ao serviço do Senhor, a ira divina contra os pecadores.

O *mu*ito mais neste mundo, prometido por Jesus, começou-se a dizer, então, referia-se à vida espiritual. A riqueza dos religiosos consistia na garantia da salvação eterna e na superioridade do estado religioso em relação ao casamento, conseqüência da sua consagração a Deus, da mortificação da carne, da renúncia a Satanás e, não necessariamente, no conforto e bem-estar material. Este vinha, é verdade, mas como algo a mais, visto que *todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo.* (59)

Mais tarde ainda, a perfeição que consistia na imitaçãõ de Cristo: celibatário, pobre e obediente, no õdio ao mun

(59) Bíblia Sagrada - Centro Bíblico de SP, p. 1387.

do e no desdém ao casamento, recebia outro colorido: "O fato de o Senhor ter permanecido celibatário não significa nenhum desprezo do matrimônio"⁽⁶⁰⁾, começou a ensinar a Igreja, com o *aggiornamento* pós Concílio Vaticano II.

Concluimos, então, que a nova aliança, *aliança batismal*, demonstrava, outrossim, a sagacidade dos Velhos-Igreja-Filhos em se precaver contra surpresas desagradáveis e sua habilidade em levar seu projeto a bom termo.

O que levava os adolescentes a aceitar e apoiar esta nova aliança, tornando-se filhos obedientes e homens e mulheres de oração? Ou: Como conseguiam, padres e freiras, atrair tantas vocações? Em outras palavras, que ofereciam eles em suas andanças pelas escolas rurais, além de acenar com uma bola de futebol?

As vantagens que convento e seminário ofereciam compensavam em muito suas restrições. Estas eram minimizadas ou sublimadas pelo clima gerado pela aliança batismal que induzia naturalmente para lá. Acrescente-se a isto o "muito mais neste mundo e, no mundo vindouro, a vida eterna."

Portanto, não era necessariamente o que padres e freiras ofereciam que estava em jogo, mas a manutenção do seu mundo pela qual os adolescentes também estavam vivamente interessados. Afinal, este era um tipo de negócio no qual se entrava só para ganhar e muito.

(60) Instituto Catequético Superior de Nijmegen, Holanda, *O Novo Catecismo*, Editora Herder, SP, 1969, p. 450.

4. A Identidade

Provenientes de localidades diferentes, na sua maioria formadas de descendentes de imigrantes semi-analfabetos da zona rural, simples e crêduos, mas totalmente submissos aos Velhos e à Igreja, adolescentes e jovens sentiam-se orgulhosos, seguros e felizes. Iriam concretizar a oferta a Deus, feita pelos pais e assumida por eles, cumprindo o destino que lhes tinha sido traçado desde o berço: tornar-se padre ou freira. As diferenças iniciais seriam superadas e eliminadas pela negação da individualidade e niveladas pela busca de uma identidade comum no ideal da vida religiosa.

Sou uma criança ou um adulto? — é a pergunta fundamental de todo adolescente. Como sente que não é nem uma coisa nem outra, ou melhor, visto que ele não deixou completamente de ser criança e está longe de ser adulto, a busca da própria identidade, do seu modo pessoal de ser, é o seu ideal. Não há outra saída. Esta procura não acontece sem tropeços e arranhões, com muitas idas e vindas, exceto num ambiente em que seus ídolos são simplesmente reprimidos. *Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és* — frase muito repetida nos meus tempos de seminário: tinha a finalidade de enquadrar os bons e eliminar os recalcitrantes.

A vida nos ensina que as identidades são atribuídas socialmente, contanto que os indivíduos não ofereçam resistência. Não é finalidade deste estudo discutir este assunto. Mas, mostrar como a identidade do novo ambiente rimava com a da família e que, os possíveis recalcitrantes deviam ser enquadra-

dos, eliminados ou assimilados. O mês de junho, entre os jesuítas e o de maio entre os salesianos, eram chamados de mês da vassoura. Neles, Santo Inácio e Nossa Senhora Auxiliadora, respectivamente, faziam uma limpa. Até lá, era preciso aturar os diferentes — não integrados — dar-lhes um tempo. A partir daquela data, porém, só restariam os bons. Tanto é verdade que o mês de maio, entre os salesianos, era celebrado com muita pompa religiosa. Nele, competições e certames atingiam o seu ápice. Orações e cerimônias extraordinárias estavam na ordem do dia. Atividades teatrais, artísticas e intelectuais também marcavam presença. Era também o mês em que as Irmandades Religiosas internas tomavam corpo, eram constituídas oficialmente, e os nomes de seus integrantes colocados nos quadros murais espalhados pelo pörtico.

Os não bons eram eliminados discreta e sorrateiramente. Pela manhã percebiam-se alguns clarões na capela, logo preenchidos pelo Assistente, que remanejava seu pessoal. Alguns comentários entre os colegas após o café. Percebia-se, então, que o número dos mandados embora era bem maior do que parecia à primeira vista. Os bons alegravam-se, certos que a partir daí as coisas iam melhorar, tudo ia ser diferente.

Adolescentes e jovens, ao entrarem no convento ou no seminário, o faziam na maior alegria, cientes de que se asseguravam uma série de privilégios e que não faziam outra coisa se não reforçar a nova aliança, da qual eram parte integrante,

Onde se fundamentava tanta segurança e tranquilidade? Na certeza de pertencerem a uma privilegiada força de elite da única Igreja de Cristo, detentora de toda verdade e da garan

tia da salvação eterna. E, na convicção de que sō ela dispunha de meios infalíveis para superar qualquer obstáculo e derrotar o inimigo porque *"as portas do inferno não prevalecerão contra ela."*(61)

Isolados por muros e cercas vivas, encarapitados no alto dos morros ou em locais de difícil acesso, e regidos por um Regulamento quase idêntico àquele dos monges da Idade Média, sentiam-se protegidos do inimigo comum: o mundo.

Sua presença no território era ostensivamente exorcizada com cruzes de madeira ou de metal espalhadas estrategicamente pela propriedade, grutas de santos e da Virgem de Lourdes, de Fátima, de Salette ou outras, a gosto, bustos de santos, fundadores, ou Virgens de azul e branco esmagando a cabeça de uma serpente com o calcanhar. As dependências internas do prédio mantinham as mesmas características: cada sala de aula, dormitório, corredor, refeitório, biblioteca, portaria, sala de visitas e de jogos, quarto ou beco sem saída, devia ostentar num lugar central, visível e privilegiado, um crucifixo padronizado, além de quadros, pinturas e frases nos pontos-chave, tipo: *Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és*. Ou: *Você e Deus são a maioria absoluta*.

Uma vez por ano havia uma benção pública e solene de todas as dependências do prédio, interna e externamente. Cada um devia deixar suas coisas em ordem, ir ao seu lugar na sala de estudo e aĩ permanecer de joelhos e em silêncio até o padre

(61) Bíblia Sagrada - Centro Bíblico de SP, P. 1326.

passar e aspergir o local e as cabeças inclinadas de todos com água benta, e assim, sucessivamente, precedendo o padre e aguardando-o em perfeita ordem, no seu lugar à mesa, na sala de aula, ao pé da própria cama e nos pontos mais visados do pátio.

Afinal, quem era este tão poderoso inimigo, contra quem se levantavam tantas barreiras? *"Sei quem sou quando sei contra quem me oponho. Ao me afirmar estou implicitamente negando tudo aquilo que me nega e que me ameaça de dissolução."*(62) Em outras palavras, a melhor maneira de me avaliar para enfrentar o inimigo e vencê-lo é identificá-lo clara e corretamente: seu nome era Satanás.

Era o inimigo oficial da verdadeira Igreja: Una, Santa, Católica, Apostólica e Romana. Onde residia ele? No mundo. Como se manifestava? Pelo pecado e pela procura do prazer.

Dá a necessidade de construir conventos e seminários nos locais supracitados e manter seus integrantes naquelas condições. Para evidenciar esta afirmação, contavam, com frequência, que um monge da Idade Média, certo dia, foi à cidade e, ao voltar, procurou seu Superior e lhe indagou por que havia sido um demônio que vagueava distraidamente à porta da cidade e tantos e tão atentos ao redor do convento?

E o Superior lhe respondeu: A cidade é o lugar do pecado e da perdição eterna. Ao passo que o mosteiro é o lugar da obediência e da oração. Um demônio, na cidade, é suficiente e mesmo assim, pouco tem a fazer. Para tentar os moradores do convento, porém, são necessários muitos, porque os monges são

(62) ALVES, R.A. *Protestantismo e Repressão*, p. 240.

amigos de Deus e renunciaram a Satanás. Mas, continuou o Superior, o pior demônio não é o que está fora do muro, mas dentro de cada um de nós: a concupiscência da carne, isto é, a inclinação ao prazer. Este só se vence com muita oração e a renúncia total a si mesmo.

Contava-se também que São Luís, antes de entrar para a vida religiosa, andava com o corpo inclinado para frente e os olhos pregados no chão. Temia que a vista do rosto de sua mãe pudesse macular-lhe a pureza da alma.

A obediência incondicionada à autoridade, a repressão do corpo, o desprezo pelo casamento, a alienação social e política e um permanente sentimento de fracasso que os impediam de dizer a própria palavra, caracterizavam os indivíduos do convento ou do seminário. Distinguiam-se, sobretudo, pelo seu relacionamento constante com Deus, auto-denominando-se *homens e mulheres de oração*.

Como conseguiam, padres e freiras, manter o seu mundo e o ideal de identidade do grupo: formar homens e mulheres de oração que, por sua vez, reproduziriam estas características nos seus subalternos e assim sucessivamente, se adolescentes e jovens tivessem tido contato com o mundo, isto é, condições de viver da mesma forma que os colegas de sua idade e experimentado a satisfação de conquistar a própria palavra, manter seu estilo pessoal, ou quem sabe, até provado as delícias da carne? Atingiriam seus objetivos se procurassem seus novos recrutas acenando com a bola de futebol aos *habitantes da cidade*?

Ciente desta realidade, a Igreja procurou manter e privilegiar ambientes que lhes forneciam vocações idôneas,

transformando-as em homens e mulheres de oração, através da intensificação da aliança batismal.

5. Os Mecanismos de Intimidação

Resta-nos, agora, procurar no texto biográfico, uma resposta às seguintes perguntas:

1. Quais são os agentes?

Identificamos vários tipos de agentes no acordo Velhos-Filhos-Igreja, isto é, na aliança batismal:

a. Visíveis-presentes:

- a.1. OS CONSAGRADOS - os que realizaram o desejo de possuir Deus e podiam partilhá-lo.

Eram aqueles que até testamento já tinham feito, mas possuíam bem mais do que se tivessem tudo, mesmo a tudo tendo renunciado. Formavam Confrarias e Alianças avalizadas pelo próprio Deus, do qual eram delegados plenipotenciários: não só o representavam, como o personificavam. Suas mãos tinham sido consagradas, sua boca purificada, seus olhos santificados e seu coração renovado a fim de que pulsasse só para Deus. As

sím eram considerados e tais se sentiam.

"Celebrei minha primeira missa solene, em Rodeio, no dia 8 de dezembro, na capela de São Virgílio. Foi um acontecimento inesquecível. Terminada a missa, dei a benção sacerdotal a meus queridos pais, irmãos, irmãs, parentes e a tanta gente que conhecera em minha juventude. Agora, com grande fé, respeito e devoção vinham buscar a benção a um pobre ser mortal revestido de poderes divinos."(63)

Fundamentavam-se em leis e regimes próprios, respondiam a tribunais internos e eram isentos de vários ônus que arcavam o costado do comum dos mortais. Usavam trajes multicores, anéis e barretes. Ostentavam títulos e prebendas, privilégios e imunidades. Sua mesa era farta e bem servida.

Permitiam-se tranqüilamente aquilo que negavam aos aspirantes, repetindo o que outros fizeram, antes, com eles. Moravam em apartamentos pouco acessíveis, geralmente isolados, limpos, arejados, mobiliados e confortáveis, alegando, talvez para abrandar a própria consciência, que o pecado contra a virtude da pobreza não consistia em possuir bens terrenos, mas no apegar-se a eles. Por este motivo, auto-denominavam-se *pobres de espírito*.

A maioria deles tinha uma postura física como de quem pede desculpas por tudo e por tudo agradece. Sua linguagem era recatada. Pregavam o amor e a caridade, conforme manda o Evangelho. Falavam em jejum e abstinência. Distinguiam-se pela di

(63) Da autobiografia de Frei Virgílio, citada por BERRI, A., *Genealogia*, p. 48.

plomacia em abordar os problemas e pela habilidade em convencer as pessoas. Todavia, se as palavras já não eram mais tão eficientes, invocavam o nome de seu Aliado ou os castigos eternos. Quando não, empregavam outros meios de coerção moral e física.

Caracterizavam-se especialmente pela postura reacionária, com forte vocação autoritária. Eles pensavam possuir um poder incontestável de dizer o que é *normal* ou *anormal*, certo ou errado, bem ou mal, legal ou ilegal, o que deve e o que não deve ser feito. Viviam e agiam como um corpo blindado e impenetrável a qualquer apelo que não contivesse o *nihil obstat*.⁽⁶⁴⁾

Era assim em toda parte. À mesa, a comida tinha que ser aceita sem escolha e sem exceções. Verduras e frutas que repugnavam ou mesmo alimentos deteriorados eram colocados no prato e tinham que ser consumidos sem discussão. Diga-se o mesmo em relação aos *mistérios* - bolinhos, assim denominados, porque ninguém sabia o que continham. Obrigavam-nos a comer tudo e de tudo, alegando que a maioria de nós passava fome em nossas casas, que eles também tinham sido educados assim e que nossos pais fariam o mesmo em seu lugar. Levar para fora e jogar era arriscado. Dedurado, o infrator teria que consumir o alimento naquelas condições.

Foi o que presenciei, certo dia, em Rio do Oeste, Santa Catarina. O Padre Assistente interrompeu o recreio após o almoço, reuniu todos os meninos ao seu redor, apontou para uma vara em cuja extremidade havia um pedaço de carne pairando sobre nossas cabeças. Ele queria saber quem tivera a ousadia de jogá-la na fossa dos sanitários de madeira, do pátio, que não dis

(64) O *ciente* de seus superiores eclesiásticos.

punham de instalações de esgoto. Cochicho vai, cochicho vem, o infeliz pegou a vara, lavou a carne, recolheu-se a um canto e, escoltado por um colega escolhido pelo padre, cumpriu a sentença, enquanto os outros voltávamos aos nossos jogos. E o padre, sozinho, dava voltas ao redor do campo.

Senti muita resistência para contar este fato, tanto é verdade que não consigo lembrar com certeza o nome do padre protagonista do acontecimento. Porém, o que me assusta, hoje, é ver que, naquele tempo, eu estava do lado do padre, parabenizando-me em silêncio e alegrando-me intimamente, enquanto pensava: bem feito. É assim que se deve fazer.

a.2. OS PROFESSOS - os que realizaram o desejo de possuir Deus, mas ainda não podiam partilhá-lo.

Aqueles que já tinham feito o noviciado (ano de prova). Ocupavam uma posição intermediária, como a mãe na família: reprimidos e repressores. Eram membros efetivos de uma nova família, consagrados através dos três votos: pobreza, castidade e obediência, isto é, pela profissão religiosa. Na prática, porém, estavam longe de poder se valer do status do padre.

Eram caracterizados como *em formação*, mesmo beirando os trinta anos ou mais. Eram utilizados junto aos pequenos, outorgando-se-lhes migalhas de poder. Encontramo-los como professores e chefes de disciplina, acompanhando os meninos desde o levantar até o deitar. Sua cama ficava no dormitório, separada por um biombo de tecido branco.

Era um trabalho massacrante, sem sãbado, domingos ou feriados. Mas tinha suas compensações. Permitiam-lhes explicitar algumas habilidades e confirmar ou não algumas expectativas. Confrontar opiniões ou radicalizar as prõprias. Contactar ou evitar pessoas externas. Vislumbrar ou não as verdadeiras intenções subjacentes à *aliança batismal*, ou quem sabe, testar suas aptidões mais acalentadas e tão duramente reprimidas, ou mesmo acabar de vez com aquele jogo de amarelinha: um passinho pra frente, um passinho pra trãs, dar o seu grito e escapulir das garras que o prenderam por tantos anos, tomar sua história em suas mãos, cientes que estavam correndo um grande risco, mas convencidos que aquele caminhão não levava a lugar nenhum.

Para a Chefia, esta era uma fase muito gratificante: a certeza de que sua obra estava tomando forma. Significava , sobretudo, o retorno para suas despesas através de profissio nais especializados, jovens, gratuitos e dedicados e, a garantia de continuidade para o seu mundo. Era também a confirmação do velho ditado: *bove minore a bove maioré accipitur* - isto é, o mais novo aprende com o mais velho.

a.3. OS ASPIRANTES - os que viviam da esperança. Esperança e saudade têm vários pontos em comum e, freqüentemente, se dão as mãos no mesmo coração.

Partem de pontos opostos: passado e futuro. Ambas , porém, se encontram no presente. Em outras palavras, a saudade se caracteriza por tornar presente um bem distante ou dar vida àquilo que já não existe mais. Ao passo que a esperança consiste em fazer o mesmo em relação a um bem futuro.

A saudade pode ser vista nos padres que trabalhavam no mundo - nas paróquias -, e que diziam aos aspirantes sentir necessidade de contatos freqüentes com o seminário para recarregar as baterias. Dom Inácio Krauze, então bispo de Joinville, dizia-se feliz por estar entre nós, pois o seminário de Rodeio era o "jardim, a parte mais importante de sua diocese, a sua esperança".

Percebemos, então, que o seminário era também o lugar da saudade e da esperança. Muito mais desta do que daquela. Ele não tinha só a função de repor as baixas causadas pelos falecimentos ou deserções e abastecer de jovens recrutadas as novas frentes, mas, sobretudo, manter a esperança. Esta tinha a função de alimentar o próprio desejo nos aspirantes e fortalecê-lo naquele que o tinha realizado, através da consagração.

b. Visíveis-ausentes:

b.1. OS PAIS - eram os *tifosi* ou *aficionados* — torcedores fanáticos. Aqueles que apostavam tudo. Para garantir seu projeto, não deixavam faltar nada aos que partiam. Viviam em suas casas o mesmo regime do convento, transferindo para suas famílias a obediência do mosteiro. Sua vida era santa, dedicada a Deus e desapegada dos bens terrenos. Caracterizava-se, sobretudo, pela renúncia a Satanás, através da repressão do corpo e total submissão à Igreja.

"Vitório Berrí recebeu de seu pai um lote de terra que foi pagando aos poucos. Cultivava principalmente arroz e milho. Sempre foi muito trabalhador e econômico, mas não apegado ao dinheiro. (...) Depois dos sessenta anos, suas forças foram declinando. Começou a sofrer de insuficiência cardíaca. Era avesso a tratamentos. Dizia: 'Meu médico é Deus. Quando ele achar que é tempo de ir para o céu, eu vou'. Mas por insistência dos filhos, internou-se no hospital. Melhorou e voltou para casa. Após algumas semanas, porém, o mal retornou. Não quis mais voltar ao hospital. Argumentava que o interesse dele não era ficar aqui na terra, mas ir para o céu.

Vitório sempre foi de comunhão frequente. Quando, na quinta-feira antes de sua morte, o padre Frei Remberto Lessing o visitou, disse-lhe o doente: 'A manhã é a primeira sexta-feira do mês. Desde que foi fundado o Apostolado da Oração aqui em São Virgílio, há mais de trinta anos, nunca perdi uma santa comunhão na primeira sexta-feira. Desejo comungar também na última de minha vida'. Assim aconteceu.

Como Vitório falasse muito em ir para o céu, Frei Remberto lhe disse: 'Quem sabe se Jesus não vem buscá-lo amanhã?' 'Não - retrucou ele, quem vem me buscar é Nossa Senhora'. De fato, no sábado seguinte, ao toque do Angelus, ao meio-dia, em 6 de fevereiro de 1943, fechou os olhos a este mundo para ir contemplar no céu as maravilhas que Deus preparou aqueles que O amam." (65)

Para manter este clima, as entradas no seminário ou no convento, eram celebradas com muita alegria, e a ordenação sacerdotal comemorada com muita festa e alarde:

"Dia 6 de agosto (de 1950), Frei Policarpo foi recebido triunfante pelo povo de São Virgílio, que, animado pelo zeloso padre Vigário Frei Ladislau, havia preparado a mais deslumbradora das festas. Recebida a benção primicial de Frei Policarpo, o piedoso terceiro (Felício, seu pai) assistiu com a alma em festa à missa campal. Havia no altar três filhos e dois sobrinhos. Após todas as solenidades, nada mais precisava senão rezar como o velho Simeão: 'Agora, Senhor, deixai partir em paz vosso servo.'" (66)

Em compensação, a intolerância dos Velhos não conhecia fronteiras. Não admitiam falhas, porque a aliança batismal

(65) Autobiografia de Frei Virgílio, citada por BERRI, A. Genealogia. p. 40-41.

(66) BERRI, A. Genealogia, p. 61-62.

era um acordo com Deus, e todos sabiam que com Ele não se podia brincar.

Cientes desta realidade, muitos temiam abandonar a vida religiosa, fazendo-o com muito sofrimento e ap^{os} muita hesitação. Outros s^o comunicavam ap^{os} o fato consumado, muitas vezes, aparecendo em casa anos depois. Era duro receber na cara palavras como: *frate fals* = padre fajuto, pouco inteligente, desertor,

b.2. PARENTES E BENFEITORES - Os parentes eram pessoas que se comprometiam em ajudar com ora^ões e moralmente e, muitas vezes, financeiramente .

Eles supriam os parentes que estavam longe. Em Rio do Oeste havia a *campanha do quilo*. Era uma esp^{eci}e de confraria. Seus s^{oci}os se comprometiam a fornecer mensalmente um quilo dos g^{en}eros aliment^{ici}os que cultivavam ou o correspondente em dinheiro.

Esta sustentação era muito importante, seja porque aliviava o caixa, pois a maioria vinha de fam^{il}ias pobres, seja pela implicação que o fato acarretava, quando se ouviam frases tipo: "Como podem voc^{es} recusar esta comida trazida com tanto sacrific^{io} por pessoas que nem os conhecem?"

Havia tamb^{em} os padrinhos e madrinhas. Estes adotavam um indiv^{id}uo como se fosse seu filho, o que gerava, tamb^{em}, muita depend^{en}cia.

Parentes e benfeitores eram tipo patrocinadores. Era como quem olha de longe. Suporte discreto, mas importante.

b.3. A SOCIEDADE - a grande torcida. Olhavam atentamente, como quem já fez a sua parte. Mas aguardavam resultados. Se estes não se concretizassem, uniam-se aos Velhos, parentes e benfeitores na pichação geral.

c. Invisíveis-presentes

c.1. DEUS - ele ocupava um lugar privilegiado no ambiente da *aliança batismal*. A Igreja, já vimos, ficava sempre num lote preferencial, num ponto estratégico. Era construída em alvenaria, contrastando com as casas humildes da maioria da população. Seus ministros, padres e freiras, usufruíam de vários privilégios.

No seminário e no convento, a capela ocupava um lugar central e muito especial no prédio. Ali, o esbanjamento de luzes e cores, a abundância de flores e enfeites, enfim, a ostentação e o luxo passavam de pecado a virtude. Cantos, orações e cerimônias eram ensaiadas à náusea, porque "*para Deus, por mais que façamos, é pouco.*"

Seu nome era a palavra mais pronunciada. O primeiro *Deo Gratias* às cinco e meia da matina de todos os dias nos pegava ainda dormindo. Respondíamos que nem robôs. E assim continuávamos até o anoitecer.

Tudo começava e tudo se encerrava com o seu nome. Do dormitório à capela, ao refeitório, à sala de aula e de estudo,

ao trabalho e ao passeio. Quando alguém saía para a rua ou de la voltava devia imediatamente dirigir-se à capela para uma breve oração de praxe. Havia inúmeras orações e exercícios de piedade, a gosto.

Encenações teatrais, artísticas ou literárias eram direcionadas no sentido de embelezar as festas do Senhor, da Virgem ou dos Santos. Concursos, campeonatos e competições, como a do catecismo e outras, fluíam para o mesmo desaguadouro.

Irmandades, Confrarias e Associações religiosas internas reuniam os que se destacavam nos estudos e na piedade. Pertencer a elas dava status. Além destas práticas que lembravam o nome de Deus havia outras, dependendo da devoção individual, como o rosário, que éramos induzidos a rezá-lo diariamente por inteiro, especialmente nos meses de março, maio, junho, outubro e novembro, repetindo 150 ave-marias, 15 pai-nossos e 15 glórias-ao-padre.

Não podemos esquecer que Deus estava sempre presente no coração de cada um, seja pelos estudos ou meditação que naturalmente levavam a isto, bem como pelo modo de trajar e de ser, pelo ambiente, pela campainha que lembrava constantemente o Regulamento e a vida religiosa e, sobretudo, pelo pensamento do Altar, que era o sonho de cada um.

Para sustentar este estado de coisas, os olhos esbarravam frequentemente com santinhos, cruces, crucifixos, quadros, grutas, estátuas, bustos de santos, frases-chave. Deus era invisível e onipresente.

c.2. SATANÁS - O inimigo que a Igreja instituiu como o oposto de si própria, era por demais conhecido dos integrantes da *aliança batismal*.

O homem vivia feliz no *ēden*, na mais perfeita paz e amizade com Deus. O invejoso Satanás, porém, acabou com a felicidade do ser humano. Não sō, mas corrompeu-lhe a natureza. Por isto, todos nasciam com a sua marca, o pecado, ou seja, inclinados para ele e nāo para Deus, mesmo depois de resgatados pela Igreja. Daĩ, todas as baterias se voltarem contra ele pela oraçāo e repressāo do corpo.

2. Que mecanismos de repressāo utilizaram?

a. Físicos

a.1. PRÁTICAS DE PIEDADE - Eram o termostato que mantinham o *clima*. Assim: a meditaçāo, a leitura espiritual e o exame de consciēncia diários, a confissāo semanal, a palestra de todos os sābados, os retiros mensal e anual, a preparaçāo às festas da Virgem Maria, dos Anjos e dos Santos com trīduos, novenas e procissōes, bem como a comemoraçāo das festividades da Igreja, de acordo com o calendārio litūrgico. A ênfase às práticas especiais nos meses de março, maio, junho, outubro, novembro e dezembro. Sem contar a oraçāo individual e grupal: alimento do seminarista.

Ela e as práticas de piedade eram distribuídas no horário de forma a permear-lhe completamente a vida. Assim como a vela de cera se consome para iluminar e a lamparina do Santíssimo Sacramento permanece constantemente acesa, diziam-nos, a mente do seminarista deve conservar-se sempre vigilante na presença de Deus.

Esta era sua grande característica. O Padre Pavese dizia-nos, brincando, que ele tinha um truque infalível para identificar o seminarista na praia: pelo joelho. Se era pele grossa e sem pelos, não dava outra.

As práticas de piedade e a oração, na realidade, eram parte importante da operacionalização da ideologia: Deus é tudo. Para atingir este objetivo, nada melhor do que transformar o seminarista no *homem de oração*.

a.2. AS PENITÊNCIAS - Disciplina - eram o óleo que amenizava as resistências à formação e restabeleciam o clima.

Consistiam, na realidade, em outras formas de repressão do corpo, apresentado como aliado do inimigo comum, o demônio, o mundo. Ele precisava ser domado para que não levasse a si mesmo e à alma à condenação eterna.

Como? Deixando de olhar, de falar, de ouvir, de pensar, de comer ou de beber o que se queria ou apetecia e esco

Ter o que não se gostava, causava resistência ou repugnância. Enfim, deixar de ser si mesmo, renunciar à própria vontade, à própria palavra. Para que?

Visava, no fundo, formar homens obedientes e submissos a seus Superiores, atendendo a todos os seus desejos, mesmo os ridículos e grotescos, convencidos de que são a mortificação e a obediência que propiciariam condições para domar o próprio corpo e vencer todas as tentações, especialmente o orgulho e as seduções da carne, porque *"vosso adversário, o demônio, anda ao redor de vós como o leão que ruge, buscando a quem devorar"*. (67)

a.3. O REGULAMENTO - Era a forma à qual todos deviam se submeter. Ele regulava a vida individual e grupal, nos mínimos detalhes.

Estabelecia o horário de levantar e deitar e as relações entre os indivíduos interna e externamente. Dispunha sobre as atividades diárias, semanais, mensais, semestrais e anuais, bem como sobre as solenidades litúrgicas de modo geral e as comemorações específicas de cada Congregação.

Determinava sobre o cabelo e o vestuário, sobre a colcha da cama e a cor do sapato e da meia. Assim, as roupas deviam ser de cor escura e folgadas, especialmente a cueca, para evitar tentações contra a castidade. Pelo mesmo motivo, as mãos deviam ficar sempre fora dos bolsos e, à noite, na cama, fora dos cobertores, mesmo durante o inverno.

(67) Bíblia Sagrada - Centro Bíblico de SP - p. 1570.

Estabelecia também que as amizades deviam ser exorcizadas a qualquer preço e que cada um era responsável por todos, devendo relatar ao Superior qualquer irregularidade ou suspeita de algo diferente em relação aos colegas. Talvez por este motivo os líderes, na Itália, eram apelidados de *tubi*, isto é, tubos, dutos, ou seja, os canais oficiais que recolhiam as informações e as levavam à Chefia.

Discorria sobre a postura física e moral, enfim, um cardápio completo. Pudera! O Regulamento era uma cópia daquele dos monges da Idade Média. "*Oltre al Regolamento ci hanno lasciato anche il monastero*"⁽⁶⁸⁾ - me disse sorrindo um colega italiano, ao lhe mostrar a data no portão principal do Mosteiro de Certosa di Pesio, a uns 70 quilômetros de Turim e a 900 metros de altitude, onde iríamos passar as férias de verão.

a.4. A CAMPAINHA - Era a operacionalização do Regulamento. Ou seja, o lembrete: à postos na linha de montagem - formação em processo.

Era considerada a voz de Deus. Devia ser obedecida sem discussão. Ela interrompia qualquer atividade, desconhecida tempo ruim, falta d'água ou de energia elétrica. Ninguém podia atrasar. Tudo era grupal. As faltas eram facilmente caracterizadas e comentadas pelos colegas. Na capela ocupava-se sempre o mesmo lugar. Assim no estudo, no refeitório, nas aulas, no trabalho e no recreio.

(68) Além do Regulamento, nos deixaram também o Mosteiro.

O sineteiro - encarregado de tocar a campainha - era sempre um cara de certo prestígio. Depois do primeiro sinal , às 5h e 30m da matina, dado pelo padre, corria tudo por conta dele. Uma distração sua significava encrência na linha de montagem, uma brecha no esquema. A expectativa da *comunidade* a seu respeito era muito grande. Sua antena tinha que estar sempre de plantão.

b. Justificações Ideológicas (Teológicas)

A palavra garante ao homem transformar-se e sujeitar o mundo ao seu desejo. Ela não é um direito adquirido. Cada *indivíduo* precisa conquistá-la na relação com outrem. Todavia , para reduzi-lo à submissão e à obediência, é suficiente *impedi-lo* de conquistá-la, isto é, reduzi-lo ao silêncio e obrigá-lo a repetir a palavra de Deus, da Autoridade, do padre, do pai, do professor e da sociedade.

A necessidade de impedir a transformação e preservar o mundo dos Velhos-Igreja ameaçado pela diminuição da saudade e pelo surgimento da palavra que começava a emergir no bojo do descontentamento das gerações novas por aquele estado de coisas, *implicava* na reformulação da estratégia. Qual a solução adotada?

Transformar o Cincoenta no lugar da Santidade.

Por que?

A onipresença e a sagacidade do inimigo exigiam a constituição de um grupo numeroso de *filhos obedientes* que o identificassem clara e rapidamente, e mais rapidamente ainda o

eliminassem. Isto significava disputar-lhe o terreno palmo a palmo, pois ele desfrutava de duas grandes vantagens iniciais: todos nasciam sob o seu jugo e com a sua marca e, conseqüentemente, dele sentiam saudade, mesmo depois de resgatados pela Igreja.

O resgate, através do batismo, tinha o seu preço:

"Depois que o batizando mesmo ou pela boca de seus padrinhos, renunciou a Satanás e as suas obras (aos pecados), e às suas pompas (vaidades do mundo), o sacerdote unge-o no peito e entre as espáduas com óleo dos catecúmenos; esta unção significa que, como soldado de Cristo, o batizando terá de sustentar lutas contra o demônio e o mundo. (...) O batismo faz nascer os filhos de Deus, a confirmação (ou crisma) os faz crescer e os transforma em cristãos fortes e soldados de Cristo. (...) Que graças produz a confirmação?

- 1) A confirmação aumenta em nós a graça santificante;
- 2) dá-nos o Espírito Santo para professarmos intrepidamente a nossa fé e para lutarmos contra os inimigos da salvação;
- 3) imprime em nossa alma o caráter de soldado de Cristo.

(...) Que graças concede o batismo?

- 1) O batismo purifica do pecado original e de todos os outros pecados;
- 2) apaga todas as penas temporais e eternas;
- 3) concede, com a graça santificante, as virtudes sobrenaturais, e assim nos faz filhos de Deus e herdeiros do céu;
- 4) imprime em nossa alma um caráter indelével e nos faz membros de Cristo e de sua santa Igreja.

(...) Que é a Igreja?

A Igreja é a sociedade visível de todos os cristãos que professam a mesma fé, sob a obediência de um chefe comum, o Pontífice Romano, e dos Bispos unidos a ele."(69)

(69) DEHARBES, P.J. Grande Catecismo Católico, p. 313, 314, 315, 307, 117. (grifo do autor)

Qual a pedagogia utilizada?

A tática consistia na obediência, através da *aliança batismal*. Tratava-se de intimidar os estranhos para mantê-los afastados e impedi-los de entrar. Ao mesmo tempo, procurar desestabilizar o inimigo, roubando-lhe o maior número possível de adeptos, renovando-os e transformando-os em doces filhos seus. Quanto aos íntimos, tratava-se de conservá-los dentro e impedi-los de se manifestarem, bem como liberar todos os recém-nascidos das garras de Satanás desde a mais tenra infância, dar-lhes um nome, blindá-los e protegê-los cuidadosamente no seu aprisco. Em segundo lugarurgia conservar sempre vivo no coração de todos os católicos o ódio àquele que ela instituíra como o oposto de si própria e, instilar, cada dia mais na mente de seus filhos, o perigo que ele representava. Uma muralha sólida e intransponível pareceu-lhe mais eficiente que muitas pequenas barreiras. Assim, ela:

1º) Auto-proclamou-se a única e verdadeira Igreja de Cristo.

2º) Escancarou o inferno sob os pés dos maus - todos os outros - e dos filhos recalcitrantes, conforme ela mesma ensinava:

"Que são matrimônios mistos?"

Matrimônios mistos são casamentos entre cristãos católicos e acatólicos. Que se deve ensinar a respeito dos casamentos mistos? A respeito dos casamentos mistos, deve-se notar que a Igreja com toda razão reprova tais casamentos e não os permite, a não ser que haja razões importantes e seja garantido que as condições impostas pela Igreja serão cumpridas. O Papa Bento XIV diz que tais casamentos

são 'detestáveis' (*connubia detestabilia*) e declara que só os tolera com coração amargurado para evitar piores males. (...) Que condições impõe a Igreja, quando permite matrimônios mistos? Quando a Igreja permite matrimônios mistos, impõe as três condições seguintes:

- 1) que a parte católica possa praticar sua Religião sem obstáculo e que não haja para ela perigo de perversão;
- 2) que seja previamente garantida a educação católica dos filhos;
- 3) que a parte católica se interesse e faça o possível por palavras e exemplos, para convencer a parte não católica da verdade e santidade da fé católica. (...) O matrimônio deve ser contraído perante um sacerdote católico; sem isto é inválido."(70)

"A Igreja precisa impor estas condições, do contrário, ou seria indiferente diante do perigo da condenação eterna de seus filhos, ou negaria que é a única Igreja verdadeira, a única Igreja em que há salvação."(71)

Como se explica a aceitação deste novo estado de coisas?

Velhos-Igreja estavam interessados na manutenção do status quo. Muitos adolescentes e jovens aceitavam a repressão certos que, no futuro, também eles se beneficiariam dela. Daí a facilidade da concretização da nova aliança, apesar do aparente ônus que ela trazia no seu bojo, com a implantação da disciplina do mosteiro na família.

Enquanto no Brasil inteiro aconteciam transformações sociais, o Cincoenta continuava sempre igual a si mesmo: seus

(70) DEHARBES, P.J. *Grande Catecismo Católico*, p. 389, 390 e 391, (grifo do autor)

(71) DEHARBES, P.J. *Grande Catecismo Católico*, p. 391.

filhos, agora, nasciam com o sinal da cruz no coração. Seus pais os libertavam do inimigo desde a mais tenra infância. Tão esperançosos eram de terem filhos padres e freiras que os consagravam ao Senhor mesmo antes de seu nascimento. Por este motivo, dificilmente tinham *saudade do mundo*. Esta sõ existe no coração de quem já esteve *lá*. De quem viu, conheceu, gostou, sofreu, amou e se separou de um bem a que estava ligado. Afinal, de quem trouxe o desejo ao invés da realidade.

Nada disto acontecia com a maioria dos nossos adblescentes e jovens. Eles não nasciam com o *mapa do mundo* desenhado no coração como os filhos dos *habitantes da cidade*. Estes eram desconhecidos e odiados. Eram considerados maus, perversos, traiçoeiros, imundos, sujos, pecadores e, *coitadinhos*... Para eles não havia salvação. Já tinham recebido sua recompensa neste mundo. Sõ lhes restava o fogo do inferno.

Assim foi fácil controlar ou eliminar a *saudade do mundo* e transformar o Cincoenta no lugar da santidade, na localidade que deu o maior número de *padres franciscanos* à Província da Imaculada Conceição. Como conseguiram tão grande feito?

Pela obediência. Em que consistia ela? Na renúncia ao próprio ser.

Desde a mais tenra idade colocava-se na cabeça das crianças que os filhos tinham que andar *driti com'el fil* e que com Deus não se podia brincar. Estas sabiam também que tinham sido resgatadas por Deus e que isto tinha o seu preço: o acordo feito com Ele tinha que ser realmente levado a sério, reprimindo-se todos os desejos que pudessem ameaçá-lo, mesmo os mais naturais ou conforme o capricho dos Velhos.

Para atingir este objetivo - formar filhos obedientes, isto é, incapazes de afirmação pessoal -, os Velhos mais influentes se filiaram a todas as Confrarias religiosas do lugar e começaram a repassar mais sistematicamente nos filhos o desejo não realizado de tornar-se padre ou freira, como na casa do Savino Bona. Dos 12 filhos, só o antepenúltimo não pode entrar no seminário. Dos 11 restantes ficaram 9: 3 padres e 6 freiras. Ou como na minha casa. Dos 9 filhos do segundo casamento, o mais novo também não pode entrar por motivo de saúde. A Ida conseguiu escapar. Dos outros sete, quatro freiras continuam até hoje e dois só conseguimos sair depois dos vinte e cinco anos ou mais.

Mas as coisas nem sempre eram assim tão tranquilas como poderiam parecer à primeira vista. A envolvente pedagogia da *aliança batismal* sabia também ser dura e prepotente quando circunstâncias desfavoráveis ameaçavam o seu desempenho.

Além da negação da palavra aos filhos e da muita oração, da severidade e da intolerância, a violência moral e física estavam na ordem do dia, como o uso da vara, puxões de orelha e castigos diversos. Ou como o pai que deixou propositadamente de registrar alguns de seus filhos no cartório na expectativa de que entrassem no seminário e lá permanecessem.

Se dar um nome é atribuir-lhe uma identidade, não registrá-lo civilmente, era castrá-lo como cidadão. Era também mais uma tentativa de burlar o mundo, tirando os filhos do seu domínio desde a mais tenra infância. De fato, eles eram destinados ao Altar do Senhor, pois nasciam com o sinal da cruz no coração. Portanto, só de Deus receberiam o nome, a verdadeira identidade, à entrada do noviciado.

A violência era empregada tanto com os que ficavam na família quanto com os que permaneciam no seminário ou abandonavam. Estes eram recebidos a contragosto e estigmatizados de várias maneiras. Afinal, a manutenção do seu mundo era uma questão acima de qualquer discussão.

4. Quais os Resultados sobre Comportamento e Identidade?

O comportamento das pessoas silenciadas na infância se caracteriza pela incapacidade de afirmação pessoal. Obediência, repetição e falta de originalidade são sua marca registrada. Daí a reviver o passado no presente preservando, assim, o mundo dos Velhos, era uma consequência natural para muitos jovens e adolescentes do lugar.

A entrada no convento ou no seminário, feita com muita alegria, continha todos os ingredientes de uma festa: era o início da concretização de um grande sonho. Era o aval que seu mundo esperava. Implicava, porém, numa ruptura com as próprias raízes: família e sociedade, isto é, o mundo. Na verdade, uma ruptura consigo mesmo, pois a pedagogia da *aliança batismal* não admitia meio-termo. Bons conhecedores desta realidade, padres e freiras demonstravam que levavam a coisa a sério, jogando duro desde o chute inicial.

Logo no começo dos meus tempos de Rodeio, Frei Querubim nos alertou que ele gritava *AVE* e não *abre* quando alguém batia na porta de seu quarto, conforme se lia: "*Entrando o an*

jo, disse-lhe (ã Maria): 'Ave, cheia de graça, o Senhor é con
tigo; bendita és tu entre as mulheres'". (72)

Dizia-nos, também, que nossas cartas deviam conter , logo apōs a data e bem legível a expressão: Paz e Bem, ouvida nas ruas de Assis da boca de um senhor nobremente trajado - pro vavelmente um anjo do céu -, no dia do nascimento de São Francisco. E que nōs orientássemos nossos parentes a fazerem o mes mo quando nos escrevessem.

E complementava, comentando a cerimônia da entrada no noviciado, que assistíamos, dizendo que jovens, de aproximadamente vinte anos, com o segundo grau completo, se ajoelhavam aos pēs do Padre Guardiã, o qual os despojava do paletō e da gravata, jogando-os a um canto, juntamente com o prōprio nome. Recebiam, em troca, o burel franciscano, o cordão, o rosário e as sandálias. Eram-lhes cortados os cabelos em pūblico, como Santa Clara, em sinal de renūncia às vaidades do mundo, ganhando, em compensaçã, um novo nome, que significava sua consagração total a Deus. A cerimônia era presenciada pelo maior nūmero possível de parentes, amigos e simpatizantes, benfeitores e torcedores, terminando com um suculento almoço, regado a champagne e cerveja no Salão Cristo Rei, do qual sō pegávamos o ba ruho.

Na sua auto-biografia, Frei Virgílio Berri assim des creve o fato:

(72) BÍblia Sagrada - Centro Bíblico de SP, p. 1368.

"Após sete anos de estudo (no seminário de Rio Negro), ingressei, em 1931, no noviciado, onde o meu nome de Batismo, Germano, foi mudado para Frei Virgílio, em homenagem ao padroeiro da Capela do distrito em que nasci."(73)

"A transformação da identidade, tanto quanto sua gênese e sua manutenção, constitui um processo social. Já mostramos como qualquer reinterpretação do passado, qualquer 'alternação' (conversão) de uma auto-imagem para outra, exige a presença de um grupo que conspire para provocar a metamorfose. Aquilo que os antropólogos chamam de rito de passagem envolve o repúdio de uma antiga identidade (digamos, ser criança) e a iniciação numa nova identidade (como a de adulto). As sociedades modernas possuem ritos de passagem mais brandos, como a instituição do noivado pela qual o indivíduo é gentilmente levado, por uma conspiração de todos os envolvidos, a transpor a linha divisória entre a liberdade do celibato e o cativeiro do casamento. Não fosse essa instituição, um número bem maior de pessoas seria tomado de pânico ao último momento, diante da enormidade do passo que estão prestes a dar."(74)

A aceitação oficial desta nova identidade e deste novo nome a partir da conclusão do noviciado com a profissão religiosa, constituía-se num passo tranqüilo e seguro e numa conquista cheia de alegrias para os noviços que galgavam o monte santo do Senhor. Foi assim comigo e com meus oito colegas, exceto um que foi afastado por motivo de saúde. Sô fazíamos esperar o tempo passar, para fazermos os votos no fim do ano⁽⁷⁵⁾. Como se explica isto?

Este passo era abrandado pela conspiração global fundamentada na aliança batismal. Ela imprimia no coração de cada

(73) Citado por BERRI, A. Genealogia, p. 48.

(74) BERGER, P. Perspectivas Sociológicas, p. 117.

(75) Cf. pg. 74.

filho, seu destino desde o berço. Sua concretização era sō questão de tempo. Realmente sō questão de tempo, não. Vimos que padres e freiras, cientes da magnitude da sua responsabilidade e desejosos de levar sua tarefa a bom termo e dentro do prazo, não perdiam seu tempo com amenidades.

E os Velhos, perfeitamente em forma, não perdiam o rebolado:

"Fui batizado no dia seguinte ao meu nascimento, por Frei Crisóstomo Adams, OFM, na igreja Matriz (em Rodeio). Foram meus padrinhos o avô paterno Gaspare Berri e a avô materna Rosa Girardi Pisetta. Im puseram-me o nome Germano, santo Bispo de Paris, que, conforme a folhinha, era comemorado no dia do meu nascimento. O sacramento do crisma foi-me conferido por D. Joaquim Domingues de Oliveira, aos 10 de julho de 1915, sendo padrinho meu tio Vicenzo Berri.

Pouco tempo depois, fiz a minha primeira comunhão na capela de São Virgílio. Foi numa primeira sexta-feira do mês. Celebrante, Frei Modesto Bloing, então mestre de noviços. Lembro-me ainda do breve e piedoso fervorinho feito à hora da comunhão. Des cobriu o cibório e foi falando do 'Bambim Gesù'... (...) Terminado o quarto ano primário, fiquei trabalhando em casa, na agricultura. Em 1923, papai me matriculou no Colégio Santo Antonio, de Blumenau. Ia estudar contabilidade. Lá também, um dia o Padre Guardiã, Frei Ciríaco Hielscher, me perguntou se não queria estudar para padre franciscano. Dei resposta negativa. Mas, nas férias, decidi, aos 16 anos de idade, entrar no seminário. Frei Cância (seu irmão), dois anos mais novo do que eu, resolveu ir junto. Tão grande foi a alegria de Frei Policarpo (Vigário de Rodeio) e também de meu pai que resolveram acompanhar-nos até Rio Negro (PR), onde funcionava o seminário." (76)

Vimos, anteriormente, que o mundo humano é constituído pela palavra. Uma linguagem encerra um mundo. O estabelecimento de um império não acontece sem uma correspondente autori

(76) Da auto-biografia de Frei Virgílio, citado por BERRI, A. Genealogia. p. 47-48.

zação dos discursos. Nunca os homens se transformaram se não modificaram seu modo de falar. Talvez seja por isto que o Júlio (77) e seus colegas, logo no começo de seus tempos de seminário, tiveram que aprender o alemão. Seus professores só falavam esta língua nas aulas, exceto um, Frei Henrique Golland Trindade, que falava também o português. Talvez isto explique porque as sandálias dos Frei Henrique de Coimbra seguiam e reforçavam as pegadas das botas dos nossos católicos descobridores.

Crianças de dez anos repetíamos constantemente palavras como: *Deo Gratias, Alleluia, Tantum Ergo*, como autênticos robôs. Assim como nos induziam a falar matrimônio para casamento, senhora para mulher, jovem para rapaz e donzela para moça.

Se a apropriação da palavra é uma das tarefas capitais do ser humano - aquela que lhe garante seu modo de ser pessoal -, obrigá-lo a aprender outra linguagem, isto é, a renunciar à própria é a melhor maneira de obrigá-lo a viver como estrangeiro no próprio país, ou seja, de dominá-lo. A transformação e conseqüente dominação são acontecem com a autorização da linguagem.

A dominação em andamento nestes ambientes pode apresentar-se, à primeira vista, como um processo unilateral. Mas não era. Era fruto de uma conspiração global. Todos tinham muito a ganhar com isto. Padres e freiras, adolescentes e jovens

(77) Júlio Berri, irmão mais novo de Frei Virgílio, permaneceu no Seminário Franciscano de Rio Negro de 1923-1934, abandonando-o após o curso de Filosofia.

encaravam a aquisição e o domínio desta nova linguagem como al
go indispensável - *conditio sine qua non* - para se ter acesso
a um novo mundo, o de Deus, o dos Velhos, no fundo o seu sonho.

C O N C L U S Ã O

A negação da palavra na família, a repetição na escola e o aniquilamento da originalidade na Igreja envolvia toda uma tecnologia para a geração de filhos obedientes e submissos, incapazes de afirmação pessoal. Eles reviveriam o passado no presente e propiciariam a manutenção do status quo.

Na verdade, os que foram marcados pelo silêncio imposto na educação, sentem-se incapazes de apropriar-se de sua palavra e, ao mesmo tempo, impossibilitados de conceder espaços para que outros a conquistem, bem como repassam aspectos negativos de sua personalidade até nos seus entes mais caros.

Como se explica a permanência neste estado apesar do sofrimento que isto implica e do esforço em contrário?

O homem é um ser inconcluso, mas que faz história. Daí a possibilidade de humanização ou desumanização. Esta última é um fato concreto, na história. Não é um destino dado, mas resultado de uma ordem injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos⁽⁷⁸⁾.

(78) FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. p. 30.

A vocação do homem, porém, é a humanização. Sua função é re-fazer o mundo, torná-lo mais humano através da reflexão-ação, sendo sujeito de sua história.

"Existir, humanamente, é 'pronunciar' o mundo, é modificá-lo. O mundo 'pronunciado', por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos 'pronunciantes' a exigir deles novo 'pronunciar'. Não é no silêncio (imposto) que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é praxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la 'para' os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra dos demais." (79)

Por que o autoritarismo na educação se instaura pelo silêncio?

O mundo humano é constituído pela palavra. Sua aquisição é, portanto, uma das tarefas capitais para todo indivíduo. Negar-lhe o direito à conquista da própria palavra é a melhor forma de dominá-lo. Por que? Aquele que só aprendeu a fala que não permite o dizer vive constantemente sob o impacto do medo e da incapacidade de dizer-se. De tanto dizer o que é do outro ele tem medo de ser si mesmo, tendendo a re-produzir a fala autoritária. Como? Transformando-se em subopressor, não querendo a libertação mas a identificação com eles ao hospedar o opressor em si mesmo. Esta conivência e conluio - de que já falamos - é o paradoxo que temos que enfrentar.

(79) FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, p. 92-93.

Onde ele se fundamenta?

a. No medo da liberdade

"Os oprimidos, que introjetam a 'sombra' dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que 'preenchessem' o 'vazio' deixado pela expulsão, com outro 'conteúdo' -- o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. A liberdade, que é uma conquista e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem o faz. Ninguém tem liberdade para ser livre; pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é idéia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos".(80)

b. Na Educação

Temos assim:

. Educação como prática da dominação. Caracteriza-se por apresentar a realidade como algo parado, estático e bem-comportado. O saber se apresenta como doação daquele que tudo sabe (educador) àquele que tudo ignora (educando). Este saber não é feito de experiência. É só narrado. Daí a negação da pa

(80) FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. p. 35.

lavra aos filhos, na família, a repetição e a proibição de fazer perguntas, na escola e a renúncia ao próprio ser, na Igreja. O educando não é chamado a conhecer, mas a memorizar o conhecimento. Não lhe é permitido dizer a própria palavra. São repetir a fala da Autoridade. O objetivo desta educação é formar homens obedientes, incapazes de dizer a sua palavra, criar autômatos, desumanizar. Trata-se, na realidade, de uma espécie de anestesia para gerar seres incapazes de afirmação pessoal e ainda mais temerosos da liberdade. (81)

. Educação como prática da liberdade. Caracteriza-se pela superação da contradição educador-educando. Sua função é gerar personalidades capazes de construir a vida, re-criar e transformar incessantemente a si mesmas e a realidade.

"A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens." (82)

Como se explica tanta resistência para libertar-se?

O medo da liberdade e a incapacidade de afirmação pessoal, consequência da dualidade humana e do silêncio imposto na educação, deixam marcas profundas. Levam as pessoas

(81) FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, p. 34.

(82) FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, p. 81.

"... a assumir mecanismos de defesa e, através de racionalizações, escondem o fundamental; enfatizam o acidental e negam a realidade concreta(...) ... sua tendência é ficar na periferia dos problemas e rechaçando toda tentativa de adentramento no núcleo mesmo da questão. Chegam, inclusive, a errtar-se quando se lhes chama a atenção para algo fundamental que explica o acidental ou o secundário, aos quais estão dando significação primordial." (83)

Por este motivo, muitos silenciados preferem repetir o dizer do outro ao invés de lutar pela conquista da própria palavra.

"Querem ser, mas temem ser (livres). São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não ao opressor de 'dentro' de si. Entre se de salienarem ou se manterem alienados. Entre segurem prescrições ou terem opções. Entre serem espectadores ou atores. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam, na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo". (84)

A libertação desta circularidade apresenta-se como uma tarefa lenta e dolorosa e nunca de maneira definitiva.

"A libertação, por isto, é um parto. É um parto do loroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor ; não mais oprimido, mas homem libertando-se". (85)

(83) FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, p. 112.

(84) FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, p. 36.

(85) FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, p. 36.

Por que?

Porque todos temem conquistar a palavra e relutam em assumi-la e mantê-la: os silenciados - com isto deverão extrojetar a sombra dos silenciadores. E estes, pelo medo de perder a liberdade de silenciar.

"Quando, porêm, por um motivo qualquer, os homens se sentem proibidos de atuar, quando se descobrem incapazes de usar suas faculdades, sofrem."(86)

O não poder atuar e o sofrimento os força a restabelecer sua capacidade de ser, tornando-se sujeitos de sua prôpria história. Todavia, o desejo de lutar pela prôpria palavra não é doação, mas resultado de conscientização. Dizer a palavra é um direito de todos. Mas é preciso conquistá-lo para usufruí-lo.

(86) FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, p. 75.

B I B L I O G R A F I A

a. Livros

ALLPORT, G.W., *Desenvolvimento da personalidade*. Ed. Herder ,
SP, 1970.

_____. *Personalidade*. EPU/Edusp, SP, 4a. reimpressão, 1974.

ALVES, R.A. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Cortez Edito-
ra/Autores Associados, SP, 1983.

_____. *Protestantismo e repressão*. Editora Ática, SP, 1982.

_____. *O que é Religião?* Brasiliense, 3a. ed., SP, 1981.

_____. *Teologia della speranza umana*, Queriniiana, Brescia ,
1971.

ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*. *Totalitarismo, o
paroxismo do poder*. Ed. Documentário, Rio de Janeiro, 1979.

- BERGER, I.P., *Perspectivas sociológicas*. Vozes, Petrópolis, 1980.
- BERGER, I.P. e LUCKMANN, T., *A construção social da realidade*. 4a. ed., Vozes, Petrópolis, 1978.
- BERRI, A. *Genealogia - famílias Berri e Pisetta*. "Fundação Casa Dr. Blumenau" - Blumenau-SC, 1983.
- BOWLBY, John, *Cuidados maternos e saúde mental*. Livraria Martins Fontes Ed. Ltda, SP, 1981.
- BRANDÃO, C.R. *O que é Educação?* Brasiliense, 5a. ed., SP, 1982.
- CASSIRER, E. *Antropologia filosófica*, Ed. Mestre Jou, SP, 2a. ed., 1977.
- CANEVACCI, M. *Dialética da família*, Brasiliense, SP, 2a. ed., 1982.
- CHAUI, M. *Cultura e Democracia, o discurso competente e outras falas*, Editora Moderna, 2a. ed., 1981.
- DEHARBES, P. José. *Grande catecismo católico*, 6a. ed., Ed. Paulinas, SP, 1956.
- FINARDI, E.J. *Colonização italiana de Acurra - 1876-1976*, Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Blumenau - SC, 1978.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*, Paz e Terra, 10a. ed., 1981, SP.

_____. *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra, SP, 13a. ed., 1982.

FURTER, P. *Educação e Vida*, Vozes, Petrópolis, 9a. ed., 1979.

GOFFMAN, E. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Vozes, Petrópolis, 1975.

GOLDBERG, M.A.A. *A educação sexual, uma proposta, um desafio*. Coleção tempo mulher, Ed. Aruanda, SP, 1982.

HARRIS, T.A. *Eu estou OK - Você está OK. As relações do bem-estar pessoal*. Ed. Artenova Ltda, Rio de Janeiro, 1977.

NOSELLA, M.L.C.D. *As belas mentiras*. Ed. Moraes, SP, 5a. ed., 1981.

MONROE, P. *História da educação*, Atualidades Pedagógicas, vol. 34, Com. Ed. Nacional, SP, 14a. ed., 1979.

ORLANDI, E.L. *A linguagem e seu funcionamento - as formas do discurso*. Brasiliense, SP, 1983.

PAPALIA/OLDS, *O mundo da criança*, McGraw-Hill, SP, 1981.

RIEFF, Philip. *Freud: the mind of the moralist*. New York Garden City, Doubleday, 1961.

ROMANELLI, O.O. *História da educação no Brasil*. 3a. ed., Vozes, Petrópolis, 1982.

RUBEN, G.R. *O que é nacionalidade?* Brasiliense, SP, 1984.

SPITZ, R.A. *O primeiro ano de vida*. Livraria Martins Fontes Editora Ltda, SP, 1979.

BÍBLIA SAGRADA, Centro Bíblico de SP, Ed. Ave Maria, 10a. ed. , SP, 1967.

O NOVO CATECISMO, Instituto Catequético Superior de Nijmegen , Holanda, Ed. Herder, SP, 1969.

b. Artigos

Revista *Reflexão* da PUC-Campinas, SP, nº 13, "Notas Introdutórias sobre a Linguagem".

Jornal *Folha de São Paulo*, Al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, SP.

Jornal *L'Adige*, Via Rosmini, 33 - Trento - Itália.